



PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Luciana Santos Barbosa

AURELIZA ALVES DO NASCIMENTO (1927-1971)  
EM BUSCA DO RECOMEÇO: MULHER, PROSTITUIÇÃO E  
VIOLÊNCIA EM TERRAS JORGE-AMADIANAS.

MESTRADO EM HISTÓRIA

São Paulo

2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Luciana Santos Barbosa

AURELIZA ALVES DO NASCIMENTO (1927-1971)  
EM BUSCA DO RECOMEÇO: MULHER, PROSTITUIÇÃO E  
VIOLÊNCIA EM TERRAS JORGE-AMADIANAS.

MESTRADO EM HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de MESTRE em História sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> YVONE DIAS AVELINO.

São Paulo

2010

Banca Examinadora

---

---

---

Dedico este trabalho a minha família e aos meus ancestrais, que são força e inspiração  
nesta minha intensa experiência que é viver e buscar o passado.

Palavras- chaves:

Gênero, Tradição Oral e Literatura

Resumo:

Esta pesquisa gira em torno das questões de gênero, tradição oral e literatura, a partir do cruzamento que se faz da história de vida de Aureliza Alves do Nascimento e das histórias fictícias do escritor baiano Jorge Amado. Aureliza não aceitou a realidade que lhe foi imposta e a humilhação de ser traída por seu marido na pequena cidade de Ibicaraí, no sul da Bahia, e foi buscar o recomeço na grande São Paulo. Para este recomeçar ela partiu numa jornada onde tentou recuperar seus filhos, abandonados temporariamente por ela na Bahia, quando ocorreu sua fuga, enfrentando os obstáculos criados pelas relações sexistas que assolam até hoje esses dois espaços que ela ocupou.

Key Words:

Gender, Oral Tradicion, Literature.

Summary

This research revolves around matters of gender, oral tradition and literature. The life story of Aureliza Alves do Nascimento is entwined with the fictitious tales written by Jorge Amado, a baiano book writer. Aureliza did not accept the reality imposed upon her nor the humiliation of having been betrayed by her husband in the small town of Ibicaraí, south of Bahia. She decided to restart her life in the Great São Paulo, and temporarily left her children behind. Her journey towards freedom and a new life only ended when she reunited with them, not without facing all sorts of setbacks generated by sexist relationships still faced by women both in São Paulo and Bahia.

## SUMÁRIO

<b>Considerações Iniciais</b> .....	08
<b>Capítulo 1 - As terras amadianas onde vivia Aureliza Alves do Nascimento</b> .....	21
Como meninas de Tocaia Grande ou	
A infância adulta nas roças de cacau das terras jorge-amadiana.....	21
O florescer da mocidade, pisoteada nas barcaças de cacau.....	34
A primeira fuga de Aureliza: o casamento. ....	40
<b>Capítulo 2 - Aureliza decide partir para a cidade grande, deixando o grito de Tereza escapar de seu peito.</b> ....	51
Na cidade, Aureliza desfruta de uma vida	
como foi a vida de casada de Dona Flor .....	51
As farras boêmias de Edinho, não encontraram na casa de Aureliza,	
a compreensão que Vadinho encontrou com Dona Flor .....	67
A decisão de Aureliza que a levou a caminho de um recomeço .....	82
<b>Capítulo 3 – Aureliza parte em busca do recomeço</b> .....	89
Chegada e lágrimas na selva de pedras, a “terra de fartura”,	
a mesma que acolheu Tieta, que assim como Aureliza já	
chegou planejando o regresso. ....	88
Seis infâncias perdidas ou	
Como os seis filhos de Aureliza sobreviveram a sua decisão de Tieta.....	96
Os regressos de Aureliza ou como na busca do recomeço,	
Aureliza encontra o fim na terra onde tudo começou ou	
o trágico fim da mulher que fora fruto da terra de Jorge Amado. ....	101
<b>Considerações Finais</b> .....	117
<b>Bibliografia</b> .....	125
<b>Anexo</b> .....	129
Fontes Orais .....	129
Filhos dos entrevistados .....	132
Árvore Genealógica .....	132



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“Eu ainda sou Ojuobá<sup>1</sup>, os olhos de ver, ouvido de ouvir, de anotar tudo.”<sup>2</sup>*

A menina que cresceu na fazenda conquistada a punho por corajosos desbravadores, que adubaram com sangue as terras que se tornaram de cacau, protagoniza o presente trabalho. Aureliza Alves do Nascimento vivenciou o momento de crescimento da cidade de Ibicaraí, no sul da Bahia, próxima de Ilhéus, sofrendo as conseqüências dessas transformações. Destacando-se pela coragem de enfrentar e não entregar-se por inteiro à ideologia machista que oprimia e oprime a maioria das mulheres da região, concretizada, no caso de Aureliza, na figura de seu marido, produtor de cacau, conhecido como Edinho, que se relacionava com outras mulheres dos prostíbulos de Ibicaraí, Aureliza abandonou seu passado de traições e submissões em busca do recomeço, na cinzenta terra da cidade de São Paulo.

O passado, porém, não pode ser apagado e Aureliza voltou para a cidade natal com o intuito de recuperar seus seis filhos, que ela não pôde levar consigo na fuga, guardando no peito a angústia e o desespero da saudade. Conseguiu recuperar quatro deles, que buscava em idas escondidas do ex-marido à Bahia, mas morreu sem completar seu intento, que só foi realizado postumamente: seus seis filhos se uniram na cidade de São Paulo e encontraram o recomeço tão procurado pela mãe.

Assim como Pedro Arcanjo, protagonista do romance “Tendas do Milagre”, do escritor baiano Jorge Amado<sup>3</sup>, serei “os olhos de ver” e “os ouvidos de ouvir” histórias do meu povo. Causos, vivências e confissões de pessoas que estiveram diretamente ou indiretamente envolvidas na história de minha avó Aureliza, permitindo o caminhar por uma ideologia, cultura e história construída por uma sociedade mais ampla.

Pedro Arcanjo, personagem que melhor se identifica com Jorge Amado, por carregar todas as ideologias e pretensões de seu criador, foi o escolhido pelas forças

---

<sup>1</sup> Olhos de Xangô, Orixá das religiões africanas.

<sup>2</sup> Fala do personagem Pedro Arcanjo, interpretado por Nelson Xavier na minissérie da Globo “Tenda dos Milagres”, adaptação por Aguinaldo Silva e Regina Braga do romance de Jorge Amado que leva o mesmo título.

<sup>3</sup> Escritor baiano nascido em 1912 na cidade de Itabuna e falecido em 2001. Traz em seus romances muitas histórias ouvidas, vivenciadas e imaginadas por ele, sobre a população do sul da Bahia. É um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros, conhecido e reconhecido mundialmente.

superiores (os orixás<sup>4</sup>) e por seu povo, para liderar uma revolução que ia contra as teorias racistas de início do século XX e disseminar as idéias de miscigenação, pregando a igualdade de raça, pois, segundo ele, “todos somos misturados”.

As influências africanas, valorizadas em todas as obras de Jorge Amado, encontram na tradição oral o caminho para conhecer e documentar a história deste povo inicialmente iletrado. As vozes dos antepassados disseminadas e reproduzidas por anos e a memória sensível e racional de sujeitos que se transformam em receptáculos de documentos pulsantes, são as fontes mais seguras que estes povos, refletidos em diversos grupos sociais brasileiros, possuem. É o caso de Aureliza, que tem sua história aqui revisitada nas vozes de sujeitos direta ou indiretamente relacionadas com sua trajetória de vida.

Nestes caminhos de Aureliza existem vielas e ruas que nos levaram para conhecimentos paralelos, estabelecendo entre si um movimento dialético de histórias que se cruzam e conceitos que se completam. Para compreender Aureliza e os fatores que a levaram à fuga de seu marido e a enfrentar as dificuldades para sobreviver na “selva de pedra” que é São Paulo, há a necessidade de visitar e discutir conceitos essenciais para compreender a sociedade de forma mais ampla; afinal, quanto mais se entranha pelo específico, mais facilmente encontra-se o universal.

A participação de Jorge Amado é aqui, muito maior do que a analogia que se faz do investigador de seu povo. Ele transforma-se em fonte, por gestar em sua obra romanesca a ideologia, o específico, o cotidiano e o histórico de uma época e espaço contemporâneo ao de Aureliza. O amálgama das fontes literárias e orais relacionam-se dialeticamente, enveredando-se pelas questões de gênero, neste cenário do sul da Bahia, por trilhas marcadas por amor, traição, violência, medo e angústia da trajetória de vida de Aureliza.

As questões de gênero serão colhidas das análises da história de vida de Aureliza e dos romances de Jorge Amado, facilitadas pelas obras clássicas de Gilberto Freyre<sup>5</sup>,

---

<sup>4</sup> Entidades divinas de religiões afro-descendentes. A mais conhecida dessas religiões no Brasil é o Candomblé.

<sup>5</sup> Sociólogo pernambucano (Recife- 1900; id. 1987), preocupado com questões de nordeste. Autor de livros clássicos como “Casa Grande e Senzala” e “Sobrados e Mucambos”, é um dos principais responsáveis pela elaboração e disseminação dos conceitos de “democracia racial” e “sistema patriarcal”.

principal colaborador para a elaboração de conceitos essenciais para compreender a construção ideológica e cultural, que indireta ou diretamente assombrou muitos intelectuais, entre eles acadêmicos e escritores que contribuíram ou participaram da produção intelectual e artística da época, em foco Jorge Amado<sup>6</sup>, um dos autores das obras facilitadoras para a análise das fontes aqui disponíveis.

As mulheres são prioridades buscadas nas fontes, historicizando este ambiente e todas as relações estabelecidas nele. Se reconstitui, assim, a trajetória de Aureliza, refletida por e nas questões em torno dela, evocando as relações de gênero, a construção de identidades sociais e as estratégias para driblar uma sociedade opressora, dialogando com as fontes, base para a construção identitária e social: a literatura e a oralidade.

Na análise das fontes literárias são identificados, caracterizados e desconstruídos os estereótipos que habitam os romances de Jorge Amado, elementos chaves para entender as construções e invenções de tipos sociais consolidados em nosso imaginário, homogeneizando grupos sociais sem considerar suas historicidades específicas e pessoais. Para trabalhar com os estereótipos construídos na obra literária necessita-se de uma contextualização mais ampla do Nordeste, para assim alcançar as essencialidades da obra regionalista e politizada do autor baiano.

Quando pensamos em Nordeste a imagem que nos vem subitamente à memória sempre recai sobre o cangaço ou o sertão de homens retorcidos tal qual as árvores castigadas da seca de Graciliano Ramos<sup>7</sup> ou os cangaceiros impiedosos de Rachel de Queiroz<sup>8</sup>. Imagens quentes e em movimento da cultura africana na Bahia de Carybé ou a miséria seca de rostos tristes nos quadros de Portinari, as sensuais mulheres de Jorge Amado em meio à cor de ouro do cacau ou, no cais do mar paradisíaco do litoral, as comidas apimentadas das quituteiras baianas. Enfim, um espaço tão grande como o

---

<sup>6</sup> Os conceitos de família patriarcal e de democracia racial foram trabalhados por Gilberto Freyre num contexto histórico em que as teorias científicas racistas, sobretudo no período de atuação política de Hitler, influenciavam grande parte do mundo. Eles buscavam comprovação biológica para as teorias racistas e machistas, que ainda são aplicadas em diversos contextos da história brasileira mais ou menos intensamente. (Referência a este tema em “Tenda dos Milagres” de Jorge Amado, transformado em minissérie pela Rede Globo.)

<sup>7</sup> RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 2000.

<sup>8</sup> QUEIROZ, Rachel. *Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

Nordeste, que compreende tantos Estados, foi e é reduzido a uma memória homogênea, traduzida em poucos Estados, estática e sem conflitos<sup>9</sup>.

A década de 30 do século XX no Nordeste brasileiro apresentava um cenário no qual o sistema político e econômico estava ruindo e integrantes de grupos políticos e intelectuais locais procuraram unir forças na busca de visibilidade nacional, para problematizar este espaço, buscando nos aspectos políticos sociais e culturais os acontecimentos históricos que “inventaram o Nordeste”.

O primeiro grupo intelectual que se formou com o objetivo de encontrar uma identidade do Nordeste e influenciou direta ou indiretamente os outros grupos adjacentes a ele, tinha na linha de frente o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, autor de *Casa Grande e Senzala*<sup>10</sup>, com uma visão tradicionalista e nostálgica<sup>11</sup> das relações dos engenhos de açúcar que dominavam uma grande parte das regiões nordestinas. Ele, junto de outros intelectuais que compactuavam com as suas idéias, assim como José Lins do Rego, criou uma imagem de Nordeste que trazia nas relações harmônicas entre negros e brancos, escravos e senhores, mulheres e homens a idéia da miscigenação, em qual germinava a idéia da identidade deste povo. Jorge Amado vem depois, mas, mesmo conservando estas idéias, participa de um outro grupo de intelectuais mais voltados para as questões marxistas. Influenciado em sua primeira fase pelo stalinismo, Jorge Amado preocupa-se com as relações de classe, refletindo em sua obra toda esta manifestação intelectual da qual participou ativamente.

Todos esses intelectuais, entre os quais encontramos a maioria de escritores, independente do grupo ao qual faziam parte, construíram uma imagem do Nordeste a partir da criação de tipos sociais sólidos e freqüentes, que não se distanciavam de uma realidade, visto que compactuavam com algumas problemáticas de determinadas regiões, estabelecendo, porém, limites que tornavam estáticos e homogêneos os grupos

---

<sup>9</sup> Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2009) dedicou um livro a essas questões: *A Invenção do Nordeste*. Nele busca desconstruir para, assim, pensar a região, da qual temos contato apenas por meio dos estereótipos.

<sup>10</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

<sup>11</sup> Os dois termos referem-se à exaltação do passado em contraponto a um presente e um futuro que são prejudiciais ao Nordeste. Dessa maneira estes intelectuais buscam nas relações do passado dentro dos engenhos e de toda a organização social, econômica e cultural destes um ideal que sugere inclusive a harmonia com a natureza, desconsiderando assim os conflitos eminentes.

ou sujeitos sociais. Hoje, ainda guardamos e usamos estas imagens de Nordeste, sujeitando esta região a preconceitos.

A análise de Antônio Cândido sobre a obra de Jorge Amado aponta a construção do escritor do romance histórico, pois seus escritos tendem ora para poesia, ora para o documento e, quando há a medida certa desses dois ingredientes, encontramos a obra harmônica que, além de sustentar toda a ideologia cultural com a qual Amado compactuava na época, apresenta um contexto histórico do sul da Bahia, documentado em páginas de literatura. Por isso nesta pesquisa, a obra de Jorge Amado é trabalhada como fonte a elucidar uma ideologia que corroborava para os acontecimentos estudados e contextualizar esses espaços, cenários dos mesmos acontecimentos protagonizados por Aureliza, em eterno movimento. A obra que se desdobra “*segundo uma dialética da poesia e do documento*”, conforme afirma Antonio Cândido, contribui para essa pesquisa, quando contextualiza histórica e ideologicamente o espaço e o tempo dos fatos aqui em foco, por “*um autor que penetrou na poesia do povo*”<sup>12</sup>.

Na visão analítica de Antônio Cândido, as personagens jorge-amadianas

(...) não possuem senso de aventura interior, nem capacidade de isolamento (...) vivem a vida sadia de relação, e não perdem em vitalidade o que ganham em profundidade. (...) À maneira dos primitivos, o Sr Jorge Amado é concreto. Os dramas dos seus personagens nunca se resolvem numa teia abstrata de considerações, mas se definem sempre por um sistema de relações concretas com o mundo externo, e fazem um coro só com as coisas (...).<sup>13</sup>

Os atributos recebidos pelo escritor baiano de Cândido facilitam uma análise histórica do espaço e tempo anunciados no romance, abrindo espaço para o contextual e outros fatos históricos.

Não se pode perder de vista que desses personagens, sem tamanha profundidade como a de escritores acostumados a mergulhar na complexidade psicológica de suas criaturas, assim como faz Rachel de Queiroz<sup>14</sup>, os personagens masculinos de Jorge Amado distinguem-se da pouca intensidade psicológica da maioria dos outros personagens na medida em que participam de assuntos políticos, econômicos, sociais, intelectuais, cotidianos e de prazeres carnais nas cidades baianas. As personagens

---

<sup>12</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Poesia, documento e história*. In: MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1992, p. 112.

<sup>13</sup> Idem. p. 116-117.

<sup>14</sup> Principalmente no romance “Memorial de Maria Moura”, onde ela trabalha os conflitos internos dos personagens.

femininas, por sua vez, são empobrecidas deste conteúdo psicológico, limitadas em suas vontades e anseios pela opressão masculina dominante que as condiciona a um único fluxo: a de ser objeto sexual.

A literatura é um universo aberto que permite o trânsito de seus personagens por mundos possíveis e impossíveis, reais e imaginários. Todos esses mundos revelam os resquícios de humanidade (riqueza documental para o historiador), pois a literatura é produção direta do ser humano e este, o criador, decorre sempre de uma visão de mundo que é fenômeno coletivo por ter sido elaborado no meio social, segundo sua perspectiva ideológica e suas experiências pessoais.

Os romances de Jorge Amado precisam de uma linha de análise estrutural e funcional, assim como é proposta por Antônio Cândido no livro “Literatura e Sociedade”, por ser entendida aqui como um organismo, onde cada fator é componente essencial para análise do caso em foco, não podendo, assim, sua legitimidade ser contestada nem glorificada *a priori*.<sup>15</sup>

Esta análise consiste em não perder de vista as relações que esta literatura faz com o contexto e o espaço em que foi escrita e em que são criados o enredo e as relações entre a criatura e o criador, depositário imediato de suas angústias, vontades, vaidades e ideologia.

A relação entre obra e público leitor no caso de Jorge Amado extrapola os limites das páginas dos livros para telões do cinema ou íntimas televisões que exibem minisséries e novelas baseadas em sua ficção, sociabilizando esta literatura com uma diversidade de linguagens (contribuindo ainda mais para a criação do imaginário do nordestino), para todo um país que está longe de ser considerado por inteiro alfabetizado.

Quando levada para outras linguagens, a obra literária perde muito de seu conteúdo original; mas a obra de Jorge Amado, por possuir muitas especificidades, que muitas vezes tocavam e tocam em tabus sociais, tal qual a alta sexualidade atribuída à mulher, conservou muito de sua essência. Por muitas vezes o autor esteve presente nas gravações, comentando e opinando na produção dos filmes, como no caso de Tietê,

---

<sup>15</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

filme produzido pela Globo, em que o escritor teve uma participação no começo e no final, lendo fragmentos do que ele mesmo escreveu.

As obras de Jorge Amado tiveram muita repercussão na época e ainda hoje encontramos resquícios da importância de seus livros na região que ele descreveu. O turismo em Ilhéus gira todo em torno delas, e lá existem vários estabelecimentos com nomes referentes a eles, assim como peças encenadas nos teatros, entre outros eventos. Essa repercussão é levada em conta aqui, principalmente por ter divulgado os tipos criados ou representados na obra, compondo assim um imaginário referente ao povo do sul da Bahia e em especial a mulher, que sempre teve papel de destaque nas obras que Jorge Amado escreveu.

As duas fontes possuem suas raízes fincadas em solo africano, relacionando-se diretamente com a tradição oral. Isso pode ser observado nos romances de Amado, que sempre fazem referência ao povo afro-descendente da região e ao caráter oral de tradição na própria estrutura dos textos, que sempre buscam uma analogia com produções da Literatura de Cordel<sup>16</sup>. Esta raiz se presentifica também pulsante no seio familiar de Aureliza, que descende de africanos. Sua trajetória de vida sobrevive nas vozes, nos olhos e nas histórias dos diretamente envolvidos com ela.

Tieno Bocar, um tradicionalista africano<sup>17</sup>, dizia:

Lá escritura es una cosa y el saber es otra. La escritura es la fotografia del saber, pero no es saber em si mismo. El saber es una luz que esta em el hombre. Es la herencia de todo lo que los antepasados han podido conocer y que nos han transmitido em germen, como el baobab esta contenido en su semillan.<sup>18</sup>

Na frase citada, Bocar refere-se à tradição africana que sobrevive pela palavra falada, pela oralidade, assim como sobreviveu a história de Aureliza. A história da África tem como base a tradição oral que é transmitida de geração em geração por grupos sociais preparados para uma relação sagrada com as palavras, a fim de assim

---

<sup>16</sup> A Literatura de Cordel, como é conhecida aqui no Brasil, é tipicamente nordestina. Trata-se de um tipo de poesia popular, originalmente oral, que retrata a realidade e o imaginário da população local.

<sup>17</sup> Tieno Bocar era africano e passou sua vida toda em Bandiagara (Mali). Era grande mestre da ordem mulçumana e também foi um “tradicionalista” africano. Tradicionalistas eram os grandes depositários da herança oral na África, eram a “memória viva”, responsáveis por transmitir a história de seu povo.

<sup>18</sup> HAMPATÉ BA, A. *La tradicion viviente*. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *Historia General de Africa. I. Metodologia y prehistoria africana*. Madri: UNESCO, 1982, p. 185.

estarem capacitados para transmitir os conhecimentos dos antepassados e das sociedades atuais para o grupo em que estão inseridos. É assim que a memória permanece viva, num movimento perpétuo. Porém, esta tradição hoje está ameaçada de extinção em função das relações de dominação estabelecidas com o continente europeu, o que impulsionou as buscas de metodologias para manter pulsante esta história milenar por tanto tempo sustentada pela oralidade.

Quando Walter Benjamin<sup>19</sup>, no texto “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”<sup>20</sup>, relaciona a obra de arte ao culto, ao sagrado, dizendo que a

(...) forma mais primitiva de inserção da obra de arte no contexto da tradição se exprime no culto. As mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram a serviço de um ritual, inicialmente mágico, e depois religioso (...).<sup>21</sup>

ele abre espaço para um debate da narrativa oral como obra de arte e sua função entre as mudanças no mundo contemporâneo. Possibilitando ainda a esta, tida como reminiscência do homem por trazer e expressar na memória, no conteúdo e nas entrelinhas das narrativas seus resquícios, histórias que servem como fonte ao historiador.

A narrativa oral ganha esta conotação porque quando pensada num contexto africano ela aponta para características suas que vão se adequar ao conceito de arte que conhecemos neste âmbito descrito por Benjamin. Esta concepção, segundo Benjamin, se relaciona diretamente com a autenticidade, espontaneidade e com o rito sagrado (estas características vêm perdendo seu sentido). E a primeira que se destaca é a relação que esta estabelece com o culto, o sagrado, o religioso e o profano.

A tradição na qual a narrativa oral é fundamental, por muito tempo sustentou uma sociedade inteira que enxergou em seu antepassado a base de constituição da vida. Os africanos guardaram e preservaram sua história da maneira mais humana e vibrante, através da memória, não a memória da forma que conhecemos, de modo individual e

---

<sup>19</sup> O intelectual judeu-alemão Walter Benjamin nasceu em Berlim em 1892 e morreu em 1940. Foi ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo. Associado à Escola de Frankfurt e Teoria Crítica, teve forte influência intelectual tanto de autores marxistas, como Georg Lukács e Bertolt Brecht, como de judaicos, a saber: Gerschom Scholem. Assim como Benjamin, porém num contexto temporal e espacial diferente, Jorge Amado também foi influenciado por autores marxistas.

<sup>20</sup> BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>21</sup> Idem. p. 171.



peçoal, mas a memória coletiva, que se faz pulsante e existente na oralidade. Numa hierarquia que respeita a idade como fator predominante, estas sociedades, que aqui são sempre referidas no plural, para que respeitemos sua pluralidade e diversidade étnica, possuíam, conforme já foi mencionado, grupos que tinham a incumbência de transmitir todo o conhecimento e a sabedoria que a sociedade da qual fazia parte havia experimentado no curso da história: os tradicionalistas.

Hoje a narrativa oral, ou a própria tradição oral, tal qual era conhecida pelos africanos acha-se muito diferente. O mundo mudou e as relações humanas neste mundo também mudaram, devido principalmente à expressão de uma transformação histórica. Quando Benjamin diz que a fotografia e o cinema apontam a necessidade de repensar a concepção de arte, por estas terem mudado o modo de perceber esta expressão, amplia-se esta necessidade também à narrativa oral, por ela aqui ser pensada como fonte histórica.

Esta tradição tão expressiva na África também sobrevive no Brasil, como reminiscência de uma herança que se modificou em sua trajetória e na sua conservação. A Bahia, espaço mantenedor da forte relação com os povos do continente africano, por ter sido de lá que aportaram de maneira expressiva grande número de sujeitos negros escravizados, preserva ainda as marcas de variadas culturas sobreviventes no cotidiano baiano e resgatadas sempre por Jorge Amado em suas obras. Conscientemente ou não, nós fazemos uso desta tradição, possibilitando a permanência de muitos elementos culturais ou históricos de nossos familiares.

A tradição oral, o receptáculo da história na África e o motor que permite penetrar na alma dos povos que lá habitam, por muito tempo foi desrespeitada e invalidada. Muitos sustentaram que este continente não possuía história. Porém hoje, quando os holofotes se direcionam para a história oral, percebe-se o equívoco desastroso, pois o não enxergar a potencialidade e importância das fontes orais redundava na inacessibilidade à riqueza de um povo que vive a cada momento, em cada detalhe e em cada suspiro sua história, celebrando seus antepassados e, o que é pior, não se visualizava a potencialidade que a fonte oral possui em seu sentido mais amplo, o que engloba a nossa própria história e condição humana.

Valorizar esta fonte significa também potencializar os valores que hoje se perderam em meio à tecnologia e à falta de tempo. O narrar, o contar, o dividir, o relembrar não

possuem mais o significado que lhes eram atribuídos antes, em que as relações pessoais, os olhos nos olhos eram fundamentais.

As recentes pesquisas no sentido da história oral, hoje mais expressivas no cenário acadêmico, não voltam maiores atenções para a metodologia desenvolvida pelos intelectuais africanos. Estes, imersos na tradição oral, possuem poderoso potencial para esta finalidade. Tendo em vista a forte relação que o presente trabalho estabelece com as origens africanas, ressalta-se aqui a importância da utilização desta metodologia, desenvolvida e utilizada hoje por diversos intelectuais africanos para a investigação histórica de seus antepassados e de suas histórias. Esta opção possibilita um contato mais íntimo com as fontes orais, estimulando um cruzamento com uma fonte literária que não ignora esta cultura e esta tradição que continua viva em nosso continente.

As histórias de Aureliza, da pequena cidade de Ibicaraí e das fazendas de cacau continuam vivas nas conversas, reuniões e cotidiano da família dela, que são consequência direta de todos estes acontecimentos, e foi inclusive, esta vitalidade da oralidade que deu vazão para a produção desta pesquisa.

Hampaté Ba, em seu texto “La tradicion viviente”<sup>22</sup> disserta apaixonadamente sobre sua cultura, dividindo com os leitores suas experiências no seio de um povo que, ao mesmo tempo em que é tão diferente, se aproxima muito do povo brasileiro. Quando ele se propõe a escrever sobre a tradição oral, nos alerta para a importância de antes conhecermos um pouco sobre o povo e a crença onde se estabelece esta tradição, e quando ele nos descreve o sistema de “castas”, que divide as diversas funções na sociedade, ele nos apresenta os griôs, que entre várias atividades no grupo social que representam, são responsáveis também pelas genealogias e história das famílias. Identifico-me com os griôs, que, preocupados em conhecer as histórias das famílias, ouviam relatos e faziam os cruzamentos necessários entre eles, para achar em meio todas as tramas tecidas pelos vários relatos, como se esses fossem os vários fios que compõem uma teia de aranha, os pontos de encontro que remontem os fatos.

Nada prueba a priori que el escrito de cuenta más fielmente de una realidad que el testimonio oral transmitido de generación en generación. Las crónicas de las guerras modernas están ahí para mostrar que, como se dice, cada partido o nación ‘tiene su opinión y ve las cosas’ a través del prisma de sus pasiones, de

---

<sup>22</sup> HAMPATÉ BA, A. *La tradicion viviente*. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *Historia General de Africa. I. Metodologia y prehistoria africana*. Madri: UNESCO, 1982.

su mentalidad propia o de sus intereses, o segun el deseo de justificar su punto de vista. Por otro lado, los propios documentos escritos tampoco estuvieron siempre exentos de falsificaciones, voluntarias o involuntarias, debidas a los copistas sucessivos, fenómeno que ha dado origen, entre otras, a las controversias relativas a las 'Sagradas Escrituras'.<sup>23</sup>

Os africanos atribuem à palavra um significado sagrado, pois é através dela que é possível conservar sua história, a vida ainda pulsante de seus antecedentes e com ela a proximidade do real. Antes de chegar ao papel, a palavra criou-se no ser humano; antes de concretizada na escrita, foi pensada e ou falada. Tendo em vista que nós historiadores trabalhamos com os vestígios do ser humano para reconstituir sua história, temos então nesta fonte oral, viva e em movimento, um documento importante que quando bem conduzido nos leva a caminhos de história valiosos.

A metodologia africana para trabalhar as fontes orais contribui também para a análise das fontes literárias, pois, preocupadas com a narrativa, incluem em seus estudos os textos narrativos, que também existem em algumas populações africanas, e que em sua maioria são histórias épicas coletada da voz popular. Jorge Amado assume a forte influência que recebeu das histórias que ouviu nos cais dos portos ou nas ruas da Bahia e inclui em seus romances a influência direta com a cultura africana, como o candomblé e a tradição oral, principal veículo de comunicação e espinha dorsal desta religião.

O já citado Pedro Arcanjo<sup>24</sup>, por sua vez, se consagra na academia, em meio a muito preconceito, com as histórias que ouve nas ruas da Bahia, da boca de seu povo. A importância que Jorge Amado dedica à voz do povo e às suas histórias pessoais, expressando através do individual o universal, aqui foi transformada em fonte, a mesma utilizada pelo escritor, só que enquanto ele as transforma em ficção, aqui ela é objeto de estudo sob o olhar atento da historiadora.

---

<sup>23</sup> Idem. p. 186.

<sup>24</sup> AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

Quando debruça-se sobre estas duas fontes, esbarra em dois tipos de memória, muito discutidas nas obras de Maurice Halbwachs<sup>25</sup>. Ora se tem a lembrança de histórias ouvidas ou causos contados, que em detrimento das repetições no decorrer das diversas entrevistas, se aproximam da existência dos fatos em si, ora se tem a lembrança dos fatos vividos pelos próprios narradores, estes muitas vezes carregados de imaginários e incoerência temporal, detectados nas entrelinhas e na estrutura narrativa que são investigados e analisados no decorrer da dissertação.

O trabalho envereda por três capítulos, que se referem diretamente à história de vida de Aureliza no espaço de tempo que compreende as preliminares e todos os fatores que a levaram à busca do recomeço, tendo como contextualizadora do espaço, tempo e mentalidade que compõe o cenário dos fatos estudados, a literatura de Jorge Amado, que se faz presente no imaginário e no cotidiano desta população.

O primeiro capítulo: “As terras jorge-amadianas onde vivia Aureliza Alves do Nascimento”, divide-se em três itens que explanam a trajetória de Aureliza no que compreende sua infância, adolescência e a primeira fuga: o casamento. Neste primeiro, momento da reconstituição analítica da vida de Aureliza, já se desnudam questões importantes para a discussão em torno da ideologia sexista aqui no Brasil, em foco o sul da Bahia, além da contextualização da pequena cidade de Ibicaraí, a respeito da qual se encontra escassa bibliografia historiográfica.

O segundo capítulo: “Dada a vida de Dona Flor, Aureliza traça caminhos semelhantes ao de Tieta”, segue a mesma linha estrutural do primeiro, abordando questões que situam a mulher nestes espaços, cenários do auge das resoluções tomadas por Aureliza. Depois de casada e vivendo nas cidades é que Aureliza entra em conflito com o marido, em decorrência da vida desregrada dele, dentro de um espaço delimitado por “tipos de mulheres” que são muito bem descritas por Jorge Amado.

No terceiro capítulo intitulado “Aureliza sai em busca do seu recomeço”, Aureliza enfrenta outro espaço e outra condição, em decorrência da decisão tomada: a de migrante na região paulista. Teve, enfim, que recomeçar sua vida na nova terra para

---

<sup>25</sup> Maurice Halbwachs nasceu em Reims, na França, em 1877 e morreu em 1945. Foi sociólogo da escola durkheimiana. É conhecido e responsável pela elaboração do conceito de “memória coletiva”, o qual foi publicado em livro com este mesmo título: HALBWCHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

voltar, depois, e buscar seus filhos. Tanto as decisões, assim como as conseqüências em decorrência destas, abrem um leque de questões de gênero a serem discutidas.

Buscando-se a fusão das fontes, fazendo-a logo nos títulos destes capítulos, o intuito é realizar uma analogia da trajetória de Aureliza com os textos de Jorge Amado, que de algum modo se relacionam com as temáticas extraídas desta reconstituição. A tradição oral, presente nas duas fontes utilizadas e que permeia toda esta pesquisa, interligando não apenas os fatos, como também as metodologias, pode se concretizar na literatura de cordel, muito utilizada e citada por Jorge Amado, que em algumas de suas obras, como Tereza Batista Cansada de Guerra ou Tieta, faz a apologia direta utilizando-se da técnica e intitulado os capítulos conforme a metodologia dos cordéis.

Os títulos são como resumo enxuto e informal do capítulo ou da história, que busca instigar o leitor. Jorge Amado escreve algumas de suas obras num formato que pode ser chamado de “novela de literatura de cordel em prosa”, pois conserva a poética da literatura de cordel, mas num formato novelesco e em prosa. Tentei conservar este espírito, para trazer a pulsação oral, tão presente e de várias maneiras na pesquisa, para a composição do texto também, aproximando linguagens e possibilitando o intercâmbio disciplinar.

Esta caminhada encontra desafios a serem resolvidos com a cientificidade histórica e a investigação empírica, numa batalha dialética que encontra a harmonia no cruzamento das diferenças e proximidades entre a escrita e a oralidade, a literatura e a história, a memória e as divagações, a ficção e o real.

## **CAPÍTULO 1- As terras jorge-amadianas onde vivia Aureliza Alves do Nascimento**

### **Como meninas de Tocaia Grande ou A infância adulta nas roças de cacau das terras jorge-amadiana**

Aureliza Alves do Nascimento era a segunda filha e a primeira filha mulher de José Cecílio Alves, conhecido na região como Zeca Fagundes, e Claudemira Alves do Nascimento, chamada pela maioria de Joaquina. Ao todo eram dez filhos, três homens e sete mulheres. Nascidos na fazenda do pai, na região conhecida hoje como Ibicarai<sup>26</sup>, por mãos de parteiras, as crianças tiveram suas vidas fincadas com raízes sólidas nas terras do pai. Diferente de muitas histórias em que é mais comum conhecer sobre as vidas nas fazendas, o cotidiano nestas terras do cacau não são lembrados pelas brincadeiras infantis de subir em árvores ou tomar banho de rio.

(A gente) Bandeirava cacau, quebrava cacau, plantava (...) os homens de pai era nós, era as filha, as sete fia mulhé. Pegava água na fazenda mais longe, nós ia pegar água pra beber, cá tinha ribeirão mais era salgado não podia beber, nós lavava roupa, fazia tudo. (Claudemira interrompe e acrescenta: Colhia café...) Sim colhia café, quebrava cacau, plantava mandioca, colhia e ia pra casa de farinha, amanhecia o dia fazendo farinha, beiju, e o trabalhador dele era nós. Quando vinha um moço passando na estrada, nós se escondia com trave de cacau nas costas. E nós nunca teve vida boa, não era Cláudia?<sup>27</sup>

A Cláudia é Claudemira, a filha caçula de Zeca Fagundes e irmã de Aureliza; ela herdou o nome da mãe, pois esta faleceu durante o seu parto. Quem narrou esta lembrança foi Eugênia, a oitava filha do casal. O fragmento ilustra que o acordar cedo para o trabalho, a falta de luz e água encanada, a terra coberta de folhas dos cacauzeiros descrevem melhor este cenário essencialmente rural.

No que se refere às mulheres desta região, em seus romances, numa visão geral, Jorge Amado não as apresenta com o peso psicológico que as iguale aos de seus personagens masculinos. A tradição patriarcal desta sociedade, retratada em seus romances e em que são inseridos os personagens, *“fazem da mulher de côr um objeto de*

---

<sup>26</sup> Existem controvérsias sobre os nomes anteriores de Ibicarai, mas, oficialmente, no início a cidade chamava-se Palestrina, referência às palestras que eram comuns nas portas das casas; passou a chamar com o tempo Palestina (a palavra significa Terra Prometida) e hoje oficializou-se como Ibicarai (em tupi significa Terra Sagrada ou Terra Santa).

<sup>27</sup> Fragmento da entrevista coletiva, concedida à autora, por Eugênia Alves do Nascimento, 70 anos e Claudemira Alves Pontes, 68 anos, irmãs de Aureliza, entrevista realizada na casa de Eugênia em Ibicarai, dia 15/07/2009, às 22hrs15min.

*prazer para o homem viril e polígamo, e da mulher branca uma espécie de santa do lar, vivendo à sombra de seu marido e senhor, dedicada à maternidade e à direção da casa (...)*<sup>28</sup>. Os dois estereótipos descritos por Roger Bastide<sup>29</sup>, quando ele questiona se as atribuições de Jorge Amado às suas personagens femininas são menos característica ideológica machista do autor e mais um retrato da sociedade em que estas personagens vivem, indicam as limitações destes dois tipos femininos que também as impossibilitam de uma convivência harmônica entre eles.

Existem sempre as mulheres do lar, pertencentes a uma família abastada e tradicional da Bahia, como Ester Silveira, personagem fictício do romance “*Terras do Sem Fim*”, filha de comerciante, da cidade de Ilhéus; a menina foi educada pelos avós e logo cedeu aos desejos do pai e casou-se com o

(...) fazendeiro de cacau, coronel Horácio da Silveira, indo então para a fazenda nos confins de Ferradas, onde aos poucos foi se habituando à rudeza solícita do marido, às negras que enchiam a casa-grande, a presença de jagunços, aos tiros à noite na estrada, “só não se acostumou com a mata no fundo da casa onde pelas noites, no charco que o riacho fazia, as rãs gritavam seu grito de desespero na boca das cobras assassinas”, que era sua obsessão.<sup>30</sup>

E as outras, onde se incluem? As negras, “mulatas”, pobres e prostitutas, que permanecem juntas, num mesmo “tipo estereotipado de mulher”, mesmo que sejam de classes sociais diferentes, porque elas gozam de uma “liberdade” que extrapola os espaços privados à que estão submetidas os primeiros tipos, porém a única fuga que todas encontram se faz pelo ato sexual ou pelo uso do corpo sensualizado. A divisão ainda continua a mesma, mesmo quando se pensa na questão temporal, pois na linha cronológica de Jorge Amado ele desenha um movimento histórico, em que um é decorrência do outro.<sup>31</sup> Temos o exemplo de Gabriela, a mulata gosto de cravo cor de

---

<sup>28</sup> BASTIDE, Roger. *Sobre o romancista Jorge Amado*. In: MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1992.

<sup>29</sup> Roger Bastide (França, 1898; id. 1974), sociólogo que ocupou durante muito tempo uma cadeira na Universidade de São Paulo, participou ativamente do mesmo grupo intelectual em que estavam Jorge Amado, Pierre Verger, Carybé, Gilberto Freyre, compactuando com muitas das ideologias sociológicas do Brasil e do nordeste.

<sup>30</sup> Descrição de Paulo Tavares no dicionário biográfico dos personagens imaginários de Jorge Amado: “Criaturas de Jorge Amado”. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

<sup>31</sup> Temos o exemplo de “*Terras do sem fim*” ou “*Tocaia Grande*”, que contam o surgimento destas cidades e situam historicamente os tipos sociais que vão ser descritos em outros romances. No caso da senhora da casa grande, mulher do coronel, ela vai continuar submissa e presa ao espaço doméstico, mesmo quando vai para as cidades.

canela<sup>32</sup> que encanta o sírio Nacib Saad e escandaliza a todos com sua liberdade ingênua e fogosa. A Tereza Batista<sup>33</sup>, cansada da guerra contra a opressão machista que a levou à prostituição e a dor de ser mulher nas ruas da Bahia.

Teresa foi a personagem de Jorge Amado que mais gritou por justiça. Com ela seu criador associou a luta das prostitutas da região com a luta dos operários. Todas estas mulheres tipificadas estavam fadadas à submissão ditada pelo homem, o patriarca, na qual a única fuga e a única maneira de tornar-se sujeito social ativo na sociedade era o uso ou a venda do próprio corpo, com toda a conotação sexual que se pressupõe. Por isso, a mulher prostituída pode ser vista por ele, em alguns casos, como o da já citada Teresa e, conforme constata-se ao longo da dissertação, como uma proletária, heroína que luta contra o sistema que a oprime.

Esta divisão estática, condicionando as personagens femininas do escritor a um tipo chapado e muito sensualizado, não se aplica e não se percebe nas meninas de Fagundes, que além do trabalho na roça, também aprendiam e exerciam o trabalho doméstico e não se prendiam à conotação sexual tão citada pelo autor. Eram, ao contrário, totalmente contidas em suas sexualidades. O rigor autoritário da formação dessas meninas, ocupadas com uma dupla jornada de trabalho, extrapolam as descritas por Amado, quando soma as atividades, funções, modos de vida, antes segregados por ele em tipos sociais demarcados e separados. Claudemira relata em entrevista, quando é interrogada se aprendeu os trabalhos domésticos:

Eu não, mas as minhas irmãs Aureliza, Zulmira, a Nilza, a Josefa elas tudo aprenderam (...) a Josefa, ela até aprendeu a fazer vestido de noiva, ela costurava, fazia roupa pra fora e ela fez até um vestido de noiva para uma moça se casar. E elas tudo sabiam cozinhar pouco, arroz, feijão, não fazer muita coisa, faziam canjica, fazia bolo de mandioca essas coisas; agora cozinhar, cozinhar como eu hoje cozinho, elas não cozinhava, elas cozinhava só estas comidas assim do interior.<sup>34</sup>

As filhas de Fagundes não cozinhavam apenas para o próprio consumo, por vezes elas também faziam comida para os irmãos venderem na feira, (...) *fazia muito*

---

<sup>32</sup>AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo, Livraria Martins, 1970.

<sup>33</sup> Id. *Tereza Batista Cansada de Guerra*. São Paulo: Martins, 1972.

<sup>34</sup> Entrevista concedida a autora por Claudemira Alves Pontes, entrevista realizada num hotel em Ibicaraí, dia 15/07/2009, às 23hrs45min.



*beiju e pé de moleque (...), tapioca e puba, (...) aprendemos tudo isso, pra meus irmão vender na cidade pra gente (...).* Desta venda o pai permitia que alguma coisa ficasse com elas, “*não era só o dinheiro dele*”, continua Claudemira.

Zeca Fagundes “*(...) era dono de uma fazenda que não era grande, era uma fazendinha pequena (...)*”, lembra Maria de Fátima<sup>35</sup>, sua neta. O que lá era produzido servia para a subsistência da família e para a venda. Reminiscente de uma realidade rústica e rude de desbravadores destas terras, do sul da Bahia, “*regadas a sangue e suor*”, Zeca Fagundes refletia na educação dos filhos e no trato com a família a rispidez sentida em tempos de outrora, tempos de conquista que o levaram à condição de pequeno proprietário de terras: “*O meu pai, ele era muito brabo, e eu era a filha caçula dele, mas ele qualquer coisa queria bater na gente (...)*”, diz Claudemira.

As histórias que contam sobre o pai de Aureliza giram sempre em torno da aura de medo que a sua figura impunha, “*tinha assim um pouco de receio com ele, e era um respeito, que nós netos, tínhamos muito com ele, respeito com (...) é respeito junto com medo*”<sup>36</sup>, disse Maria de Fátima em entrevista. Maria das Graças<sup>37</sup>, também neta de Zeca Fagundes, lembrou de um episódio que ela ouviu da mãe, e foi comentado também por Eugênia, irmã de Aureliza, e por Maria de Fátima, filha da mesma, que reafirmam a imagem construída em torno da figura de Zeca Fagundes.

Então eu soube de um episódio que minha mãe contou e que a gente, mais ou menos, presenciou na época, eu não me recordo muito bem, mas eu lembro que eu tinha um tio, que era filho do meu avô, que eu gostava muito, irmão da minha mãe, chamava Vadinho e meu avô foi convidado pra ir na casa de um amigo dele (neste momento Graça estica um pouco as palavras, como se a lembrança estivesse vindo ao mesmo tempo que a fala) e minha mãe chorou muito quando aconteceu isso (...).<sup>38</sup>

Neste ponto, Graça<sup>39</sup> perde-se um pouco na temporalidade, mas eu já conhecia a história, por ela ter sido contada outras vezes, por outros integrantes da família, e posso

---

<sup>35</sup> Maria de Fátima Santos Barbosa é a segunda filha de Aureliza, tem 55 anos e hoje ela reside em São Paulo.

<sup>36</sup> Entrevista concedida a autora por Maria de Fátima Santos Barbosa, dia 21/02/2010 às 8hrs35min.

<sup>37</sup> Maria das Graças Alves Santos é a terceira filha de Aureliza; tem 53 anos e hoje ela está morando em São Paulo.

<sup>38</sup> Entrevista concedida a autora por Maria das Graças no 12/06/2009 às 22hrs.

<sup>39</sup> Graça hoje, pinta quadros que retratam principalmente os espaços em que ela viveu a infância e adolescência na Bahia.

acrescentar que ela se refere à adolescência de Osvaldo<sup>40</sup>, primeiro filho do casal. Este episódio se dá quando ele ainda era adolescente, portanto, ela não presenciou o fato. Num outro momento ela me disse que não conheceu este tio, a lembrança que ela tem desta história contada pela mãe, que a contou com muito pesar, é tão forte que ela mesma confunde a memória da história ouvida com a vivida ou não vivida por ela.

Zeca Fagundes precisava visitar um colega e resolveu levar seus filhos para acompanhá-lo. Vadinho, como chamavam o Osvaldo, foi junto e, antes de saírem,

(...) meu avô, é (...) falou: “antes da gente ir, vamos almoçar” (...) por que ele ia lá só para acertar uns negócios, então ia o Vadinho e ia as filhas dele que estavam morando com ele, ia na casa deste amigo dele, aí quando chegou lá o meu tio, as pessoas da casa iam almoçar ainda, que atrasaram, então convidou o (...) meu avô pra sentar, pra almoçar, e meu avô falou que não, que eles já tinham jantado, (corrige) já tinham almoçado. Aí meu tio falou que não, que ele queria comer, aí ele desobedeceu meu avô, aí meu avô pegou, deixou. Ele sentou lá na mesa comeu com as outras pessoas e meu avô ficou na sala com as filhas e com minha tia Miúda<sup>41, 42</sup>.

Graça conta a história como se estivesse lá; por horas chega a narrar as falas dos sujeitos de sua história como se a realidade se misturasse com a sua imaginação. O estilo de sua narrativa preserva a característica dela, de apegar-se aos detalhes para lembrar, como se guardasse em sua memória quadros das situações vividas.

Aí tal, ficaram lá, fecharam negócio, tudo lá com o dono da casa. Ai quando meu vô voltou pra casa ele chamou meu tio e falou pra ele assim: “Você não tinha almoçado antes, quando a gente estava em casa?” aí meu tio falou assim: “Já, mais eu queria mais”, “Mas eu não falei que a gente já tinha almoçado pra pessoa lá, pro dono da casa?”, aí ele falou assim: “É falou, mas eu estava com fome ainda”. Aí meu avô pegou, mandou a minha avó Miúda fazer uma panela de comida, fazer carne, feijão, com toicinho, aquelas carnes fortes da Bahia. Aí depois, meu vô mandou meu tio sentar e comer tudo. Aí meu tio comeu, comeu, aí, meu tio falou pra ele: “Não quero mais” aí meu vô pegou uma chibata, que é aquela chibatas de bater em animal e falou pra ele: “Se você não comer tudo eu vou fazer você comer por baixo e por cima”. Aí meu tio comeu, comeu, comeu, comeu, arroz e feijão, com o feijão e a farinha e a carne que meu avô mando cozinhar, não sei quantos quilos de carne, meu tio comeu até não poder mais, aí quando foi no outro dia, tio teve uma congestão aí meu tio morreu. Então meu avô ele era uma pessoa assim, que ele dava, (...) ele tinha muita autoridade assim na palavra dele, se ele falasse é isso, é isso. Como ele já tinha falado que tinha almoçado, ele queria que todo mundo falasse de novo e recusasse né. E meu tio desobedeceu, aí ele fez isso com meu tio, aí ele ficou

---

<sup>40</sup> Osvaldo Alves do Nascimento era o irmão mais velho de Aureliza.

<sup>41</sup> Miúda era o apelido de Ester, segunda companheira de Zeca Fagundes, conforme informações das netas, os dois não se casaram, eles se “amasiaram”, passaram a morar juntos.

<sup>42</sup> Entrevista concedida a autora por Maria das Graças no 12/06/2009 às 22hrs.

meio empanzinado, ficou uns dias doentes, deram óleo de Rice e tudo mais, depois disso ele nunca mais foi o mesmo, e depois disso ele morreu.<sup>43</sup>

Oswaldo não morreu no dia seguinte ao incidente, como fala Graça inicialmente; ela se corrige mais tarde dizendo que ele *“nunca mais voltou a ser o mesmo”*. Realmente, Oswaldo morreu ainda cedo, com uns trinta anos, mas não temos provas que confirmem que ele morreu por causa deste fato, apesar de que todos os que conhecem esta história, inclusive a irmã, Eugênia e a Isaura, que era noiva dele, disseram que ele morreu por problemas no estômago. Eugênia diz que ele morreu porque *“estava com febre por dentro e foi tomar sulfato sem saber; pai deu um purgante, quando foi no outro dia ele foi pegar o burro, aí quando montou no burro caiu vomitando sangue deste burro ele morreu, como você viu no retrato não foi?”*<sup>44</sup>



Fotografia de Oswaldo no dia do enterro em Ibicaraí, concedida por Eugênia, irmã de Aureliza

Eugênia guarda esta fotografia como única recordação do irmão. É muito comum as fotos de mortos, assim como ainda é muito comum a grande presença de lojas de caixão com espaço para velórios do lado na cidade. Esta herança portuguesa de fotografar o morto persistiu durante muito tempo na região. A relação com os mortos e a forma como se fala da morte, como pode-se observar da fala anterior de Eugênia, é

---

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Fragmento de entrevista de Eugênia, irmã de Aureliza, realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 25/04/2010, às 19hrs20min.

muito natural. A morte era muito comum no cotidiano deles, em função da precariedade e falta de médicos, principalmente nas regiões das fazendas. Assim como Claudemira, mãe de Aureliza, morreu de parto, muitas outras mulheres tinham o mesmo fim.

Ainda hoje a fazenda preserva a estrutura dos tempos em que as barcaças, onde secam o cacau, estavam cheias e rendiam um bom dinheiro para o pequeno fazendeiro<sup>45</sup>. E as estruturas das construções preservam a história também contada nas páginas de Jorge Amado, que buscou recriar, numa estrutura de romance histórico, as narrativas de conquistas da terra pelos desbravadores do sul da Bahia em “*Terras do sem fim*” e “*São Jorge dos Ilhéus*”.

José Fagundes, assim como os desbravadores de Jorge Amado, conquistou as terras onde viveu e foi construindo aos poucos a sua vida e a sua família numa estrutura basicamente patriarcal.

Nossa casa era de barro, aí depois que nós ajeitou e boto tijolo. Botou tijolo né Claudia? (Resposta afirmativa de Cláudia com a cabeça). Tijolo, sim (...) era uma casa grande, tinha um passeio, tinha cozinha, tinha sala de janta, tinha três quartos, três quartos, dois quartos.”<sup>46</sup>

Segundo Eugênia indica, o pai estava se estruturando financeiramente e socialmente. Como um reminiscente da história da região, ele ergueu da terra sua casa e com ela a estrutura familiar.

Em “*Terras do Sem Fim*” Jorge Amado inicia o capítulo intitulado “*Mata*” descrevendo, de forma poética, este que é o mesmo território onde Zeca Fagundes construiu sua fazenda, ainda nos primórdios deste contexto histórico, pela ótica do medo. Medos e ansiedades que não foram suficientes para acabar com a esperança dos migrantes, que no intuito de enriquecer e encontrar um lugar ao sol foram para aquelas terras povoadas de perigos reais e imaginários, tornando-se os futuros trabalhadores dos frutos de ouro: o cacau.

Nestas novas terras, onde depositaram tantas esperanças, não encontraram o medo apenas nas matas e em seus mistérios, mas na figura dos senhores destas, que se

---

<sup>45</sup> Fotos em anexos da Visita à fazenda durante a pesquisa de campo.

<sup>46</sup> Entrevista concedida por Eugenia a autora, entrevista realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 25/04/2010, às 19hrs20min.

tornaram rapidamente “seus senhores”. Era por meio do medo que os coronéis, já donos das terras, dominavam estes trabalhadores, tal qual observamos em fala de Juca Badaró, responsável pela contratação dos migrantes: “*Não atirei pra matar, só pra mostrar que vocês tem que obedecer*”.<sup>47</sup>

Esta terra inóspita e cruel com os seus desbravadores influenciava diretamente nas relações daqueles que estavam se estabelecendo ali para dar origem às cidades, conhecidas hoje como Ilhéus, Itabuna, Ibicaraí, entre outras. Os romances “*Tocaia Grande*”, nome anterior da cidade fictícia Irisópolis, e “*Terra do Sem Fim*”, seguida de “*São Jorge dos Ilhéus*”, podem ser considerados, como já foi citado “romances históricos”, conforme classificação de Antônio Candido,<sup>48</sup> estes buscam reconstituir a saga da região cacauera com estratégias narrativas e construções ideológicas, procurando delimitar e problematizar o tempo-espaço onde nasceu essa população da região cacauera.

Estas relações criam um paralelo direto entre os sujeitos e a terra onde sobrevivem, remetendo às características atribuídas aos romances de Graciliano Ramos, quando este descreve o corpo dos seus personagens assemelhados à paisagem do lugar onde eles viviam<sup>49</sup>. Jorge Amado traça uma linha parecida, ligando atitudes rudes dos seus personagens com a agressividade daquelas terras.

“*Terras do Sem Fim*” e “*São Jorge dos Ilhéus*” formam uma história só, que traçam a saga desses senhores do cacau na região que envolve Ilhéus. No primeiro livro o autor reconstrói a chegada dos desbravadores, que adquiriram a terra para o plantio do cacau, derramando nestas muito sangue. Estava no momento em que a principal lei vigente era ditada pelos coronéis: para viver era preciso saber matar também.

No segundo livro o escritor relata o auge do cacau, que do dia para a noite levou à falência os coronéis, num processo arquitetado pelos exportadores. Estes subiram os

---

<sup>47</sup> AMADO, Jorge. *Terras do Sem Fim*. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 50.

<sup>48</sup> CÂNDIDO, Antonio. Poesia, documento e história, Antonio Candido. In: *Jorge Amado, povo e terras. 40 anos de literatura*. São Paulo: Livraria Martins, 1972.

<sup>49</sup> Esta característica é marcante no romance “*Vidas Secas*” e é uma das principais características usadas por Graciliano Ramos para denunciar como as condições climáticas e espaciais influenciaram diretamente no caráter e nas condições sociais dos seus personagens, que buscavam representar uma massa nordestina. Ver também ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009, que discute a invenção do Nordeste como uma construção ideológica.

preços do cacau, levando os coronéis ao endividamento, pois, conforme a fala de um exportador, infantilizando os “senhores do cacau”, no livro *“São Jorge dos Ilhéus”*, eles *“são como crianças tímidas (...)”*<sup>50</sup> quando se viram ricos e poderosos abusaram desta riqueza esbanjando dinheiro em construções semelhantes às européias, jóias para conquistar ou presentear mulheres, jogos e/ou prostituição nos bordéis que se multiplicaram na cidade.

A narrativa histórica que percorre estes dois livros alude à história de Zeca Fagundes, que era um homem da terra, vivia dela e por ela. Ele conquistou este espaço, assim como os desbravadores, citados há pouco, e semeou nesta os frutos do cacau. Zeca Fagundes, porém, não era um homem proveniente de família rica como os conhecidos coronéis de Jorge Amado. Ele lutava para ter uma vida estável. Suas relações e a forma com que educou seus filhos, na lida, junto com ele, comprovam esta indicação.

Segundo a descrição de Maria das Graças, seu avô *“(...) era um homem alto, forte, negro, ele era muito preto, eu como criança tinha até medo dele, que ele tinha um olho muito vermelho, avermelhado (...)”* e como tal, tendo em vista o processo histórico do Brasil, que sustentou por anos a escravidão de negros como principal mão-de-obra nas fazendas, ele não poderia provir de uma família de posse como muitos coronéis, donos de terras na região. Ele provinha de um outro grupo social, sem espaço nas obras de Jorge Amado.

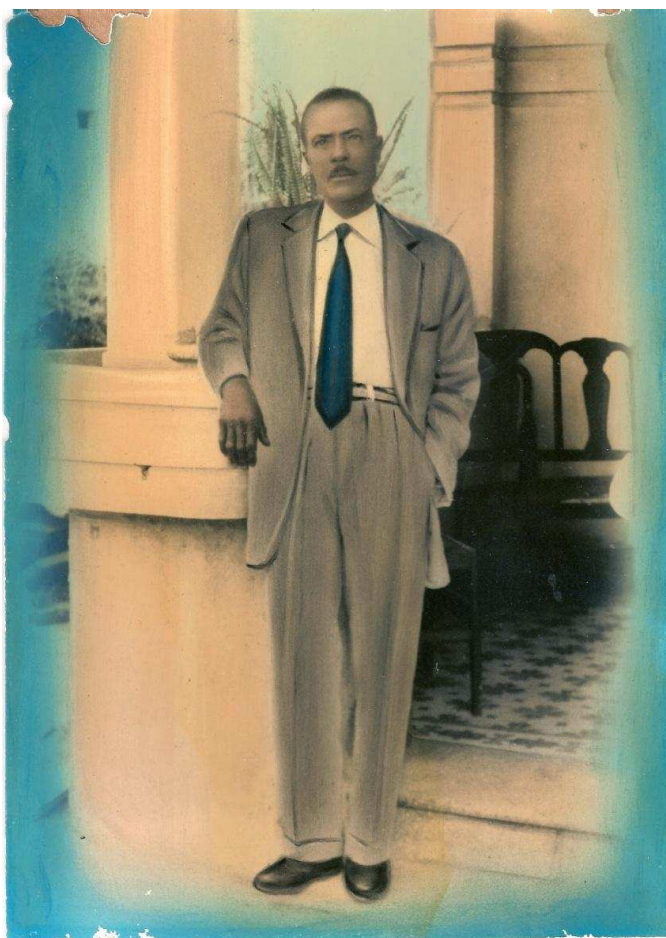
No cruzamento das fontes literárias e orais, estas questões de cunho racial não passam despercebidas. Jorge Amado faz muitas alusões das relações sociais no sul da Bahia durante o período de formação da região, como um lugar dominado pelos resquícios da escravidão recente, mas que sobrevivia sob o sutil tecido da democracia racial. O mito da democracia racial ainda assombra a sociedade brasileira. Jorge Amado reafirma estas questões em seus romances, mas é em *“Tenda dos Milagres”* que ele desenvolve melhor esta idéia. O mito da democracia racial mascara uma sociedade racista, de conflitos diretos e indiretos, com uma capa protetora que alega que por sermos todos misturados não vivemos em conflitos de raça. Tem-se que levar em conta que por muitos anos vivemos sob um regime de leis que limitavam os negros em sua expressão cultural e direitos de igualdade. Foi Jorge Amado, quando estava ativo no

---

<sup>50</sup> AMADO, Jorge. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Livraria Martins, 1970, p. 21.

Partido Comunista, nos anos sessenta, que ditou a lei que concedia liberdade de culto para as religiões afro-descendentes. Numa sociedade que estava mergulhada nestas questões, a cor de Zeca Fagundes foi fator fundamental nas relações que ele estabelecia com as pessoas ao seu redor.

(...) eu nunca vi até hoje, mesmo assistindo peças de teatro e televisão, nunca vi um negro mais charmoso que o meu avô. Sempre que ia na casa dele ele estava vestido de terno, não precisava andar assim dentro de casa, né? De terno e de linho e de camisa (...). O que eu me recordo bem dele: de terno, às vezes de gravata quando ele ia lá em casa, de chapéu, aqueles chapéu de veludo que tinha né, que eram bonitos, sempre de sapato. E é assim que eu lembro do meu avô, exatamente como que tem no quadro que tem na casa da minha tia (...).<sup>51</sup>



Observam-se no retrato, referido por Maria das Graças, que ainda está na parede da casa de Claudemira<sup>52</sup>, os elementos descritos pela neta há pouco. Esta guarda na memória a imponência que a postura e a forma de se vestir do avô propunham e que o retrato confirma. A postura ereta e ao mesmo tempo descontraída, demonstra segurança

---

<sup>51</sup> Entrevista de Maria das Graças concedida a autora, realizada dia 12/06/2009 às 22hrs42min.

<sup>52</sup> Este retrato é a copia do emprestado por Claudemira, que o guarda com muito carinho e cuidado e emprestou a autora gentilmente para compor o presente trabalho.

e seriedade. Ele não sorri, seu olhar é forte, seguro e objetivo. Sua postura é de um típico coronel, que mesmo numa situação mais descontraída traz a seriedade e a força no olhar, impondo uma imagem séria e respeitável.

O paralelo da descrição da neta e da fotografia com o protótipo do coronel criado por Jorge Amado revela que Zeca Fagundes não compreende as características do estereótipo de coronel jorge-amadiano, devido a dificuldade de encontrar entre as descrições do romancista baiano a figura do coronel negro. Em vez de usar as botas compridas, ou a roupa gasta na lavoura, como é comum nas descrições dos negros por Jorge Amado em seus romances, Fagundes usava sapatos completamente alinhados com o terno de linho, revelando a discrepância das duas figuras.

O modo de Fagundes se vestir podia querer cumprir exatamente esta necessidade, por ser um pequeno fazendeiro produtor de cacau, ele precisava se impor para ser respeitado pelos compradores do produto nas cidades. A maneira dele se vestir, percebida e salientada pela neta Graça e também comentada pela neta Fátima, pode ser uma possível solução encontrada por ele. Na obra de Amado o negro, assim como a mulher, possuem seus lugares delineados, mas os negros conseguem conquistar espaço social nos ambientes urbanos; quando eles estão no espaço rural, o escritor conserva a nostalgia do tempo/espaço nomeado por ele como “feudal”, para referir-se ao tempo de escravidão, salientando a relação dominador (homem branco) e dominado (negro e negras).

O modo de luta dos negros estava nas religiões africanas e na miscigenação, entendidas por ele como principal forma de resistência. Ambas as formas de luta concretizam-se na figura de Pedro Arcanjo, de “*Tenda dos Milagres*”, protagonista que liderava indireta e diretamente seu “povo negro e mestiço” contra a eugenia vigente no início do século XX em Salvador, usando estas duas armas contra os hipócritas dominantes. Esta obra reforça, como já foi dito, a política de democracia racial que o autor, junto com outros intelectuais, como Gilberto Freyre, defendia.

Zeca Fagundes era um homem rigoroso e, por vezes, até violento em sua rigidez, assim como os coronéis, mas os diversos fatores, tais quais as características físicas, condições econômicas e sociais não o enquadravam na figura estereotipada que se tem do coronel, desenhada por Jorge Amado, por mais que ele se preocupasse com a vestimenta para se impor como parte de um grupo social que almejava e estava



conquistando aos poucos e que de alguma forma o excluía. Não se pode perder de vista o racismo presente nas relações sociais na época e no espaço, que sempre aparecem, nas entrelinhas ou não, nos romances de Amado.

Jorge Amado no intento de descrever uma sociedade basicamente feudal, tais moldes predeterminados e nostálgicos da escravidão colonial brasileira, invisibiliza alguns sujeitos ativos do tempo e espaço recortado por ele. Zeca Fagundes é um deles, sendo negro, proprietário de poucas e pequenas terras e rígido, numa postura próxima à de um coronel, não é contemplado nos romances do autor.

As condições históricas, sociais, étnicas e econômicas concretizadas principalmente na figura do pai, foram elementos fundamentais para a formação de Aureliza dentro de um contexto ríspido e de forte transformação. Perdida a infância na roça, onde ela se dividia entre o trabalho doméstico, materno e rural, a primeira presença masculina que ela teve foi autoritária, rígida e onipresente. Ao mesmo tempo que a opressão masculina a enfraquecia, submetendo-a ao homem, patriarca da casa e a suas imposições, esta condição também a fortalecia, pois, para viver mediante tal situação, ela precisava de força e liderança. Como sua mãe morreu muito cedo, ficou a cargo dela cuidar das irmãs mais novas. “(...) *E a veia Miúda era só pra cuidar da comida e lavar a roupa, nós lavava roupa separada, ela lavava roupa de pai e as mais velha lavava a roupa da gente, tudo pequeno(...).*”<sup>53</sup>

Nota-se que a morte da mãe foi um acontecimento marcante e decisivo na formação destas meninas, “(...) *eu não conheci minha mãe, nem retrato ficou pra gente ver. Conheci muito a velha Miúda, que pai, que quando ficou solteiro, ai ele arranjou uma mulher de quarenta anos pra cuidar de nós (...)*”<sup>54</sup>, diz Eugênia. Zeca Fagundes se juntou com Ester Oliveira, conhecida por todos como Miúda, referência às suas características físicas, mas em nenhuma das entrevistas realizadas, mesmo com as filhas de Fagundes, a figura dela aparece como uma substituição da figura feminina ou materna; ela aparece sempre como coadjuvante nas histórias. A maneira como Eugênia se refere a Dona Miúda confirma esta idéia, quando diz “*uma mulher de quarenta anos*

---

<sup>53</sup> Fragmento de entrevista de Eugenia, concedida a Autora dia 25/04/2010, às 19hrs20min.

<sup>54</sup> Idem.

*pra cuidar de nós*”<sup>55</sup>, não parece que ela está se referindo a uma madrasta, mas a uma babá.

Perder a mãe tão cedo, em meio a um ambiente ríspido para as mulheres, sendo ela a irmã mais velha, e com isso detentora de uma série de responsabilidades, tornou Aureliza desde cedo uma mulher forte, que, antes de conhecer brincadeiras infantis ou sensações de moças, teve que enfrentar a dura realidade de ser mulher num espaço dominado e arquitetado para o masculino. Este espaço sem dúvida foi traumático para esta mulher que refletiu na educação de seus filhos a mágoa que sentia da vida na fazenda. Maria de Fátima, segunda filha de Aureliza, lembra em entrevista: “(...) *a gente morava na cidade porque (...) porque minha mãe falava, que os filhos dela iam ter que ser criado na cidade, porque ela não ia querer os filhos dela criados na roça.*”<sup>56</sup>

As cicatrizes de uma infância dura, sem a sutileza e a leveza do desabrochar da mulher, do florescimento da sensualidade, ainda estão abertas em Claudemira, irmã de Aureliza. Pude constatar esta afirmação quando visitávamos uma fazenda de cacau, em Ilhéus, chamada Fazenda Primavera<sup>57</sup>. Enquanto o guia nos explicava algumas especificidades do cacau e da fazenda, percebi uma emoção doída nos olhos de Claudemira. As lágrimas refletiam uma infância prisioneira daquela realidade, daquele fruto que por tantas vezes Jorge Amado glorificou como os “frutos de ouro”, que para tantos significou riqueza e poder, mas para outros, como o caso destas meninas, significou opressão e submissão, sob cujo domínio ainda crianças tiveram suas bonecas esmagadas nas barcaças assim como o cacau, que precisa ser pisoteado pelos pés dos trabalhadores ou trabalhadoras antes da secagem.

### **O florescer da mocidade, pisoteada nas barcaças de cacau**

Os filhos homens de Zeca Fagundes desde cedo estiveram envolvidos com os negócios do pai, e as meninas, inicialmente educadas para o trabalho doméstico, logo iam ajudá-lo na roça, pisando ou bandeirando o cacau, colhendo algodão ou arroz. “*Era*

---

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Maria de Fátima Santos Barbosa é a segunda filha de Aureliza; tem 55 anos e hoje mora em São Paulo, onde concedeu a entrevista, dia 21/02/2010 às 8hrs35min.

<sup>57</sup> Claudemira acompanhou a autora na primeira viagem para Ilhéus e Ibicarai numa pesquisa de campo, em Julho de 2009, onde foi feita visita à fazenda Primavera e ela emocionou-se ao ouvir o guia explicar detalhes sobre o plantio de cacau.

*sete mulher, três homem, aí um morreu, ficou dois, aí era pouco pra (...) a fazenda grande, aí nós trabalhava um bocado*”, diz Eugênia sobre a sua adolescência na fazenda do pai.

A costura e o bordado também eram práticas comuns entre as meninas, mas entre os afazeres se incluía também cozinhar, arrumar a casa, cuidar das irmãs e irmãos mais novos, enfim, toda uma educação doméstica que visava a subserviência ao homem. Este, por teoricamente ser o que trabalhava no espaço externo para manter a casa e a família, teria que desfrutar do bem-estar no seu espaço de descanso: a casa, espaço destinado ao cuidado da mulher. No caso dessas meninas, o espaço doméstico, interno da casa, estendia-se para o quintal próximo, onde ficavam as barcaças e a roça.



Fotografia das barcaças na antiga fazenda de Fagundes, tirada pela autora.

Ainda hoje, como pode se observar na foto, a estrutura da fazenda, que foi de Fagundes, continua a mesma. Ao lado da casa principal estão a barcaça e o depósito de cacau. Neste caso, a casa onde morava Fagundes e seus filhos e que hoje está toda reformada, fica mais à direita do retrato. As meninas, assim, estavam sempre sob a vigilância paterna. Esta presença constante de vigilância e cuidados sempre foi muito forte. Nas entrevistas o pai foi citado constantemente como pivô da maioria dos acontecimentos.

Esta postura de Zeca Fagundes, de se manter no alto de uma hierarquia, aponta para o sistema de família patriarcal que aqui se configura de uma forma diferente da que é freqüentemente citada nas obras de Jorge Amado ou nos estudos de Gilberto Freyre, que

se reportam a um sistema patriarcal atrelado ao coronelismo, vislumbrado entre as classes mais abastadas. Já observamos que por mais que ele possuísse características semelhantes às dos coronéis jorge-amadianos, sua condição social o afastava deste estereótipo, mas a configuração básica deste sistema, de concentrar nas mãos do patriarca todo o poder sobre a família, se conserva.

Mesmo diante da rigidez, autoridade e onipresença do pai, as meninas de Fagundes desde pequenas encontravam estratégias e brechas para saírem, se divertirem e até namorarem. Eugênia contou muitos casos em que elas, já moças, com a vaidade aflorada e muita disposição para dançar nas festas, eram proibidas de sair: “*quando nós foi pondo mocinha, aí o pai não deixava a gente ir pra festa, não deixava estudar pra não voltar com namorado*”<sup>58</sup>, diz Eugênia. Quando o pai permitia, era sempre sob a vigilância dos irmãos. “*(...) Nós não tinha ousadia de mostrar as pernas a ninguém, nós não tinha ousadia pra ir pra festa dançar (...)*”. Entre estes relatos, ela conta:

(...) O Jonga (irmão dela)<sup>59</sup> morava lá perto da gente, aí teve uma festa na casa dele, e ele (o pai) não deixou a gente ir, aí a finada Beata (também irmã dela)<sup>60</sup> fugiu pela janela, ela e a Claudemira que eram as mais danadas. E aí eu com medo de nós apanhar, nós não fomos. Antes de amanhecer elas voltaram pela janela e subiram pela janela, só que ele (o pai) não viu, porque, se ele tivesse visto, ele tinha dado uma surra medonha.<sup>61</sup>

Era usando estas estratégias que elas conseguiam ir às festas e às reuniões. Era assim também que elas conheciam seus pretendentes, que na maioria das vezes acabavam tornado-se rapidamente seus noivos, visto que, se o pai descobrisse um namoro escondido, as conseqüências poderiam ser drásticas para as meninas e para os pretendentes.

A fala de Eugênia é fragmentada e suas lembranças não possuem uma ordem cronológica. Ela, com toda sua espontaneidade e irreverência, vai contando o que vem na cabeça de forma apaixonada, colocando sempre sua opinião e seus sentimentos na condução da narrativa. Quando ela conta a história da fuga de Claudemira, ela reforça

---

<sup>58</sup> Entrevista coletiva de Eugênia Alves do Nascimento, 70 anos e Claudemira Alves Pontes, 68 anos, irmãs de Aureliza, realizada na casa de Eugenia em Ibicaraí, dia 15/07/2009, às 22hrs15min.

<sup>59</sup> João Alves do Nascimento era o terceiro filho de Zeca Fagundes.

<sup>60</sup> Beatriz Alves do Nascimento é a sétima filha de Zeca Fagundes, poucos anos mais velha que Eugenia.

<sup>61</sup> Entrevista individual de Eugênia Alves do Nascimento, irmã de Aureliza, entrevista realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 25/04/2010, às 19hrs20min.

esta repressão da sexualidade que aflora na mocidade em prol da preservação da dignidade machista, que submete as mulheres apenas à função de reprodutoras:

Uma vez a gente tava na casa de farinha fazendo, rapando mandioca, aí a Claudemira sentou com a saia aqui meio assim (mostrou com as mão onde estava a saia) e aí quando ele (o pai) viu, curto, a saia curta até o joelho, quando ele viu, ele tirou um veio de corda e meteu a corda nas costas dela. E nisso quando ela viu, ela correu (...) pra casa. Ela não ficou em casa, ela fugiu, ela fugiu pra casa de uma madrinha dela (...).<sup>62</sup>

Posteriormente, na mesma entrevista, que era coletiva, Claudemira corrige a irmã:

(...) antes dele me bater eu arrumei a minha roupa sem ninguém ver e saí correndo por dentro da roça, e fui pra casa desse amigo que era dele (do pai). E quando eu cheguei lá, o homem quase desmaiou de susto, e eu contei porque (ela estava lá) e o homem ficou com medo. O Seu (...) esqueci o nome (...) (“Bia” lembra Eugênia) (...) Bia (confirma a lembrança da irmã), ficou com medo, porque sabia que ele (o pai) era capaz de fazer alguma coisa. Aí eu disse pra ele assim, que: “eu vou ficar aqui até hoje, a partir de amanhã em diante eu vou sair pra algum lugar, não sei pra onde”. Aí ele ficou com medo. E meu cunhado era investigador de polícia, aí meu cunhado no outro dia foi lá me buscar e falou que ia (me) devolver pra meu pai e eu falei para ele assim: “eu não vou voltar pra meu pai, porque ele vai rapar minha cabeça e me amarrar em algum pé de mesa, e vai me bater, eu não vou, eu só vou com minha madrinha pra São Paulo” (...).<sup>63</sup>

Muitas pessoas tentaram fazer com que Claudemira voltasse para a fazenda do pai, mas ela, com medo do castigo que ele daria, negou voltar, até que o pai decidiu: *“(Pai) mandou chamar minha madrinha e falou pra minha madrinha que ela tomasse conta de mim, que ele ia dar o dinheiro, mas que ele não tinha mais essa filha, que ele só tinha as seis filhas, eu ele não tinha mais, ele não queria mais saber de mim”*. Decidida, Claudemira foi morar em São Paulo, onde vive até hoje. A separação das irmãs foi muito dolorosa, Eugênia lembra: *“(...) a gente ficou mais de trinta anos sem ver, (...) em tempo de moça ela veio, o pai já tinha morrido, eu não morava aqui, morava no Luxo.”*

Este rigor com as mulheres podem ser justificados de diversas formas, Jorge Amado, conforme já foi comentado trabalha a idéia da alta periculosidade e da evidente separação dos espaços das mulheres nestes lugares prioritariamente masculinos. Num primeiro momento, as regiões rurais foram conquistadas essencialmente por homens, havendo assim uma escassez de mulheres, que as deixavam vulneráveis aos ataques

---

<sup>62</sup> Entrevista coletiva de Eugênia e Claudemira concedida a autora em Ibicaraí dia 15/07/2009, às 22hrs15min.

<sup>63</sup> Idem

masculinos. É de se observar que a mentalidade desta época se preserva nos dias atuais. Uma vez perdida a virgindade delas, perdia-se também a honra, que envolvia junto a honra do pai. Por isso estes geralmente não as reconheciam mais como filhas. Estas mulheres passavam então a ocupar o espaço público onde as “raparigas” habitavam.

Arriba-Saia, nome pelo qual, segundo os moradores mais antigos da região de Ibicaraí, era conhecida a cidade nos seus primórdios, aludem aos fatos históricos documentados nos romances de Amado em modo de ficção e reforçam a idéia há pouco exposta da vulnerabilidade das mulheres na região em que Aureliza nasceu e cresceu. Este “apelido” não é oficializado e causou muitas controvérsias entre os moradores. O nome teria surgido por motivo do risco de violências sexuais ao qual as mulheres estavam submetidas se saíssem dos espaços domésticos, tudo isso em consequência da escassez de mulheres no lugarejo. Waldir Montenegro Matos Júnior, morador antigo da cidade de Ibicaraí, relata que, nos primórdios da cidade, quando uma mulher saía de casa, mesmo que acompanhada, estava sujeita “(*...*)a servir não era a um só, era a um grupo(*...*)”, pois “os homens vivia sem mulher (*...*)”, por isso a região ficou famosa como o “*ponto do Arriba a Saia*”<sup>64</sup>, referência às saias das mulheres que eram violentadas.

A honra masculina tinha que ser mantida a qualquer preço, não era apenas a família que estava em jogo, no caso de uma sociedade pautada no sistema patriarcal, a imagem da família estava diretamente vinculada à imagem do pai. Claudemira, a caçula de Fagundes, transformou completamente sua vida em função desta honra, além de ter se afastado de suas irmãs, tendo que recomeçar sua vida em São Paulo. Em Ibicaraí ela não teria mais espaço, ela foi deserdada pelo pai como filha, consequência que ainda hoje a entristece muito. Ela, assim como Eugênia, disse nas entrevistas, que sofriam com a autoridade do pai, mas sempre tomou o cuidado para não difamá-lo, como se elas quisessem preservar a imagem dele, assim como expressou nas entrelinhas da seguinte frase: “*e elas sofreram (as irmãs) e nós também, só que ele era aquele pai que não deixava faltar comida em casa.*”

---

<sup>64</sup> CUNHA, Rosângela Nunes Sena e SANTOS, Sayonara Cristina de Oliveira Leão. Monografia de TCC para a obtenção de graduação em Licenciatura em História na Faculdade Estadual de Santa Cruz em Ilhéus, Bahia, 2006, p. 64. De palestra a Ibicaraí: Uma análise histórica destes espaços em construção - de 1916 a 1955.

Os casamentos, quando não eram arranjados pelos pais, tinham que ter total aprovação dos mesmos. Edmundo, marido de Eugênia, quando conta sobre seu noivado torna explícita esta relação:

Eu conheci ela (Eugênia) num casamento de um amigo meu, aí ela pegou a gostar de mim. Aí quando foi no outro dia, eu fui na casa dela, aí conversei com o pai dela. Naquele dia, eu fiz uma carta e fui levar, pedindo o casamento a ela. Só que o pai dela, com vinte e dois dias, mandou um bilhete pra mim ir na casa dele. Eu fui na casa dele, (...) quando ele me enxergou ele disse assim: “eu recebi um bilhete e mandei este bilhete, porque você mandou uma carta pedindo minha filha em casamento, mas só que eu não quero”, eu disse: “Você não quer?” ele disse: “Não”, e eu disse: “Tudo bem, eu mandei porque ela disse que se fosse ter futuro, que eu viesse se não tivesse, que eu nem viesse cá, eu como estava interessado em casá, eu apaixonei nela, mas se o senhor não qué, não tem nada feito”.<sup>65</sup>

Edmundo era um homem de poucas posses, sua roça era ainda menor do que a de Fagundes, por isso ele não queria o casamento. Edmundo tem a fala bem tranqüila e confusa, ele relatou na entrevista que teve que ser muito insistente e paciente para que o sogro concordasse com o casamento. Foram mais ou menos seis meses de negociação para que Zeca Fagundes aprovasse o noivado dos dois. Eugênia com certeza teve sua participação nisso, “(...) eu mandei porque ela disse que se fosse ter futuro, que eu viesse, se não tivesse, que eu nem viesse cá, eu como estava interessado em casá, eu apaixonei nela (...)”<sup>66</sup>.

Ela mesma disse, em outros momentos fora da entrevista, que dentro de suas possibilidades influenciou na decisão do pai, mas, contudo, em entrevista, ela relata como as relações do pai e do marido mudaram depois do casamento:

(...) pai colocou ele (Edmundo) na fazenda. Diz que se ele ficasse vivo, que ele cuidasse da fazenda dele, aí ficou gostando dele, né? Porque às vezes ele vendia laranja, fazia tudo certinho, dava o dinheiro a ele (ao pai), foi tomando gosto por ele, mais foi quando ele morreu.<sup>67</sup>

Se houve dificuldades para o casamento de Eugênia e Edmundo, por causa das condições econômicas do rapaz, no caso de Aureliza aconteceu o inverso: “É, (Aureliza) conheceu Edinho, e nesse tempo quando uma pessoa namorava com uma pessoa que tinha cacau, pai só faltava entregar as fia, porque tinha (faz com a mão o

---

<sup>65</sup> Entrevista concedida por Edmundo a autora Ibicaraí, dia 26/04/2010, às 20hrs.

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> Fragmento de entrevista de Eugenia concedido a autora em Ibicaraí, dia 25/04/2010, às 19hrs20min.

*gesto que simboliza dinheiro). Era fazendeiro, aí Liu (Aureliza) casou com Edinho...”*<sup>68</sup>, diz Eugênia de forma debochada.

Percebe-se nos relatos que o casamento era uma forma de fugir da autoridade paterna. As meninas, cansadas de viver sob o controle do pai, buscavam casar de qualquer modo, na primeira oportunidade, assim como aconteceu com Eugênia, mesmo sem amar o pretendente. Neste caso o amor acontecia, quando acontecia, depois do casamento.

O casamento dessa maneira tornava-se um elemento de fuga consentida. As meninas sentiam a necessidade de casar por motivos pessoais, numa tentativa de aliviar as pressões patriarcais que as esmagavam dentro do lar paterno e por motivos sociais, concretizados principalmente na figura da Igreja, que incitava o casamento das moças ainda virgens, para a formação da virtuosa família, de forma que estas deveriam casar-se ainda novas, para não ficarem mal vistas pela sociedade, além de muitos outros signos e exigências que acompanhavam estas questões<sup>69</sup>.

Os pais também almejavam o casamento das filhas; estes, mais racionais, focavam suas preferências, sem nunca perder de vista a honra que as pressões sociais viabilizavam, na condição social e econômica dos pretendentes. Estes mesmos participantes de grupos sociais menos abastados, qual é o caso de Fagundes, vislumbravam para as filhas homens de posses, no caso específico do sul da Bahia, proprietários de terras de cacau, como ficou evidente na última frase de Eugênia, quando menciona o casamento de Aureliza com Edinho.

### **A primeira fuga de Aureliza: o casamento**

Edinho, como chamavam Francisco Joaquim Filho, era filho de Jovelina, conhecida por todos como Mãe Jovem e Francisco Joaquim, apelidado de Chiquinho. Eles possuíam um enorme pedaço de terra na região chamada antigamente de Brejo, hoje conhecida por todos como região Jacarandá: a Fazenda da Alegria. Esta também fica em torno da cidade de Ibicaraí, assim como a fazenda de Zeca Fagundes, porém

---

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> Miridan Knox Falci aprofunda-se nestas questões de casamento no texto “Mulheres do Sertão Nordestino”. In: PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 256.



numa distância considerável, principalmente se levarmos em conta a localização e o fato da região ser ainda composta de inúmeras fazendas ou roças, todas pertencentes ao mesmo distrito.<sup>70</sup>

Por ser tão grande, todos os filhos homens do casal possuíam seu pedaço de terra onde tinham sua produção própria. As filhas mulheres viviam na casa sede, junto com os pais, até se casarem.

As mulher, a maioria casaram e saíram daqui né, (...) de mulher que tinha aqui era (...) Tia Ana, tinha uma fazendinha aqui perto dessa, mais era lá mais distante, era em outros pertences, o marido dela comprou uma terra, mais ficava mais lá distante. E tia Maura era mais perto, antes ela morava aqui perto da casa de vovó, a finada tia Maura (fala como se lembrasse da imagem da tia). As outras casou e foram pra outros lugares (...), como Erundina, Idalina, tia Rita (...) Lindaura também não morava aqui (...).<sup>71</sup>

Essa resposta foi de Idalice, neta de criação de Mãe Jovem, quando questionada por mim sobre esta questão, numa entrevista documentário.<sup>72</sup> Idalice e Antônio são filhos de Idália, filha de criação de Mãe Jovem. Os dois me concederam entrevista na Fazenda da Alegria, que hoje pertence a outro dono, que nos permitiu gravar o documentário. Eles lembravam as histórias no lugar onde elas aconteceram, contextualizando no espaço como a família se organizava. Parecia que para eles, por estarem nos espaços, palco de suas memórias, as lembranças vinham com mais facilidade<sup>73</sup>.

Na fazenda da Alegria, o sistema relacional e econômico se diferenciava muito do que conhecemos com Zeca Fagundes. Jovelina, a Mãe Jovem, era parteira, por isso a maioria das pessoas que moravam por ali lembram dela desta forma. Mãe, refere-se, portanto, à sua profissão e Jovem, a seu temperamento alegre e festivo. A maioria dos moradores da região, nascidos lá e que têm hoje mais de cinquenta anos, foram trazidos à luz pelas mãos dela, “(...) *minha mãe de pegação era mesmo sua bisavó, que chamava*

---

<sup>70</sup> Fixado anexo o mapa, para uma visualização mais completa.

<sup>71</sup> Todas estas mulheres que foram citadas no depoimento de Idalice, são irmãs de Edinho, marido de Aureliza e filhas de Jovelina, a Mãe Jovem. Entrevista no documentário sobre a Fazenda da Alegria.

<sup>72</sup> Documentário em DVD está anexo. Este foi produzido por mim na Fazenda da Alegria, que agora tem outro dono, este nos permitiu generosamente conhecer a fazenda e gravar o documentário.

<sup>73</sup> Maurice Halbwachs faz menção a esse tipo de lembrança em “A memória coletiva”, quando diz que temos mais facilidade de lembrar quando voltamos aos espaços onde ocorreram os fatos vividos, ou quando ainda participamos do grupo social que participaram dos acontecimentos. Ver mais em HALBWCHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

*Dona Jovem, que eu chamava minha Mãe Jovem (...)*”, diz Nidi Farias<sup>74</sup>, antiga vizinha da Fazenda da Alegria.

O fato dela ser parteira, unindo-se ao fato de Chiquinho ter sofrido com uma saúde frágil, logo ele perdeu a visão e foi cuidado até o fim da vida por Mãe Jovem, fez com que ela construísse uma forte imagem sua na memória das pessoas. Quando questionada sobre Chiquinho, Idalice responde:

(...) os antigos falavam muito dele que se chamava Francisco, conhecido por Chiquinho (...). Aí depois ele adoeceu, ele ficou cego, aí ele só ficava em casa, não conseguia andar, por que ele era cego. Aí a minha (...) a Jovem, porque ela era parteira, aí ela ficou famosa (...) ela pegava as crianças de toda região e ela ficou muito conhecida por isso, mais conhecida do que o marido.<sup>75</sup>

Chiquinho ortogou a autoridade patriarcal aos filhos por ter ficado doente, ao contrário ele seguiria a postura ditada até então, semelhante à de Fagundes e à dos outros fazendeiros da região de Ibicaraí. A imagem da mulher forte era respeitada, mas quem cuidava dos negócios eram essencialmente os filhos homens mais velhos. A lógica apenas parecia ser diferente porque ela se destacava mais, porém sua palavra, quando se tratava dos negócios da fazenda, não tinha tanta força, como veremos mais adiante, quanto ao respeito e carinho que a maioria tinha por ela.

O sistema patriarcal ainda se configurava como base estrutural desta família; além de serem os homens que resolviam os problemas relacionados à fazenda, esta era composta por muitos membros. O conceito de família patriarcal proposto por Eni Mesquita elucida esta questão quando diz que a descentralização política e a troca de favores que os possuidores de terras mantinham com as pessoas da região possibilitava a relação de apadrinhamento, fortalecendo e ampliando o sistema patriarcal.

A família patriarcal era a base desse sistema mais amplo e, por suas características quanto à composição e ao relacionamento entre seus membros, estimulava a dependência na autoridade paterna e a solidariedade entre os parentes. (...) A anexação de outros entes familiares, como filhos ilegítimos ou de criação, parentes, afilhados, expostos, serviçais, amigos, agregados e escravos, é que conferia à família patriarcal uma forma específica de organização, já que a historiografia utiliza o conceito de família patriarcal como sinônimo de família extensa.<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> Ireneldes Pinheiro de Faria ainda reside em Ibicaraí e ainda possui a fazenda, que era vizinha da fazenda que foi de Mãe Jovem e Chiquinho.

<sup>75</sup> Fala de Idalice no documentário.

<sup>76</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 11-12.

Encontramos no sistema estrutural e relacional da Fazenda onde morava Edinho elementos que configuram esta família como parte deste sistema exposto. Idalice e Antônio, citados há pouco, são um exemplo disso, já que eles foram “criados” por Mãe Jovem, conforme conta Idalice:

(...) com trinta dia que ela (a avó de Idalice) ganhou o nenê, ela veio a falecer e deixou meu avô com uma menininha, que é a minha mãe, que se chama Idália, e com um menininho que não tinha nem nome ainda, de trinta dias. Ele não tinha o que fazer com essas duas crianças dentro da roça, (...) numa única casa dentro do mato, né. Aí ele veio, pegou o menininho, deu pra cunhada que morava em Ibicarái, naquela época era Palestrina (...) e a menina que era maiorzinha, ele não tinha como deixar ela sozinha em casa. Aí, aqui (na fazenda da Alegria), a vovó Jovem, que era os vizinhos mais próximos, que tinha muita gente, tinha muita moça, tinha muita criança, aí ele falou pra minha vó Jovem cuidar da minha mãe, aí ele pagava, dava toda despesa para minha mãe, que era pequenininha, pra ela cuidar, e aí ela disse “Pode trazer Seu Elias, traga pra cá, com muito prazer”. Aí ela criou a minha mãe (...) e ela foi chamando sempre de mãe, de mãe, de mãe, aí os irmãos também de irmão (...), aí esta história que considerava minha mãe como irmã (...) aí nós (...) considerava todos eles como tio, tia e vó, vó, que era vó Chiquinho e vó Jovem (...) aí minha mãe não chamava o pai de pai, porque o pai que ela considerava como pai era o vó Chiquinho e a vó Jovem (...) e até hoje a gente considera vocês como nossos parentes (...).<sup>77</sup>

Antônio completa dizendo:

(...) Sexta-feira da Paixão tinha tradição da gente vim (para a fazenda de mãe Jovem), “a bênção vovó” (lembrando como cumprimentavam ela), ajoelhar essas coisa, né (...) todo final de semana nós estava por aqui, brincando com os meninos também da mesma idade né. E era muita gente, muita gente mesmo, aqui morava muita gente. E era assim, a relação com vovó era assim.<sup>78</sup>

O carinho atribuído a Jovelina, a famosa Mãe Jovem, também era devido às festas de São João que ela organizava em suas terras. Estas são lembradas até hoje pelos moradores vizinhos da fazenda.

(...) Era um povo muito animado, as festas de São João, não sei se você já ouviu dizer que eram boas as festas lá? (...) Ave Maria, começava a festa do dia treze de junho, que era dia de Santo Antonio, aí só terminava no São Pedro. O povo ia aqui da cidadezinha de Ibicarái, que agora tá uma cidade grande, mas naquela época era muito pequena né. Aí, ia todo mundo pra roça, passar a festa de São João lá na roça de mãe Jovem. Mãe Jovem fazia licor (riso), muita canjica, e aí todo mundo ia, se divertia. Eu nessa época era bem mocinha, tinha o quê? Uns quatorze ano, aí fui conhecendo o pessoal, e aí ia todo mundo lá dançar forró de São João, era sanfona (...)(riso).<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> Fala de Idalice no documentário.

<sup>78</sup> Fala de Antônio no documentário.

<sup>79</sup> Idem.

Nide Farias, vizinha de Mãe Jovem, lembra com muita alegria estes momentos de sua juventude, como algo marcante. Ela ria muito enquanto lembrava, com os olhos cheios de lágrimas, que refletiam as boas lembranças de tempos de outrora. Os netos de Mãe Jovem também lembram destas festas: “*Minha avó também era índia, foi pegada em como é (a esposa ajuda dizendo: descendente de índio), isso descendente de índio, gostava de todo mundo, festejava São João*”, diz Nilson<sup>80</sup>. Os filhos de Aureliza completam, sempre fazem menção às festas e se divertem muito em reuniões familiares e conversas saudosas das estripulias que faziam na fazenda da avó em época de São João.

As festas de São João eram e ainda são muito freqüentes e importantes na região, mobilizando todos a participarem destas, que são organizadas principalmente nas roças, termo usado por eles para se referirem às fazendas ou sítios na região. Ela marca muitos eventos que ainda estão por acontecer nos fatos aqui narrados, tal qual a morte de Mãe Jovem que aconteceu dia 22 de julho de 1982, perto do dia 24 de Junho, dia de São João.

O “*povo da Mãe Jovem*” também era conhecido, lembrados e temidos pelas brigas que arrumavam nas cidades e, por vezes, até entre eles:

Eles gostavam de caçar catitu<sup>81</sup> (...) e meu tio também gostava de caçar. Aí eles caçaram uns catitus, mataram acho que dois, aí quando chegaram aqui e atiraram as carcaças, aí os cachorros começaram brigar (risos). Aí, um foi, e deu um panho de facão, bateu com facão no cachorro do outro, e o outro não gostou (...). Aí começaram uma briga, uma resenha lá, querendo briga. Aí um “queta, queta, queta” (referindo-se as pessoas querendo apartar a briga), aí um arrastou o facão, o outro também arrastou, aí entrou pessoas pelo meio (dizendo) “queta, queta” aí acalmaram. Mas foi o tio Neco que me contou isso (...).<sup>82</sup>

“*Mas rapaz, o pessoal gosta ali de uma briga, eles são meio briguento*”, conclui Antônio quando lembra desta briga que aconteceu entre o tio dele e os filhos de Mãe Jovem, que ele também considera como tios.

Diferente da família de Fagundes, a maioria dos irmãos, filhos de Jovem, eram homens. Estes irmãos, sempre unidos, nunca deixavam um ao outro desamparados

---

<sup>80</sup> José Reis Santos é filho de José, irmão de Edinho. Ele ainda reside em Ibicaráí.

<sup>81</sup> Antônio, o narrador da história, explica que catitu “era um porco do mato”.

<sup>82</sup> Fragmento do documentário, fala de Antônio.

numa briga. Neste sentido o caso mais lembrado foi o de Dertrudes, que perdeu uma mão numa briga, por causa de uma mulher. O caso foi o seguinte:

Tinha um moço ali em Ibicarai que chamava Seu Mariano, e eles pegaram uma rincha lá, por causa de namorada, estas coisas todas. E eles tiveram uma briga de facão e nessa briga de facão, Mariano cortou o braço de Dertrudes, o meu tio (...). E aí com o passar do tempo teve uma festa lá em Ibicarai e ele foi (o tio Dertrudes), e aí Mariano, aí ficou com gozação dizendo: “olha aí, o totó até engordou! Que perdeu o braço e engordou” (risos). Aí nada não, quando foi um dia, ele tinha uma pistola antiga que era pistola de carregar pela boca, ele deu um tiro neste Mariano com essa pistola e aleijou o Mariano (...) atirou por trás, acertou a coluna e esse Mariano morreu aleijado (...).<sup>83</sup>

Dertrudes é lembrado por todos os sobrinhos e por muitos vizinhos ali da região por que não possuía o braço e mesmo assim trabalhava como cabeleireiro. Ele amarrava um pano no braço onde estava faltando a mão e colocava o pente; assim ele conseguia pentear e até cortar os cabelos de seus clientes.

Por mais que todos se envolvessem em brigas, principalmente porque a família era grande e um se envolvia nas brigas dos outros, Edinho não é lembrado como um homem briguento, mas como “*um homem de trabalho, ele era um homem trabalhador*”<sup>84</sup>, e muito mulherengo.

Ele é lembrado da mesma forma por todas as pessoas quando questionadas. Todos disseram que ele era um homem muito alegre, carismático e simpático. Os filhos de Edinho com Aureliza lembram que ele muitas vezes chegava bêbado em casa depois das longas noitadas e que ele gostava muito de tocar violão. Estas poucas características o enquadram no estereótipo de grande boêmio, dado de essencial relevância para os acontecimentos a serem discutidos mais adiante.

Aureliza também é lembrada como uma mulher alegre e muito bonita, principalmente aos olhos de suas três filhas. Elas lembram da mãe como uma mulher linda e carinhosa, por mais que fosse um pouco autoritária e regrada no trato diário. Maria das Neves, a filha caçula, é a única que não lembra da mãe, pois esta foi embora antes dela completar um ano de idade. Aureliza era alta, magra, com quadris largos, era uma negra clara, com os cabelos ondulados, “*pernas bem torneadas, era a típica mulher brasileira*”, descreve Maria das Graças, sua terceira filha.

---

<sup>83</sup> Idem.

<sup>84</sup> Diz Antônio quando é perguntado sobre Edinho.

Efetuada o casamento, Aureliza e Edinho foram morar na Fazenda da Alegria, na parte que cabia a ele. Lá Aureliza não trabalhava mais na roça, limitava-se aos trabalhos domésticos. Não era costume da família de Jovem que crianças ou mulheres trabalhassem na roça, os filhos acompanhavam os pais nos dias de trabalho, não para trabalharem como adultos, conforme acontecia na fazenda de Fagundes, mas para ajudá-los e aprender o ofício que herdariam do pai. Os valores mudavam constantemente, quando se volta à infância de Aureliza se tem uma prova disso, mas mesmo assim o trabalho infantil acontecia precoce, quando temos como parâmetro o Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>85</sup>. Ficava a cargo das mulheres cuidar dos trabalhos domésticos, enquanto os homens cuidavam dos trabalhos na roça.

Foi lá na Fazenda da Alegria e pelas mãos de sua sogra, a Mãe Jovem, que Aureliza teve sua primeira filha, Marizete. Não há relatos que descrevam as relações entre Aureliza e Mãe Jovem, mas em algumas conversas informais fui informada que a mãe de Edinho gostava muito de Aureliza. Ninguém comentou mais nada sobre a relação das duas, abrindo espaço para uma leitura que imobiliza a interferência de Mãe Jovem nos casamentos dos filhos homens, o que indica a passividade dela nos assuntos convencionados como masculinos, reforçando o conceito e a atuação do patriarcalismo nesta sociedade, neste momento.

Mesmo que ali ela vivesse uma realidade diferente da que experimentou na fazenda do pai, o trauma da vida na roça de sua infância e mocidade ainda abismava Aureliza. Temendo que seus filhos tivessem o mesmo triste destino que teve durante sua infância e adolescência, e influenciada pelas mudanças sociais da época, que se transformava em decorrência do crescimento das cidades, Aureliza logo negociou com o marido sua segunda fuga: morar no “asfalto”<sup>86</sup>, na cidade de Ibicaraí.

Esta cidade tem, na sua história recente, origem num pequeno roçado cujo proprietário, chamado Calixto Primo, vendeu-o para Manuel Marques Filho. Este último mudou-se para a região e instalou-se por lá introduzindo as primeiras mudas de cacau. A partir de 1917 outras famílias chegaram na região, formando ali um pequeno vilarejo. Povoada principalmente por sergipanos e migrantes do Recôncavo Baiano, Palestina,

---

<sup>85</sup> Está no artigo 2º, item 3 da Convenção nº 138 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 1973, fixado como idade mínima recomendada para o trabalho em geral a idade de 16 anos.

<sup>86</sup> Termo usado pela população local, ainda hoje, para referir-se à cidade em contraposição às roças.

como era chamada na época, devido às cotidianas reuniões que se realizavam no barracão central<sup>87</sup>, começou a crescer principalmente por causa dos comércios, cada vez mais desenvolvidos e procurados pelos cacauicultores das redondezas.

Esta passou a atender e a abastecer os vizinhos, tornando-se uma conhecida cidade de feiras e comércios. Em 1941 o nome Palestina mudou definitivamente para Ibicaraí e em 22 de outubro de 1955 a cidade foi desmembrada de Itabuna, uma urbe maior e mais desenvolvida, localizada a alguns quilômetros da cidadezinha<sup>88</sup>. A emancipação ibicaraense não se fez pela luta armada ou por conflitos violentos como aconteceu quando se tornou independente a cidade fictícia descrita por Jorge Amado em “Tocaia Grande”. Tudo se deu por acordos políticos, porém demorados, entre os abastados fazendeiros e políticos da região em questão e da cidade de Itabuna.

Muito da documentação se perdeu neste processo e durante muito tempo a cidade careceu de alguns órgãos públicos que foram implantados gradativamente na região. Ainda hoje eles estão organizando seus arquivos, inviabilizando uma pesquisa mais aprofundada sobre a região. Dados de 1979 chamam atenção para uma cidade ainda pequena e em desenvolvimento, numa área de 285 km<sup>2</sup>, a região possuindo uma população residente de 33.110 habitantes, sendo 22.000 no setor urbano e 11.100 no meio rural. A cidade contava com 56 ruas e travessas, poucas instituições de saúde, de educação e de cultura, mas se tornava cada vez mais desenvolvida em decorrência do auge do cacau, produto que movimentava a economia de toda a região.<sup>89</sup>

No romance “*Tocaia Grande, a face obscura*”, Jorge Amado cita o nome de Palestrina como uma das cidades vizinhas do fictício vilarejo que se tornaria Irisópolis. Neste romance histórico, ele aponta para elementos semelhantes aos encontrados na escassa bibliografia historiográfica da cidade de Ibicaraí, construída pelos poucos documentos arquivados e, principalmente, pelo testemunho oral<sup>90</sup>. No romance ele

---

<sup>87</sup> Espaço onde se armazenava e se secava o cacau.

<sup>88</sup> Dados de “Isto é Ibicaraí, 1979”, Cidade do Cacau (É uma publicação em série elaborada pelos escritórios Locais do Departamento de Extensão em conjunto com a Divisão de Comunicação da CEPLAC para distribuição nas comunidades da Região cacaueira).

<sup>89</sup> Idem.

<sup>90</sup> A única obra que encontrei sobre a região específica de Ibicaraí foi na Universidade Estadual de Santa Cruz: CUNHA, Rosângela Nunes Sena; SANTOS, Sayonara Cristina de Oliveira Leão dos. *De palestra a Ibicaraí: uma análise histórica destes espaços em construção – de 1916 a 1955*. 64 folhas

descreve de forma épica a construção da cidade a partir do estabelecimento inicial do comércio e, logo em seguida, das prostitutas. O clima de violência e medo que permeia todo o romance, e compõe sua linha narrativa para descrever o surgimento desta cidade, é o principal tema buscado pelo autor. Quando ele finaliza a narrativa, conclui:

E aqui interrompe em seus começos a história da cidade de Irisópolis quando ainda era Tocaia Grande, a face obscura. O que acontece depois – o progresso, a emancipação, a mudança de nome, a comarca, o município, a igreja, os bangalôs, os palacetes, os paralelepípedos ingleses, o intendente, o vigário, o promotor e o juiz, o fórum e as cadeias, a loja maçônica, o clube social e o grêmio literário, a face luminosa – não paga a pena contar, não tem graça. Até mais ver.<sup>91</sup>

Hoje, Ibicarai se encaixa nesta descrição feita pelo autor baiano, refletindo o que ainda estava por vir com o desenvolvimento destas cidades. Mais uma vez Jorge Amado baseia-se na oralidade para a construção de suas narrativas. Percebe-se claramente na estrutura do fragmento e nas expressões “*não paga a pena contar, não tem graça*” e “*Até mais ver*” que o interlocutor deste romance é alguém do povo, que nos conta uma narrativa épica.

Com o crescimento do comércio e o auge do cacau, Ibicarai passou a ser um atrativo para as pessoas que moravam nas roças, pois se tornou mais fácil a negociação dos produtos produzidos nas fazendas ou roças, e a qualidade de vida melhorou. Foram construídas escolas e postos de saúde. Apareceram médicos, como previu o fragmento do romance, mas por muito tempo eles ainda ficaram carentes de cartórios ou prefeitura, em função de toda a burocracia da emancipação.

Muitas famílias optaram por morar nas cidades, como foi o caso de Aureliza e Edinho. Com a mudança para a nova residência, a lógica da vida na roça foi invertida. Se antes as viagens à cidade ocorriam para a venda da produção das fazendas, agora, por ter sua família na cidade, Edinho precisava ir trabalhar na roça, e desta forma ele passava mais tempo longe da sua família, pois ficava durante a semana na roça e voltava para sua casa na cidade às sextas-feiras.

---

(Monografia). Monografia apresentada para a obtenção de graduação em Licenciatura em História na Faculdade Estadual de Santa Cruz em Ilhéus, Bahia, 2006, p. 64.

<sup>91</sup> AMADO, Jorge. *Tocaia Grande: a face obscura*. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 505.



Diferente dos coronéis estereotipados na obra de Amado, Edinho ia trabalhar na roça. Estes que aprenderam desde cedo o trabalho nas lavouras, acompanhavam de perto todo o processo de colheita em suas terras, participando também de todos os processos pelo qual passava o cacau, junto com os poucos trabalhadores que possuíam. Antônio, irmão de Idalice, netos de criação de Mãe Jovem, ainda hoje trabalham nas suas roças de cacau. Um homem que foi criado entre os cacauzeiros, entre a lógica de trabalho da qual participa, nem pensa em abandonar a sua vida de trabalho na terra.

Foi na cidade que Aureliza teve seus outros cinco filhos e onde iniciou uma grande transformação em sua vida em decorrência das mudanças que o contexto social lhe impôs. Diferente de sua infância e adolescência, os filhos de Aureliza tinham uma infância boa ao lado da mãe na cidade. Era uma vida regrada, pois Aureliza era muito cuidadosa com os horários do almoço, jantar, banho, além de ser uma mãe muito carinhosa e atenciosa com os filhos.

A família já morava na cidade quando a fazenda da Alegria começou a trazer problemas para os proprietários. Este episódio reforça a idéia, já trabalhada anteriormente, da pouca influência que Mãe Jovem tinha nos negócios da fazenda:

É que pra fazer uma barçaça<sup>92</sup> ali (aponta para um espaço na antiga fazenda da Alegria), aí meu tio Aristides tomou um dinheiro do Banco do Brasil, através da CEPLAC<sup>93</sup> e com os juros alto né? Essa dívida foi crescendo e crescendo, ele pagando em prestações, eu acho que ele não pôde pagar a primeira prestação aí foi acumulando dívida. E foi virando uma bola de neve né? Aí chegou o ponto que ele ficou com medo de perder a fazenda e reuniu os irmãos e decidiu vender pra pagar essa dívida. E pagou e sobrou um dinheirinho e dividiu, que não deu quase nada (risos) pra cada um, mas a história foi essa.<sup>94</sup>

Para elucidar melhor a história, Antônio, narrador até aqui, explica melhor o que era a CEPLAC:

A CEPLAC vinha na fazenda, olhava e via se a pessoa tinha condição de fazer (a colheita e produção do cacau) (...) pela quantidade de arroba de cacau que colhia né. Aí, precisava de barçaça pra secar e ele não tinha, tinha (apenas) uma barcacinha pequena, aí eles ofereciam a oferta, de irem no banco tomar um dinheiro, chamado penhor, fazer um penhor (Como foi o caso da Fazenda da Alegria). A pessoa dava a propriedade como garantia, e pegava o dinheiro pra construir. E muita gente fazia isso na região, só que aconteceu, acho que foi um

---

<sup>92</sup> Barçaça é o lugar onde se seca o cacau, de fundamental importância para a produção desse produto que era vendido por preços altos. Como a colheita era muito alta, eles precisavam de uma barçaça maior para esta parte da produção.

<sup>93</sup> Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira.

<sup>94</sup> Fragmento do documentário narrado por Antônio.

ano que a lavoura não deu bem, caiu a produção (ele se refere ao caso específico da fazenda de Mãe Jovem). Aí começou a complicar né, ficou difícil pra pagar e aí aconteceu que a dívida ia crescendo. E a história que meu pai contou foi essa aí, de tio Aristides na realidade, acho ele não agiu de má fé não, porque muita gente fez isso e pagou e ele não conseguiu pagar, e aí (...) aconteceu que virou uma dívida muito alta e ele teve que vender a fazenda pra pagar.<sup>95</sup>

Idalice, que estava ao lado durante a narrativa do irmão, completa:

(...) também teve o negócio do avalista, naquele tempo avalizava, e o avalista foi o Lauro Pires (...) e foi um que mais pressionou eles pra vender a fazenda, porque se eles não pagassem a dívida, o avalista é quem tinha que pagar (...).<sup>96</sup>

Em nenhum momento Idalice ou Antônio citam a presença de Mãe Jovem nos trâmites de venda da fazenda. Chiquinho já havia morrido, quando tudo isso aconteceu, Mãe Jovem, mesmo sendo muito respeitada por todos, não participou da venda da fazenda, pelo menos não diretamente. Quem fez todas as negociações foram os filhos, reforçando a idéia da dicotomia de gênero entre mulheres e homens que se faz desde a formação destes, determinando energicamente as funções ditadas pelas classes sociais, raciais e espaciais. No caso da política ou de assuntos econômicos, a participação das mulheres nunca era bem vinda, independente do grupo que faziam parte; estas, mesmo quando se destacavam, qual é o caso de Jovelina, deveriam limitar-se essencialmente aos assuntos domésticos.

Muitos ainda culpam o Aristides pela perda da fazenda. “(...) *A fazenda foi vendida por causa de um débito que tio Aristides fez, aí foi preciso vender a fazenda pra poder pagar esse débito*”<sup>97</sup>, diz Nilson, sobrinho de Edinho, com muito pesar. Ele diz que a dívida era apenas do tio, não fala que ele pretendia comprar uma barcaça para a fazenda, como Antônio disse. “(...) *A gente tinha casa lá na roça, a gente vivia lá, tá entendendo, até quando foi vendida a fazenda e acabou tudo. Cada qual deu prum canto, outro deu pra outro (...) sumiu tudo* (refere-se aos tios), *se dividiram* (...)”<sup>98</sup>, se queixa Nilson, que ainda sente muito a perda da fazenda.

A venda da Fazenda da Alegria, conforme relatou Nilson, distanciou muito os irmãos e a família de Jovem. Os filhos compraram uma casinha para mãe em Ibicaraí e

---

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> Idem, com narrativa de Idalice.

<sup>97</sup> Fragmento de entrevista concedido por Jose Reis Santos, 62 anos, sobrinho de Edinho (filho de José), realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 25/04/2010, às 13hrs40min, a autora.

<sup>98</sup> Fragmento do documentário narrado por Antônio.

coube a cada herdeiro destinar um fim ao dinheiro dividido com o que restou da fazenda.

Edinho, que já tinha uma casa na cidade, mas cujas raízes estavam fincadas na terra, comprou outra roça, menor do que a anterior, e continuou plantando e vendendo sua produção na feira. Porém, a perda da fazenda influenciou-o diretamente no financeiro e em sua rotina. Automaticamente mudanças aconteceram no modo de vida de sua família e da relação dele com sua esposa, Aureliza, desencadeando drásticos acontecimentos.

## **CAPÍTULO 2 - Aureliza decide partir para a cidade grande, deixando o grito de Tereza escapar de seu peito**

### **Na cidade, Aureliza desfruta de uma vida como foi a vida de casada de Dona Flor**

(...) Eu morei numa casa que era grande, (...) grande aos meus olhos, tinha uns móveis muito bonitos, morava eu, minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos, eu tinha dois irmãos mais novos do que eu. (...) Eram duas casas, uma que a gente morava e outra que meu pai guardava (...) as frutas, verduras que vinha da fazenda, e tinha um quintal grande que eu lembro. Tinha os quintais do vizinho que dava (...) da nossa casa, dava pra casa de outro vizinho. Eram dois quintais que se encontravam, tinha uma porteirinha no meio, eu lembro (...) E que minha mãe era uma mulher um pouco austera e que ela não gostava muito que a gente brincasse com o vizinho (...).<sup>99</sup>

Toda a magia do ato de lembrar, surge na entrevista de Maria das Graças. Enquanto falava de sua infância na casa de Ibicaraí, parecia ver montando à sua frente as imagens guardadas daquele tempo. A terceira filha de Aureliza revisitava seu passado com os olhos molhados, lembrando de cada detalhe de sua infância ao lado da mãe atenciosa que, às vezes, devido tanta proteção, parecia ser “austera”. Característica que é corrigida por ela logo em seguida, numa confusão típica de um relato de infância, cheio de carinho e saudades, de uma pessoa que guarda nos pormenores todas as sensações sentidas em tempos de outrora:

(...) na minha casa era assim: a gente tinha horário pra dormi, tinha horário pra brincar, tinha horário pra fazer tudo, porque minha mãe era uma dona de casa muito certinha. A minha mãe era uma mulher bonita, pra mim, aos meus olhos. Quando eu tinha oito anos mais ou menos, a visão que eu tinha dela era que ela era uma mulher muito bonita, uma mulher muito grande, que lógico depois ficou pequena porque eu cresci também, mas, quando eu era pequena, era uma mulher muito grande, bonita, uma mulher muito dedicada, uma ‘mulher do lar’. (...).<sup>100</sup>

Sim, Aureliza era uma “mulher do lar”, preocupada com os trabalhos domésticos e com a maternidade. Não era rica, como as esposas dos grandes coronéis de cacau desenhados nos romances de Jorge Amado, que viviam presas aos espaços domésticos e à vida ociosa, preenchida por afazeres típicos das mulheres de elite, dedicada apenas à leitura, ao piano, ao bordado ou à costura, sem ferir sua delicadeza e fragilidade que as tornavam sempre submissa aos seus maridos ou pais.

---

<sup>99</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças a autora no dia 12/06/2009 às 22hrs.

<sup>100</sup> Idem.

Nem correspondia às mulheres de famílias tradicionais, que moravam na mesma cidade que ela. Estas geralmente eram filhas de homens abastados, com títulos reconhecidos na sociedade, que possuíam familiares envolvidos com política ou tinham alguma função de visibilidade social. Elas podiam freqüentar o famoso clube da cidade, como Marinalva lembra de sua adolescência: “*Eu freqüentei muito o Clube dos Comerciantes, Clube Social que hoje é o Clube dos Quarenta.*” E na maioria dos casos moravam na cidade, estudavam e iam às fazendas para curtir as férias ou os finais de semana, assim como relatou Marinalva quando perguntei sobre sua infância:

(Eu morava) com meu pai, com minha mãe, com minha família. Nós éramos doze irmãos, (...) eram sete mulheres e cinco homens. Nós morávamos aqui (na cidade) e meu pai era fazendeiro, tinha fazenda de gado e de cacau. Nós passávamos as férias na roça, brincava, andava a cavalo, tomava banho, tomava banho de rio, era uma infância maravilhosa a minha. (...) Muito leite que tinha na fazenda, muito. Pai fazia requeijão, pai matava gado ih... era uma festa quando a gente ia pra roça. Brincava demais, curtia São João nestas fazendas das amigas, quando a gente juntava aqui e ia, fazia aquela maior farra de São João, dançava pra se acabar (risos). Nós dançamos muito forró, (risos), a minha infância foi maravilhosa. E vivi também muito com minha avó e minha tia. (...) Minha avó era um espelho, minha avó era uma televisão de hoje, minha avó era um espetáculo de pessoa, ela era muito culta, ela lia muito e ela conversava muito com a gente (diz todas estas palavras de forma nostálgica). Minha vida foi assim um livro aberto.<sup>101</sup>

O pai de Marinalva era fazendeiro e sua tia foi professora numa das únicas escolas da região. Sua família tinha status, era conhecida pela maioria das pessoas e tinha muita influência política. O fato da avó de Marinalva ser uma mulher culta, que “lia muito”, denuncia sua posição social, pois para ter tempo de ler, sem se preocupar com outros diversos afazeres domésticos ou até rurais, ela devia ter uma condição financeira boa. Percebe-se rapidamente a discrepância entre a vida destas duas vizinhas e amigas. Aureliza nasceu na roça em meio às hostilidades da vida rural, Marinalva se criou na cidade com todas as regalias e liberdade permitidas a uma menina “de família” daquela época. Hoje, as duas teriam mais ou menos a mesma idade e, mesmo com as diferenças sociais, as duas vizinhas mantinham entre si um relacionamento harmonioso.

Aureliza era uma mulher simples, filha de um homem que sempre lutou pela ascensão social, enfrentando os preconceitos que o limitavam a espaços pré-determinados. Nide, a vizinha da Fazenda da Alegria, diz que Aureliza “*tinha a pele*

---

<sup>101</sup> Entrevista concedida por Marinalva a autora em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

*escura, mas a alma branca*”; o termo, comum na região, aponta para as questões raciais discutidas anteriormente com o Zeca Fagundes, nas relações conflituosas envolvendo a cor da pele, são veladas com os panos do mito da democracia racial. Panos estes, usados também em grande parte da obra de Jorge Amado, quando este retrata as relações cotidianas destas regiões do sul da Bahia, disseminando suas ideologias.

A cor de Aureliza não passava despercebida pelas pessoas em sua volta, mas por ela ter uma condição estável (seu marido tinha uma roça consideravelmente grande) e por sua postura ser adequada para os padrões morais estabelecidos, sua cor acabava não sendo um determinante para a relação dela com suas vizinhas. Jorge Amado retrata as mulheres negras ou mulatas focando e valorizando a sensualidade e a sexualidade. Estas mulheres, sempre associadas ao sexo e aos fetiches masculinos, contribuíram para a construção da imagem da mulher objeto, de um país miscigenado, devido ao fruto dos relacionamentos amistosos entre a mucama ferosa e o senhor da casa-grande. Numa concepção racista (tendo em vista a divisão por raças) e simplista, que mascara a violência destas relações e distorce a realidade de uma sociedade cheia de tabus e conflitos eminentes.

Aureliza tinha uma vida financeiramente assentada e tranqüila na cidade e se relacionava bem com a maioria das pessoas. Nenhum dos entrevistados associaram o seu nome a alguma lembrança pejorativa ou negativa. Alguns lembraram dela como uma mulher sofrida e discreta, outros como uma mulher alegre e bonita.

A casa onde ela morava era pequena, mas suficiente para o casal e os filhos. Estes, com seus olhos de crianças, enxergavam o lugar onde moravam grandioso, muito maior do que realmente era. As “(...) *casas que a gente morava na Bahia eram casas grandes (...)*”<sup>102</sup>, relata Raimundo, o filho homem mais velho de Aureliza. Fátima também tinha a mesma impressão, mas quando voltou à casa, depois de trinta anos, ficou impressionada com o tamanho dela, muito menor do que guardava em sua lembrança infantil.

Em geral, as casas daquela região não são muito grande; elas possuem uma estrutura específica da cultura nordestina. São altas, as paredes não terminam no teto,

---

<sup>102</sup> Fragmento da entrevista de Raimundo Alves Santos, 49 anos, em Jundiaí, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.

mas economizam um espaço para a circulação do ar pela casa. As telhas internas ficam à mostra, preservam um estilo colonial. Sempre há um espaço reservado para pequenos altares, que as famílias católicas enfeitam com imagens de santos e vasos de flores.

As janelas que dão acesso à sala são grandes e baixas, permitem uma visão privilegiada das ruas, como se estas fossem uma extensão da sala. Muitas casas possuem um sofá que fica de frente para a janela, como as poltronas nas salas de televisão. Fátima, a segunda filha de Aureliza e a mais espevitada de todas as filhas, lembra de suas travessuras na casa: depois que a mãe, no final da tarde, dava banho em todos os filhos, eles ficavam na janela olhando o movimento. Alguns deles, qual era o caso dela própria, pulavam a janela e iam brincar na rua.

Quando tinha festa, o prefeito da cidade contratava trios elétricos para animar a população, Marinalva lembra nostalgicamente de quando “*passavam os trios nas ruas e a gente ficava daqui (aponta para a porta), porque aí a gente não ia pra lá, né? A gente ficava daqui olhando.*” As crianças curiosas e animadas muitas vezes pulavam a janela e “*(...) eles saíam, danadinhos, ficavam tudo ali na esquina pra ver, (risos) (...) eles eram tudo pequeno, os meu e da dona Aureliza eram tudo pequeno*”<sup>103</sup>, lembra Marinalva, que foi vizinha de Aureliza desde o dia em que ela se mudou para a cidade de Ibicaraí.

Os banheiros sempre ficam próximos da cozinha ou do lado de fora da casa. No caso específico da casa de Aureliza o banheiro ficava do lado de fora, perto da dispensa e do grande quintal que se localizava nos fundos da casa. O quintal, muito lembrado pelas crianças, era colado com o quintal da vizinha, conhecida por todos como Geni<sup>104</sup>. Aureliza e Geni eram muito amigas, Marinalva conta que elas trocavam muitas confidências. Hoje, os familiares de Geni são os moradores da casa que antes era dela. Falecida há muitos anos, eles não puderam dar muitas informações sobre ela.

Estas casas, assim como a sociedade urbana, passavam por profundas transformações. As casas eram um exemplo disso, pois foram submetidas a mudanças para se adequarem ao estilo burguês. No texto “*Mulher e Família Burguesa*”, de Maria

---

<sup>103</sup> Entrevista concedida por Marinalva a autora em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

<sup>104</sup> O documentário anexo apresenta a casa de Aureliza numa filmagem com as impressões da autora, ilustrando a descrição.

Ângela D’Incao, disserta-se sobre as mudanças comportamentais e ideológicas de uma sociedade que com o crescimento das cidades e com a consolidação do capitalismo abriu espaço para a ascensão da burguesia, com uma nova forma de relacionamento e o “*nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa*”. Ibicaraí, por mais que seja uma cidade pequena onde coexistem até hoje diversos tempos, grupos sociais e culturas diferentes, passou por um processo similar aos das cidades grandes, instaurando em seus espaços uma nova ideologia e uma nova forma de se viver.

Antes ligada à rua e aos descampados nos fundos dos terrenos (conhecidos como roça), com um corredor interno pelo qual passava toda a organização doméstica, só mais tarde a casa vai ganhar um corredor externo. Por essa época, o corredor interno já existia em cerca de 50% das casas médias (nas que ainda não existia o corredor interno, a circulação era feita por dentro dos dormitórios encarreirados, fato que ilustra bem a falta de privacidade das pessoas, ainda que da mesma família ou casa).

O desenvolvimento das cidades e da vida burguesa no século XIX influiu na disposição do espaço no interior da residência, tornando-a mais aconchegante; deixou ainda mais claro os limites do convívio e as distâncias sociais entre a nova classe e o povo, permitindo um processo de privatização da família marcado pela valorização da intimidade.<sup>105</sup>

A maioria das casas da cidade de Ibicaraí respeita esta descrição da autora. A transição do patriarcalismo rural e da nova família burguesa é conflituosa e impactante para a vida da população, principalmente para as mulheres. E por muito tempo a lógica destes dois sistemas coexistiu e ainda coexiste nesta região, marcando no cotidiano suas características mais fortes.

Na década de 1950 Aureliza morava na cidade de Ibicaraí, que estava rodeada de produtivas roças, principalmente do fruto de cacau. A Fazenda da Alegria, de Mãe Jovem e as demais fazendas ficavam próximas da cidade, mas o acesso precário por caminhos de terra inviabilizava o tráfego. As estradas, inacessíveis para carros ou ônibus, eram pisoteadas constantemente por cavalos e burros, transporte típico da região. Ainda hoje estas estradas são precárias, os transportes continuam escassos e ineficientes.

Tornou-se comum por causa do desenvolvimento das urbes, os donos de roça comprarem uma residência na cidade. Muitos levavam suas famílias para morar nela, pois o acesso à escolas, postos de saúde, entre muitas outras facilidades, tornava-se mais

---

<sup>105</sup> D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 228.



viável. Os tempos áureos do cacau, nas décadas de 1940 e 1950, tornou a cidade movimentada e atraente, Marinalva lembra nostalgicamente deste tempo:

(...) aqui era movimento, tão movimento, tanto carro que os caminhão saiam até em cima de cacau, pra levar pra Ilhéus. O pessoal de Jóssi, meu marido mesmo, que era comprador de cacau. Menina, a gente pra passar na porta. Aí na porta do armazém onde compra cacau, precisava rodar, porque era cheio de caminhão, entupido de gente trabalhando pra carregar os caminhões e aqui era bom demais (...).<sup>106</sup>

O cacau foi umas das principais moedas que movimentaram a cidade e contribuiu muito para o seu crescimento. É muito comum encontrarmos pés de cacau por todos os lugares da região. A maioria das casas, por exemplo, tem um pé de cacau plantado no quintal. Todas as transformações de nível econômico, cultural e social giraram, portanto, em torno desta fruta, apelidada muitas vezes por Jorge Amado de o “fruto de ouro”, referindo-se à cor e ao valor que é atribuído ao cacau nestas regiões.

Com as mudanças, em decorrência de todas essas transformações, as mulheres, antes limitadas e ilhadas nos espaços da fazenda, agora nos espaços das cidades tinham mais acesso aos espaços públicos, era uma liberdade vigiada pelo novo moralismo que se impõe, configurando-se assim um novo estilo de vida e novas formas de relações cotidianas e de gênero, que antes estavam restritas, como foi o caso de Aureliza, e de muitas outras mulheres que viviam num contexto semelhante aos espaços rurais.

Sobre tais mudanças, Margareth Rago aponta para duas possibilidades de reflexão, que vão adequar e otimizar a análise das questões adjacentes das mudanças no universo feminino com o desenvolvimento das urbes:

São muitos os autores que defendem a tese segundo a qual a urbanização e a industrialização apenas degradaram a condição feminina, retirando-lhe funções valorizadas tradicionalmente pela sociedade. A mulher deixa de ser vista como um ser necessário, útil e participante da vida social e produtiva, responsável por parte do suprimento material, já que pão, velas, doces, sabão e uma séries de bens de consumo imediato passam a ser produzidos em fábricas e adquiridos fora do lar. Outros destacam o oposto: a emancipação advinda com a monetarização das relações sociais, com a abertura de novos espaços de circulação social e urbana e com a diminuição das pressões familiares para ela.<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> Entrevista concedida por Marinalva a autora em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

<sup>107</sup> RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 50.

O estilo de vida burguesa, em desenvolvimento nas grandes cidades, como São Paulo, cada vez mais propicia a ocupação dos espaços públicos e privados dos meios urbanos, fundindo-se com o antigo sistema vigente e determinando novos lugares para a mulher na urbe. Aureliza transita pelos dois sistemas familiares, o patriarcal e o burguês, ambos defensores de uma lógica sexista, que conviviam (e convivem ainda em alguns lugares) no mesmo espaço, moldando-se às necessidades específicas do espaço/tempo.

A liberdade emanada com a conquista dos espaços públicos para as mulheres precisava ser contida de alguma forma, para assim continuar configurada a lógica dominante, reinante até então. Uma nova organização social não se sobrepõe totalmente nem rapidamente sobre a anterior, em que permanências e resistências sempre estão presentes e são evidentes em Ibicaraí até os dias de hoje.

Esta nova lógica burguesa está pautada na concepção romântica.<sup>108</sup> Ela redesenha a qualidade dos sentimentos humanos e o afastamento dos corpos. Na medida em que a aproximação física dos espaços públicos e privados daquele momento diminuiu com o desenho das cidades, o afastamento das relações e das funções desses mesmos espaços aumentava, em decorrência da busca da privacidade, baseada numa lógica e numa moral há tempos assimilada.

No caso específico da mulher, o sentimentalismo do romantismo e a pressão psicológica pautada na moral católica e social passam a ser os instrumentos decisivos de submissão da mulher ao homem. O amor platônico, típico do romantismo, tatuado nas linhas e entrelinhas dos poemas inseridos neste movimento, redefine os espaços onde a mulher frágil e mórbida, principalmente das classes sociais mais abastadas, mantém-se preservada, virgem, lânguida e alva. Enquanto o espaço público, lugar da boemia, também valorizada pelo romantismo, é preenchido pela mulher quente, subversiva, sensual e de classes sociais mais pobres.<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> A concepção romântica faz parte do romantismo, que foi um movimento artístico, político e filosófico nascente nas últimas décadas do século XVIII na Europa, perdurando por grande parte do século XIX, momento que entra em cena o novo grupo social em questão: a burguesia. Buscavam uma visão de mundo contrária ao racionalismo neoclássico e que abarcasse um nacionalismo que visava consolidar os Estados nacionais na Europa.

<sup>109</sup> Ver mais em D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

Neste redesenho social, o “lugar de mulher direita era dentro de casa”, frase comum, conhecida e reproduzida até hoje. Para adequar-se à sociedade, a mulher precisa respeitar alguns códigos, preocupando-se sempre com o lugar que ela ocupa neste espaço, levando em consideração sua cor, classe social e situação financeira. Esta lógica sexista que submete a mulher ao homem determina os lugares específicos para ela mesma. Desta forma, convencionou-se que para as “mulheres de família” o privado, no interior da casa, o espaço dos sentimentos e da intimidade. Esta mulher que convive com os segredos da família, com tudo aquilo que acontece dentro da casa, aprende a ser discreta, contendo as intimidades de todos da família apenas nos espaços domésticos, do lar.

Aureliza conservava uma postura de mulher casada e era vista pelas pessoas da sua vizinhança como uma “mulher de família”, “dona do lar”. “*Eu via ela como uma pessoa muito boa (...)*”, diz Marinalva<sup>110</sup> sobre Aureliza, e revela o romantismo dela quando narra que a vizinha, ao ver o namorado da irmã carregando uma sacola de frutas na volta da feira, diz para ela: “*Ô dona Madá, acho tão bonito, porque ele trata ela tão bem, olha nem a pêra ele deixa ela levar*”. Mesmo com toda a rigidez do pai durante toda sua infância, Aureliza conservou a vaidade, o romantismo e a alegria, tão oprimidos na mocidade dela, valorizando sempre as gentilezas dos homens com as mulheres. Mas Aureliza era sempre muito discreta: “*(...) Ela vivia dentro de casa, não era pessoa de tá assim andando, pessoa de tá em porta de rua, ela não (...)*”, diz Marinalva.

O nascimento desta nova mulher burguesa é caracterizado também pela maternidade, há uma supervalorização do papel feminino de mãe. Esta mulher responsável pelo lar é quem sustenta toda a maternidade, desde conceber filho até a sua formação, adequada à lógica dominante de uma ideologia sexista, que tem no topo da hierarquia o homem. Assim, fica a cargo da própria mulher reproduzir o sistema que a oprime.

Marinalva tem seu instinto materno muito a florado. Até hoje ela é muito apegada aos filhos e sempre fala deles com muito carinho. Aureliza teve muitos problemas de saúde na maioria de suas gestações. Ela e Marinalva ficaram grávidas

---

<sup>110</sup> Marinalva Silva de Carvalho tem 75 anos e foi amiga e vizinha de Aureliza. Reside ainda hoje em Ibicaraí, na mesma casa onde era vizinha da casa onde morou Aureliza.

juntas mais de uma vez, por isso, quando na gravidez de Raimundo, Aureliza ficou sem leite e foi Marinalva quem o amamentou. Ela conta, com muita alegria e orgulho, que foi mãe de leite de muitas crianças. Sobre a temática maternidade ela tem uma postura firme e concreta, ilustrando muito bem a idéia de maternidade que se reformula, ou se fortalece no discurso burguês e está muito presente nos espaços e fatos nos quais Aureliza circulava e do qual participava ativamente.

Marinalva conta que seu pai tinha uma outra mulher, que ele sustentava e mantinha relações afetivas e sexuais com ela. A mãe de Marinalva descobriu a traição mas não quis a separação, por mais que não mantivesse com o marido o casamento dos tempos de outrora. Ela explica por que:

Ela (a mãe de Marinalva) falou que morria ali, mas a gente ela não deixava. Que a gente, a família da gente, tinha essa opinião. (...) Eu fiquei viúva com trinta e seis... trinta e oito anos e tô aqui, não dei meus filhos a ninguém, vieram buscar meus filhos, um veio aqui e disse assim: “ah eu vou buscar...” uns dos tios de São Paulo, que era bem de vida, irmão de Joaquim, vou levar dois, outro de Acaju, “eu vou levar um” e (eu) disse assim, “Não vai levar nenhum... Cês não levam nenhum aqui de baixo de mim, ninguém tira um filho... ninguém tira um filho de mim”.<sup>111</sup>

Marinalva se altera um pouco quando lembra este episódio e quando eu pergunto se foi por isso que a mãe dela não saiu de casa, mesmo sabendo das traições do marido. Ela responde:

Foi, não saía por causa dos filhos, guentava, guentava até quando os filhos crescia. Papai morreu, velhino, com noventa ano, minha mãe morreu com setenta e pouco, o coração dela cresceu, os dois morando dentro de casa, cuidava um do outro.<sup>112</sup>

Tal episódio exemplifica as considerações feitas acerca da maternidade, também muito presente nas relações que Aureliza estabelecia com os seus filhos, que relataram, em entrevista, todos os cuidados que a mãe tinha com eles. A mãe de Marinalva agüentou por muito tempo a humilhação de ser traída sobre o pretexto de preservar a família, alegando ser mãe, disposta a passar por tudo para proteger os filhos.

Esta nova configuração dos espaços e dos costumes da região, decorrente das constantes transformações humanas, influenciou diretamente a vida de Aureliza e sua família. Edinho trabalhava durante toda a semana na roça e voltava apenas nos finais de

---

<sup>111</sup> Entrevista concedida por Marinalva a autora em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

<sup>112</sup> Idem.

semana, otimizando assim o tempo útil de trabalho na roça. A rotina rural iniciava bem cedo, com a luz do sol e o cantar dos galos. Assim que o dia clareava, os trabalhadores rurais já estavam preparados para começar a labuta, onde o tempo da natureza fundia-se com o tempo do homem. À noite, quando ainda sobrava ânimo, era reservada para conversas ou prosas nas varandas da casa, com muito licor de jenipapo e de cacau. A locomoção no escuro era muito perigosa e difícil, pois ainda hoje nestas regiões a luz elétrica ilumina poucas casas, dando espaço para que as estrelas e a lua dêem seus espetáculos noturnos.<sup>113</sup>

Aos finais de semana Edinho voltava para cidade, para ficar com a família e levar a produção da roça para vender nas feiras, que eram organizadas nos centros urbanos. Assim como Edinho, muitos outros pequenos fazendeiros e trabalhadores rurais que não tinham roça percorriam, e percorrem ainda hoje, esta jornada das roças para as cidades. Por esse motivo era comum os roceiros e trabalhadores voltarem juntos da roça, conversando. Às vezes paravam em algum bar para terminar as conversas iniciadas no trajeto.

Tendo em vista a temática campo e cidade, o texto “Comédia baiana”, de Wilson Martins, analisa os romances de Jorge Amado. Neste sentido, onde, segundo ele, instaura-se uma nova fase de produção literária do escritor, marcada pelo individualismo dos personagens, mostrando “*o homem em algumas das suas atitudes típicas, no seu comportamento característico e na riqueza inesperada das suas contradições.*”<sup>114</sup>

“*Gabriela, gosto de cravo e cor de canela*”<sup>115</sup>, personagem que dá título ao romance, inaugura esta nova fase. Ela sai do campo para a cidade, ainda influenciada por todo o sistema social que circunda nas lavouras de cacau, para enfrentar os problemas urbanos e os conflitos relacionais gerados nele. Os espaços rurais, principais cenários de luta política, onde transparecia toda a ideologia marxista radical do autor,

---

<sup>113</sup> A pesquisa de campo foi um facilitador para compreender a rotina, tanto dos trabalhadores da roça, como do cotidiano da cidade de Ibicarai.

<sup>114</sup> MARTINS, Wilson. A comedia baiana. In: MARTINS, José de Barros (Org). *Jorge Amado 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1992, p. 166.

<sup>115</sup> AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

deixa de ser tão freqüente e abre espaço para a cidade tornar-se o palco destes novos personagens, mais individuais, característica humana dos centros urbanos.

Neste novo cenário, Jorge Amado “*continua a criticar e a ridicularizar os costumes e as convenções da sociedade burguesa*”, mas desta vez dilui o realismo político, permitindo entrar em cena o realismo fantástico. É o caso do romance “*Dona Flor e seus dois Maridos*”. Este, impregnado de magia e histórias do povo, tem um enfoque especial para a boemia das noites da cidade de Salvador.

Vadinho, o primeiro marido de Dona Flor, era um boêmio nato, vivia em bares, sempre bebendo, jogando e envolvendo-se com várias mulheres. Quando conheceu Dona Flor, uma mulher criada em moldes da típica “mulher de família”, prendada, preparada para os trabalhos domésticos, ingênua e virgem, acreditou ter encontrado a mulher de sua vida. Por mais que Dona Flor fosse uma mulher muito diferente daqueles com que ele tinha o costume de se envolver nas suas animadas noitadas nas ruas da Bahia, entre prostitutas e vagabundos, foi ela quem conquistou o coração de Vadinho, que mesmo depois de casado continuou sua boemia.

Flor não se encaixa no estereótipo de mulher privada traçado por Jorge Amado e salientado por Roger Bastide, que divide, na obra de Amado, os estereótipos da mulher em dois tipos femininos muito freqüentes, conforme já foi discutido no capítulo anterior. Nele a mulher rica e branca pertence ao espaço privado e a mulher negra, mulata ou parda, pobre ou de classe média, ocupa os espaços públicos. Estas não compreendem necessariamente todas estas características para serem classificadas nos estereótipos estáticos desenhados anteriormente pelo romancista baiano, mas cada uma ocupa papéis muito bem desenhados e funções específicas, tornando a segregação entre elas evidente e seus espaços visíveis também pela proximidade ou vulnerabilidade que tem com cada espaço, principalmente neste novo espaço urbano que passa a ser descrito pelo autor como cenário dos romances.

Dona Flor era mulher de classe média baixa, mulata, que conservava todos os preceitos de mulher direita, digna dos espaços privados. Mas estava muito mais vulnerável aos espaços públicos, por morar numa região menos abastada da cidade e por carregar características físicas e sociais, assim como práticas cotidianas que não a enquadravam completamente no meio privado. Tendo-se em vista que estes espaços urbanos preservam peculiaridades em constante transformação, Dona Flor pode ser

classificada, baseando-se nos limites destes estereótipos, como pertencente ao espaço privado.

Estas “donas do lar” eram limitadas a estes espaços privados, assim como a já citada Ester de “*Terras do Sem Fim*”, submissa ao seu marido, coronel poderoso da região, e não se expunham, como Dona Flor, nos espaços públicos. Flor, porém, foi criada e vivia os conflitos de uma mulher do espaço privado, por mais que potencialmente ela se encaixasse nos espaços públicos, devido à sua cor e condição social. Ela foi pressionada por todos os lados, por ter vivido numa sociedade sexista. A mãe, sempre preocupada com a reputação da filha, educou-a para ser uma excelente “dona de casa”, prendada e discreta. O marido, não abriu mão da sua vida boêmia, traindo-a constantemente, mas sempre exigindo que ela mantivesse a dignidade de “moça direita” e recatada.

A personagem que traça, constantemente no romance, o paralelo da mulher sensual e apetitosa com a comida baiana cheirosa e apimentada, percorre todos os seus conflitos entre o público e o privado.

Aureliza, por sua vez, não se localiza em nenhum dos estereótipos sugeridos até então. Ela era uma mulher modesta, a pele negra carregava a ancestralidade africana tão forte na presença do pai e do marido, por mais que este último tivesse uma fazenda grande (que dividia com os irmãos) e depois compra a sua própria, e trabalhava nela semanalmente. Ele tinha roças de cacau, mas não era um coronel. Ela esteve submetida, durante sua infância e juventude, a um regime patriarcal, típico de uma classe social mais abastada, muito estudada por Gilberto Freyre, e que a limitava apenas ao espaço privado da casa na fazenda. Conforme já foi dito, as filhas de Fagundes não gozavam de liberdade para ir e vir sem a autorização do pai.

Os espaços das cidades abriram um leque maior de possibilidades para os vários sujeitos sociais, surgida de uma série de fatores sociais e históricos que ampliam os dois espaços limitados e determinantes registrados por Amado. A historiografia hoje buscou em estudos de casos muitos sujeitos sociais ativos e reconhecidos, que tecem tramas importantes para um cenário onde a mulher realiza atividades e tem escolhas livres dos preceitos ideológicos criados pelas mentalidades dominantes, que passam a fazer parte de todo o conjunto social, determinando modos de pensar e de se relacionar.

Percebe-se que a mulher em geral, sem levar em conta sua inserção em grupos sociais determinado pela condição econômica, estava submetida às opressões ideológicas machistas, que tomam nova forma com o aparecimento do ideal de família burguesa. Pressões que as dividiam em tipos determinados pela moral, preocupada principalmente com o comportamento sexual delas, numa polarização da mulher pública e privada. As mulheres pobres ou economicamente estáveis estavam, porém, mais vulneráveis às violências psicológicas ou físicas acometidas pela sociedade sexista, na qual Aureliza estava inserida.

São estes espaços que depois de casada Aureliza passa a ocupar e a exercer neles a função de mãe e dona de casa, sempre cuidadosa e dedicada aos trabalhos do lar. Miridan Falci, quando escreve sobre as mulheres do sertão nordestino<sup>116</sup>, concedendo a estas suas liberdades de sujeitos sociais protagonistas de suas próprias histórias, sem submetê-las a tipos, tal qual faz Jorge Amado em seus romances, relata que no cotidiano das mulheres mais abastadas elas “*tinham poucas atividades do lar*”, pois “*eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas ‘prendas domésticas’ – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar.*”<sup>117</sup>

As mulheres menos abastadas, além de exercer os trabalhos domésticos, às vezes trabalhavam para fora. Por mais que “*a norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua*”<sup>118</sup>. Tal norma, longe de retratar uma realidade, dificultava mais esta tarefa feminina, onde mais uma vez as mulheres tinham a preocupação com os preceitos morais para se realizar como sujeito nas cidades.

“*Minha mãe bordava para fora, mais era coisa muita não, fazia uma coisinhas pra gente*”<sup>119</sup>, relata Fátima, a segunda filha de Aureliza. Aureliza não foi educada para

---

<sup>116</sup> FALCI, Miriam Knox. Mulheres do Sertão Nordeste. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>117</sup> Idem. p. 249.

<sup>118</sup> FONSECA, Cláudia. Ser mulher mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 517.

<sup>119</sup> Entrevista concedida por Maria de Fátima Santos Barbosa, em São Paulo, dia 21/02/2010 às 8hrs35min para a autora.



exercer trabalhos externos ou intelectuais, assim como a maior parte das mulheres que compartilhavam uma situação parecida. Ela era semi analfabeta, e foi criada a maior parte do tempo dentro dos espaços da fazenda do pai, sem se relacionar com os negócios dela, limitada, portanto, aos trabalhos domésticos e rurais da roça. “*E ela nunca foi na escola, aprendeu a costurar sozinha*”<sup>120</sup>, continua Fátima, era comum as igrejas e associações do bairro da cidade disponibilizarem cursos de bordado e costura para mulheres e moças da região, mas a filha de Aureliza conta, com muito orgulho, que a mãe era autodidata e costurava muito bem.

Aureliza bordava e costurava para fora, mas não com muita frequência; ela era discreta porque, conforme analisa Falci,

(...) essas atividades, além de não serem valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente. Tornavam-se facilmente alvo de maledicência por parte de homens e mulheres que acusavam a incapacidade do homem da casa, ou observavam sua decadência econômica.<sup>121</sup>

Edinho, conforme diz Fátima, “*(...) sabia que ela costurava, mas ele achava que era só assim, por lazer*”. Este dado comprova que Aureliza conhecia o marido que tinha, e sabia que ele não aceitaria que ela trabalhasse, pois era orgulhoso; mesmo assim ela encontrava estratégias para ganhar seu próprio dinheiro, por mais que fosse pouco. O trabalho externo, desassociado da mulher, era um “*estereótipo calcado nos valores da elite colonial*”, que não atingiam todas as mulheres, por uma questão de necessidade e estratégia destas, que não aceitavam totalmente as imposições morais e sociais.

Mesmo depois de casada e já morando na cidade, Aureliza continuava recebendo as visitas do pai. A autoridade vigente durante toda a sua formação não diminuiu as atenções paternas com a filha mais velha mesmo depois do casamento. Coexistiam dois tempos: o rural e o urbano que pressupunha uma nova forma de relações da mulher. Este se preocupava principalmente com o tratamento que a filha recebia do marido. Ele sempre a visitava na nova residência em Ibicaraí, durante a semana, quando Edinho estava na roça trabalhando, assim eles tinham mais intimidade para conversar, principalmente sobre o casamento de Aureliza.

---

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> FALCI, 2008, p. 249.

O reflexo de toda a rigidez de Zeca Fagundes com a filha continua, e é descrita na fala das netas. Maria de Fátima, a segunda filha de Aureliza, conta a história sobre o avô:

(...) De um dia que a gente tava lá na fazenda dele, minha mãe já era casada né, não era mais solteira. A gente tava na fazenda e minha mãe tinha colocado a mesa do café da manhã, aí ele levantava, tinha sempre a hora certa dele levantar, e... aí a minha mãe colocou a xícara dele na mesa e não tava bem seca né, ela tinha lavado né, que eles sempre costumavam colocar a xícara numa água quente, pra depois por na mesa. Aí, a minha mãe não secou a xícara dele, ele sentou na mesa (...) que o primeiro (a sentar na mesa de) café da manhã (era o avô Fagundes), (...) aí ele sentava no lugar dele na mesa, aí ele chamava o resto da casa pra sentar na mesa junto com ele, que aí seriam os netos, né, aí seriam os filhos tal, mas quem ele queria, sentava na mesa pra tomar o café. Aí ele ficava tomando o café da manhã dele e olhando todo os comportamentos do netos e nós tinha que sentar na mesa do jeito que ele queria, sem levantar a cabeça, tomar café, era um saco (risos) (...) a gente nunca ficava à vontade com ele na mesa. Aí ele foi tomar o café dele, aí ele pegou a xícara e viu que tava seca, (corrige) que não estava seca como ele gostaria que estava. Ai ele chamou a vovô Miúda, que era a esposa dele atual, aí ele chamou ela e falou assim: “Quem colocou a mesa” aí a vovô Miúda: “Ah foi a Aureliza”, aí Aureliza era minha mãe, aí ele pegou e falou: “Chama ela”. Aí minha mãe veio né, já veio já preparada, porque nada de bom ia acontecer né? (...) Quando ela apareceu na porta da cozinha com a sala, aí que ele pegou a xícara e arremessou a xícara da onde ele estava, da mesa na cara dela, por pouco não pegou nela e aí ele falou: “Isso aí é para você aprender a nunca mais colocar uma xícara molhada em cima da mesa.”(...)122

É notável que Aureliza estava sem o marido neste episódio, pois Fátima não cita em nenhum momento o pai Edinho na narrativa. Esta idéia se confirma, porque o modo de tratamento do pai com Aureliza poderia gerar desconforto para o marido e uma possível desavença entre os dois. Conclui-se, portanto, que na ausência do marido a autoridade do pai continuava vigente, a lógica patriarcal não se atenuou com o matrimônio, talvez tenha acirrado, posto que agora ela estava submetida a dois homens: o pai e o marido.

A rotina de Aureliza estava muito diferente da que ela tinha na roça, pois se antes a presença de Edinho era mais constante por todos viverem na fazenda, agora é mais ausente. Devido às dificuldades do trajeto da cidade para o espaço rural, Edinho tinha que ficar durante a semana em sua roça na fazenda da Alegria, ele voltava todas as sextas-feiras e passava os finais de semana com a família.

---

122 Entrevista concedida por Maria de Fátima Santos Barbosa, em São Paulo, dia 21/02/2010 às 8hrs35min, a autora.

Para Aureliza acostumar-se com a mudança da vida na cidade, que também estava em transformação, crescendo cada vez mais com as riquezas trazidas pelo cacau, ela tinha que enfrentar todos os conflitos gerados nesta. O público e o privado, nas cidades, ficavam cada vez mais próximos.

A vida na roça pressupunha basicamente o privado, já que este espaço era majoritário na região, principalmente para as mulheres. Os homens tinham contato com os dois espaços, pois ficava a cargo deles negociar os produtos e os negócios da fazenda nas cidades. As mulheres não, estas limitavam-se às fazendas, pois as distâncias e os caminhos entre elas eram de difícil acesso, assim como a trajetória da roça para a cidade; o transporte era precário e o sistema vigente também não facilitava a locomoção, em especial das mulheres, que ficavam mais presas aos controles autoritários de seus pais e/ou maridos.

O asfalto das cidades, era palco para muitos tipos de personagens, desde trabalhadores até coronéis, de beatas até prostitutas. Personagens estes que na nova fase de Jorge Amado serão usados como pivô para as críticas do autor à hipocrisia burguesa gerada nesta nova configuração, em processo na cidade. Se antes o autor encontrava nas relações aristocráticas do senhor, trabalhador e o escravo a crítica marxista ao sistema, agora é nas relações no meio urbano que esta crítica se faz. O individualismo das personagens denuncia a maturidade política da vida do autor, antes preocupado com a massa e o povo. Nos conflitos humanos, mais focados no indivíduo, ele vai encontrar os personagens dos conflitos sociais que ele documenta em sua obra.

A hipocrisia gerada neste relacionamento dialético, ditador da sobrevivência entre os componentes, denunciada também na obra de Amado, sempre ridiculariza os “opressores”, encarnados na figura de beatas que vestiam luto enquanto queimavam voluptuosamente por dentro, mães gananciosas por lucrativos casamentos para as filhas donzelas, entre outros personagens que revelam toda a hipocrisia de uma sociedade que tenta manter as aparências dos espaços de tempos transformados, de espaços que na cidade ficam misturados.

Jorge Amado enfoca outros tipos de conflitos nestas cidades, onde ele insere Gabriela (Ilhéus) e Dona Flor (Salvador), e ao sensualizar estas mulheres, limitando-as às práticas sexuais, atenua os conflitos de cunho ideológico que as oprime. Ele acentua, porém, a pressão psicológica de Dona Flor, mulher “direita” que enfrenta o dilema de

trair seu segundo marido, Teodoro, com seu antigo marido morto: Vadinho. E o foco dado aos espaços bem delimitados destas cidades, onde para se libertar mais uma vez a mulher tem que recorrer ao sexo, no caso de Flor, entregando-se ao seu marido morto e imortalizando-se como a Dona Flor e seus dois maridos.

Em Gabriela, Jorge Amado apresenta os espaços femininos e masculinos muito violentos, principalmente contra a mulher “privada”, que quando comete o adultério fica exposta à vingança mortal do marido, que na maioria das vezes é apoiado pelos demais homens da cidade e pode ser absolvido de qualquer responsabilidade, até pelas autoridades.

### **As farras boêmias de Edinho não encontraram na casa de Aureliza a compreensão que Vadinho encontrou com Dona Flor**

Herói? Ou será ele o vilão, o bandido responsável pelos sofrimentos da mocinha, no caso dona Flor, esposa dedicada e fiel? Esse já é outro problema, desligado na questão literária a preocupar poetas e prosadores; talvez até mais difícil e grave, e ficará a vosso cargo dar-lhe resposta, se obstinada a paciência vos conduzir até o fim destas modestas páginas.<sup>123</sup>

Em sua estrutura narrativa, que, similar à oralidade, permite o autor digressões para conversar com o público leitor durante o desenrolar da trama, Jorge Amado dedica páginas do romance “Dona Flor e seus dois maridos” para refletir sobre Vadinho, o “rei da vadiação”, nome sugestivo para este herói, que quando morreu deixou “*de luto os jogadores e os negros da Bahia*”<sup>124</sup>. Ou anti-herói? A resposta o autor deixa a cargo do leitor. Será que foi tamanha falta a que Vadinho cometeu contra sua esposa Dona Flor, esta dedicada mulher, exemplar dona de casa, apaixonadamente fiel ao marido?

A construção deste personagem ao longo do livro induz o leitor a pensar que não. Mesmo depois de tantas traições, tantas decepções, das quais se inclui o roubo do dinheiro de Flor, para que ele, Vadinho, fosse jogar no bar, Dona Flor o perdoou. Um perdão unido de uma saudade tão intensa que infligiu as leis do mundo real, trazendo Vadinho de volta para a terra, depois da morte, para continuar a cometer os pecados carnavais.

---

<sup>123</sup> AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus Dois Maridos*. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 31.

<sup>124</sup> Idem. p. 32.

Eduardo Portela aponta para o “*extraordinário poder (de Jorge Amado) de extrair heroicidade do anti-herói*”<sup>125</sup>, segundo ele com base em ditos de Américo Castro “*o pícaro é o anti-herói*” e este dentro do romance

(...) constrói a heroicidade do anti-herói tradicional, valoriza o desvalorizado, celebra o desprezado por vulgar. A tábua de valores dos pícaros e dos vagabundos sai diretamente da vida e do cotidiano. Nenhum processo de intelectualização idealista interfere na sua concepção do homem e das coisas. Se existe uma razão orientadora, essa razão é existencial, móvel, acompanha os momentos e as palpitações da vida. Daí a profunda identificação dessa literatura com o gosto e as aspirações do povo. Tanto que a linguagem de Jorge Amado, sendo assim assimilada do povo, a êle retorna, precisamente por ser a êle endereçada. E neste propósito igualmente se dirige tôda a sua elaboração lingüística.<sup>126</sup>

Jorge Amado, ao mesmo tempo que traz um dado social e cultural do povo que ele documenta em seu romance, atenua alguns conflitos eminentes na sociedade há séculos. As traições cometidas pelos homens são consideradas pelo senso comum normais, conforme veremos mais adiante. Os conflitos nos espaços domésticos entre mulheres desrespeitadas como esposa e homens que violavam o matrimônio, no caso de Dona Flor, são diluídos na paixão sem limites da esposa sexualmente reprimida, que perdeu sua pureza e gostou de “vadiar” com o marido, de forma que todas as suas ações passam a ser guiadas por essa paixão e as sensações, fazendo-a esquecer ou suportar as humilhações cometidas pelo seu marido contra ela.

Margareth Rago chama a atenção para a “situação extrema de concorrência” entre as mulheres. No livro “*Prazeres da Noite*”<sup>127</sup>, ela trabalha mais especificamente com as mulheres na cidade de São Paulo em início do século XX, mas suas reflexões podem se estender para as mulheres brasileiras em geral, que passam por processos similares, atentando sempre para as particularidades locais e temporais. A segregação a que as transformações submetiam as mulheres nestes novos espaços diminuía as responsabilidades dos homens nas traições conjugais, pois a rotina conjugal para os homens, mantêm aspectos ideológicos destes dois sistemas familiares, onde um não sucede ao outro, mas convivem e se transfiguram. A mulher, então, subtraída à

---

<sup>125</sup> PORTELA, Eduardo. A Fábula em Cinco Tempos. In: MARTINS, José de Barros (Org). *Jorge Amado 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1992, p. 73.

<sup>126</sup> Idem. p. 74.

<sup>127</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituições e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terras, 1991, p 48.

responsabilidade da traição masculina, passa a ver a outra mulher como uma ameaça, por isso a situação de concorrência.

As mulheres polarizadas entre públicas e privadas concorriam entre si os homens, por isso no caso de uma traição a culpa não era efetivamente do homem e sim da mulher que se deu ao “desfrute”, que não se deu ao respeito. Estas geralmente ocupavam os espaços públicos, ao lado das prostitutas, vagabundos, bêbados, grupos que compunham as noitadas boêmias da Bahia, freqüente cenário jorge-amadiano.

O homem burguês, diferente do patriarcal homem rural, preocupa-se em preservar o “lar-santuário” e procura outras mulheres nos espaços públicos. No sistema patriarcal, pensado neste momento como um prolongamento de tempos coloniais, a discricção não era uma preocupação tão recorrente, pois as amantes dos senhores eram, muitas vezes, as mucamas, violentadas sexualmente no cotidiano da casa-grande sob os olhos atados das senhoras.

A comparação de Vadinho com Edinho se faz nas noitadas boêmias da Bahia. Ambos eram freqüentadores assíduos dos espaços reservados e transitados por “vagabundos”, bêbados, “negros”, “prostitutas” e todas as pessoas envolvidas nos espaços públicos.

Na trajetória de Edinho, de volta para casa, nas sextas-feiras, estava a “rua do cemitério”, hoje ainda conhecida pela maioria da população, pois “(...) *na rua do cemitério tinha um monte de quenga, (...) as quengas da rua do cemitério era as mais humilde*”<sup>128</sup>, explica Marinalva, referindo-se aos espaços reservados às prostitutas que moravam na rua hoje oficialmente chamada de Rua Cerqueira Campo. Esta rua descaracterizada de seu sentido antigo, é o endereço de Eugênia, nossa entrevistada e irmã de Aureliza.

As lembranças da população local desses espaços ainda são muito nítidas; mesmo os mais jovens sabem que aquela rua era a rua onde as mulheres prostituídas ficavam e todos conheciam e conhecem as várias restrições que se faziam nestes espaços. Em nome da defesa moral da família, ideologia pautada principalmente em

---

<sup>128</sup> Entrevista concedida por Marinalva a autora em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

preceitos ditados pela religião, pois a região é ainda hoje dominada pela igreja católica, estabeleceram-se muitas regras em torno e em função desta rua, que tinha que conviver na cidade com aqueles espaços da sagrada família, teoricamente tão divergentes em seus cotidianos.

Entre as várias regras, a mais incisiva era a proibição da circulação na cidade, antes das 22 horas, das mulheres que se prostituíam. Estas tinham que ficar recolhidas e não podiam trabalhar nestes horários para não ofender a moral familiar e os “bons costumes”. Elas saíam discretamente durante o dia, porque era neste horário que as vendas de roupas ou de comida estavam abertas, mas muitos lugares estavam restritos para elas e para serem bem aceitas nos espaços públicos, era necessária discrição. As meninas de família eram estritamente proibidas de circular pelas ruas das “mulheres da vida” e logo depois das 22 horas tinham que voltar imediatamente para casa.

Segundo Margareth Rago, “a comercialização sexual do corpo feminino vai se caracterizar como prostituição” com o advento da cidade. Jorge Amado em “*Tocaia Grande*”, trabalha mais intensamente estas questões, atribui esta caracterização, nestas regiões específicas, a um momento anterior ao surgimento das cidades. As prostitutas se instalaram juntas aos primeiros comércios, no meio do mato e em meio aos perigos de uma região sem donos, por lá ser uma região estratégica de passagem de clientes. Em Ibicaraí, a região onde elas assentaram, continua sendo estratégica; a já citada rua do cemitério era uma rua de passagem, onde os roceiros e trabalhadores passavam para regressar à cidade.

Amado recorre freqüentemente à figura da prostituta em sua obra, criando em torno delas uma imagem muito específica do imaginário e das experiências particulares dele:

Em minha infância e adolescência, as casas de mulheres-da-vida, em vilas e povoados, em pequenas cidades, nas ladeiras da Bahia, significavam calor, agasalho e alegria. De certa maneira, nelas cresci e me eduquei, parte fundamental de minhas universidades.<sup>129</sup>

Em “*O Menino Grapiúna*”, uma espécie de auto biografia do autor romantizada, ele conta da íntima relação que estabeleceu com estas mulheres:

O menino que teve que esperar uns anos para conhecer e freqüentar as salas de jogatina nos fundos do bar, onde coronéis e os comerciantes árabes arriscavam

---

<sup>129</sup> AMADO, Jorge. *O Menino Grapiúna*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 55.

o dinheiro e a vida nas partidas de pôquer – ainda não tinha idade para cursar baralhos e aprender as regras do blefe. Mas as casas de mulher-dama, essas lhe foram familiares desde a meninice, pois Argemiro (e também Honório) não saíam de Pirangi sem antes demorar-se em companhia das moças nos becos perdidos.<sup>130</sup>

Argemiro e Honório são tios do escritor, que, escondidos da mãe, levavam-no ainda pequeno para lugares que até hoje compõem o imaginário dele. E ele no mesmo capítulo assume e desabafa:

Que outra coisa tenho sido senão um romancista de putas e vagabundos? Se alguma beleza existe no que escrevi, provém desses despossuídos, dessas mulheres marcadas com ferro em brasa, os que estão na fimbria da morte, no último escalão do abandono. Na literatura e na vida, sinto-me cada vez mais distante dos líderes e dos heróis, mais perto daqueles que todos os regimes e todas as sociedade desprezam, repelem, condenam.<sup>131</sup>

As mulheres, na obra de Jorge Amado, além de carregarem todos os fetiches masculinos, transbordantes de sensualidade, do autor, expressam as ideologias políticas dele, que durante muito tempo esteve imerso no Partido Comunista. São perceptíveis nas obras de Jorge Amado as marcas da sua trajetória política e pessoal, na qual as mudanças na sua maneira de pensar caminham junto com o amadurecimento literário e refletem na escrita de seus romances.

Em “*Tereza Batista Cansada de Guerra*”, estas idéias são elucidadas quando o autor transforma em proletárias, conscientes de sua “classe”, as prostitutas de uma cidadezinha no interior do sul da Bahia. O enredo da história conta que na cidade onde Teresa estava vivendo naquele momento o governo decidiu deslocar os prostíbulos mais pobres para uma região de condições deprimentes. O detalhamento dessas relações puramente políticas, mostra-nos como a vida do povo está ao bel prazer das autoridades e como o autor preocupa-se com essas questões.

Por mais que Tereza não estivesse envolvida diretamente neste caso, tomou partido da situação, pois ela se revoltou com a repressão violenta, pela polícia, às mulheres que se recusaram a sair das casas de prostituição, que também eram as suas casas. Decidiu-se pela greve (a idéia veio de Tereza), as prostitutas não trabalhariam enquanto o problema não fosse resolvido. Concomitante a isso estava por chegar um navio com muitos marinheiros americanos cheios de dólares à procura de mulheres,

---

<sup>130</sup> Idem. p. 54.

<sup>131</sup> Idem. p. 56.



portanto sem as grevistas o movimento comercial reduziria muito, prejudicando a economia da região.

Ao saber da greve, a polícia tentou forçá-las violentamente a voltarem ao trabalho. Com a ajuda dos orixás, Tereza incentivou todas para que se mantivessem firmes na decisão. A greve das mulheres é conhecida como a greve do “balaio fechado”, referência à abstinência sexual pelas prostitutas nos dias santos, prática comum na Bahia. A greve deu certo, mas Tereza foi presa e apanhou muito na cadeia.

Com este episódio, Jorge Amado amadurece mais a literatura socialista, preocupada com os problemas sociais. Ele produziu no auge da fase na qual se preocupa principalmente com estas questões, no início de sua carreira, os livros “*Suor*”, “*Cacau*” e “*Jubiabá*”. Para tanto, no caso de Tereza, ele atribui às prostitutas a condição de operárias. Essas mulheres, vítimas do sistema machista opressor, reagem com a greve e por terem vencido, conclui-se que esta profissão, teoricamente ilegal, é de extrema importância para a economia daquelas regiões.

A visibilidade que Jorge Amado dá às referidas mulheres é muito importante para uma historiografia sobre as questões de gênero, porém se deve levar em conta que as mulheres e os grupos sociais, que não se limitam aos dois espaços que Jorge Amado apresenta freqüentemente em seus textos, não são necessariamente conscientes dessa condição estabelecida e pensada por um grupo social e sim participante de uma sociedade que está em processo de construção de uma mentalidade sexista, entre outras várias características.

No caso das mulheres em Ibicaraí, a convivência entre estes dois espaços, que não estavam e não estão de todo segregados conforme indica a literatura analisada, os sujeitos históricos coexistem mediante ressalvas e conflitos, estabelecendo regras de condutas, morais e religiosas. Marinalva, em entrevista, revela algumas destas relações, quando eu a questiono sobre as mulheres prostituídas:

Eu chamo quenga (reafirmando o termo que usa e que é freqüente na região) (...) as quenga não podiam se misturar com a família não, mas quenga era lá no canto delas. Tinha uma casa de quenga lá em cima, que a dona da casa chama até... (lembrando) Antuninha. Era cheia de quenga, mas agora, elas não se misturavam com a família não. Mas não impedia de você dar um bom dia não. Eu fui costureira de quenga (fala esta frase como se fizesse uma grande confissão da qual não tem vergonha, pelo contrário), costurei, cansei de costurar e boa paga danada, são boa paga, era, cansei de sentar no meu sofá, na minha casa, era, quando eu era moça, era nova, media elas com as fitas, tomava

as medidinhas todinha. Umas quengas da rua do cemitério, que tinha também, eu costurei pra elas e nunca me tirou pedaço.<sup>132</sup>

A relação pessoal entre as mulheres públicas e privadas existia, a fala de Marinalva é uma prova disso. A estrutura narrativa dela, além das intenções carregadas pelas palavras e a forma de dizê-las, revela que não era comum ou não era bem vista, esta proximidade (principalmente aos olhos da sociedade) e que esses espaços estavam muito delineados. Observam-se essas fronteiras e essas relações, e quando questiono, continuando <sup>133</sup> a entrevista, se ela tinha medo “de ficar falada” pela vizinhança:

Eu não (...) se todo mundo (não) costurava pra elas (...) quem é que ia costurar pra elas? E (elas) era boa paga. Boa e gostava de tudo bom. E (as colegas de Marinalva) falava assim: “É tudo bom, porque fica pegando o marido das outras, né?” Mas tudo (todas as prostitutas) comprava aqueles panos, aquelas roupas boa. Ah minha filha, eu sentava e elas me respeitavam de um jeito, eu cansei de passar ali na rua do cemitério, que eu ia às vezes no cemitério, elas tavam sentadas, elas nem me olhavam, nem me olhar, me olhavam.

Ou seja, por mais que Marinalva mantivesse com elas um contato profissional, os espaços e funções estavam explícitos nas relações, tanto que ela diz que, quando penetrava os espaços das prostitutas, para ir ao cemitério, elas a respeitavam e nem olhavam para ela. Ambas sabiam quais eram os seus espaços. Assim, quando optavam por uma convivência harmônica, agiam conforme uma lei de conduta que já estava intrínseca na formação de todas as mulheres, aprisionando-as em espaços demarcados por traços invisíveis, porém delimitados.

Edinho era muito conhecido pela sua boemia e era freqüentador assíduo da rua do cemitério. Ainda hoje muitos guardam esta recordação dele. Ele gostava muito de festa, reafirmando sua íntima relação materna, já que Mãe Jovem também era conhecida por ser festeira e, como já foi dito, as festas de São João organizadas na casa dela eram famosas e esperadas na região. De um modo geral a família da Mãe Jovem foi lembrada pelas constantes brigas, eram muitos irmãos e um se envolvia na briga dos outros, mas Edinho não era lembrado assim: o que ficou na memória dos que o conheceram foi sua fama de mulherengo.

---

<sup>132</sup> Entrevista concedida por Marinalva a autora em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

<sup>133</sup> Idem.

Ciganinha, mulher com quem ele se envolveu numa dessas passadas pela “rua do cemitério”, diz que eles tiveram “*uma paixão fulminante*” e acrescenta: “(...) *eu sei que, Ave Maria! Ele era muito namorador, namorador, ai Ave Maria! (Eu) não agüentava*”<sup>134</sup>.

Foi esta “*paixão fulminante*” por Ciganinha que acalorou as brigas e discussões do casal. Aureliza não aceitava a vida boêmia do marido, mas a suportava. Foi quando descobriu o envolvimento de seu marido com Ciganinha que ela tomou a drástica decisão que mudou para sempre sua vida e a de todos que estavam diretamente ligada a ela.

Das visitas do avô, as netas mais velhas lembram com facilidade. Aureliza conversava muito com o pai, que sempre esteve preocupado com o casamento da primogênita. Maria das Graças diz que ele sempre perguntava como estava o casamento. O casal brigava muito, Raimundo, o primeiro filho homem deles relata como percebia estas desavenças entre os pais:

(...) no início eu sempre achei que era um bom relacionamento. Que meu pai tinha um comprometimento muito grande com a família, porque ele trabalhava na roça, mas sempre aos domingos, tava sempre com a gente. Às vezes saía junto com eles (com os pais) né? (...) parecia uma família tranqüila, bem relacionada, mas depois eu comecei a ter consciência de que... consciência assim, a mais, ouvindo um comentário de pessoas, que o meu pai às vezes, ele vinha da roça, não vinha direto pra casa, às vezes passava na casa de uma rua e onde tinha mulheres né? Prostitutas né? (Refere-se à rua do cemitério) Que sempre passavam, e que parece, que falavam pra gente, que parece que ele tinha um relacionamento muito forte com uma destas prostitutas. A partir deste momento (...) nós começamos a ter assim... não um muito preocupado, mas... sabia que tinha algum problema, que minha mãe não tava muito legal né? Sabendo de tudo isso aí, foi coisa que ela ficou sabendo por pessoas que... amigo delas né? Que chegava e comentava, fazia comentários.<sup>135</sup>

Raimundo é muito cauteloso, sempre procurava as melhores palavras para sua narrativa, e sem dúvida este foi um momento muito difícil para ele relatar ou mesmo lembrar. No início da entrevista ele ainda não estava muito à vontade, começou a fluir sua narrativa depois dele falar da separação dos pais. Ele revela ter percebido possível esta separação tardiamente, pois antes ele não tinha discernimento para perceber os conflitos

---

<sup>134</sup> Entrevista concedida por Carmelita Alves de Souza, 77 anos, em Ibicaraí dia 03/05/2010, às 19hrs, a autora.

<sup>135</sup> Entrevista concedida por Raimundo a autora em Jundiá, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.

entre eles. O relacionamento muito forte com uma prostituta, a qual ele faz referência, trata-se do caso extraconjugal de Edinho com Ciganinha, mantido durante algum tempo.

Raimundo era muito novo, tinha uns oito anos no momento lembrado. Mas os conflitos entre o casal e a conduta de Edinho eram percebidos por todos, conforme é relatado. Por ele ainda ser uma criança, só ficou sabendo das brigas do pai pelas pessoas de fora, na conversa dos vizinhos. Foi a partir deste momento, e instigado por estes comentários que ele começou a atentar para os movimentos internos da casa.

(...) quando eu vi que a situação tava ficando muito difícil foi quando eu ouvi minha mãe fazer uma agressão para o meu pai. Meu pai era uma pessoa que... que irritava muito minha mãe, irritava assim, dando risada às vezes tirando sarro né? E este tipo de agressão foi quando, na verdade minha mãe estava na cozinha, estava preparando o almoço, alguma coisa assim né? E ela estava muito aborrecida com meu pai. Me parece que ele passou numa janela que tinha na cozinha, ele passou do outro lado da janela e começou a fazer cara feia pra minha mãe, foi quando eu vi ela agredindo ele com um cesto de carne. Na época (...) (se) colocava a carne seca no cesto, e ela acertou ele, parece que ele fez cara feia pra ela e ela acertou a orelha dele com o cesto de carne, né? Então aí eu comecei a perceber que o relacionamento deles tava ficando muito difícil. Mas também (eles) não demonstrava muito, todo mundo sabia da situação, mas achava que essa coisa ia resolver, porque na época a maioria dos homens freqüentavam este tipo de rua né? E a gente tinha sempre... assim, achando que não ia ocorrer nada, né?<sup>136</sup>

Eles achavam que não ia acontecer nada, pois fazia parte da cultura da região as traições masculinas. Era tão comum, que Jorge Amado documenta na maioria de seus livros esta relação cotidiana entre homens e mulheres. Dona Flor é um exemplo disso, todos sabiam das traições de Vadinho, e se não concordavam, era porque Dona Flor, uma esposa exemplar, não merecia tal destino. Vadinho também não escondia de ninguém sua vadiagem, levando para dentro de casa a conduta que só era permitida nos espaços públicos, longe do lar. Era permitida porém a traição com discrição, pois era comum ao homem trair. Nesta trama tecida em torno de Flor, o único homem que não traía, era Teodoro, o segundo marido da protagonista, caracterizado pelo extremo oposto de Vadinho, pois entre seus atributos estava o não trair.

Esta normalização da traição cometida pelos homens muitas vezes é justificada pelo instinto, remetendo às questões biológicas muito usadas pelos positivistas e deterministas, ou infantilizando este instinto, para assim absolvê-los da responsabilidade, de uma postura moral imposta, para ser respondida apenas pelas

---

<sup>136</sup> Idem

mulheres. Vadinho não é visto como um vilão, ele é um personagem engraçado, carismático, o pícaro, que nas suas estripulias, principais ações do enredo do romance, é perdoado até pela mocinha da história.

A imagem da amásia retrata bem esta situação de normalização da traição pelo homem. Amásias são as mulheres que se prostituem apenas para um homem, em troca de uma vida estável, incluindo casa, comida e roupas. O homem que mantém este tipo de prostituta sempre tem mais posses e é sempre retratado por Amado como um coronel poderoso da região.

A já citada personagem Teresa Batista foi “amásia” do coronel Emiliano durante seis anos. Ele a colocou numa casa, lhe deu vestidos, contou-lhe uma porção de coisas e ensinou-lhe a ser uma “senhora”. Porém, sabemos que ela nunca se tornaria uma senhora, posto que as “mulheres de família” suportavam as “protegidas” dos coronéis tão só por medo e respeito deles. Sua condição de “mulher-dama” iria acompanhá-la pelo resto da vida, como uma sombra.

Marinalva lembra um episódio que envolve uma amásia, na cidade de Ibicaraí, perto da casa onde Aureliza morava:

Maria Onze Hora (...) morava na mesma fila da casa da gente, não era só a gente que morava lá tinha muita ‘família’ que morava ali. E ela morava no meio da gente, mas só que tem uma coisa (...) ela respeitava todo mundo. Não vou dizer que ela foi uma mulher descarada não, ela não. Mas era xodó do véio Leonel, o véio Leonel que bancava ela, pagava aluguel de casa. Quando foi um dia à meia-noite, menina, a gente tá tudo dentro de casa. Meia noite não, que era cedo, umas dez horas. A gente tava ... (lembrando) até eu estava bordando até ... me lembro como hoje, um jogo de cozinha, que eu já tava (fazendo) no meu enxoval né? E assim que tá, bate nesta porta. Quando abre a porta, menina, dois negão, menina, assim forte, com facão, oh minha filha que medo terrível.<sup>137</sup>

Marinalva conta a história de uma forma deliciosa. Ela prende a atenção dos seus interlocutores com a narrativa, além de se divertir muito durante o depoimento. Mais uma vez os espaços são especificados. A rua era uma rua de “família” e Maria Onze Hora morava “no meio” deles. O termo denuncia que aquele não era o lugar dela, mas como ela respeitava todo mundo, ninguém se incomodava com a presença dela.

(...) Ele troco a casa (de Maria Onze Horas) porque a casa da gente era mais perto da esquina (...). Aí Magnólia que tava sentada (...) deu um grito: “Pai...

---

<sup>137</sup> Entrevista concedida por Marinalva a autora em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

socorro papai”, papai, coitado, foi de lá correndo (...) Os homens quando viu que era, eles recuaram, se afastaram e ficaram longe assim ó (mostra com as mãos) (...) “Menina o que é isso?” (pergunta o pai) e Magnólia: “Papai tem dois homens ai com facão na mão”. Aí quando papai abre a porta, os caras que tavam de lá, ficaram quietos, e papai: “Mas rapaz o que é que vocês quer?” Aí os rapaz: “Não, é que a gente veio aqui, mas desculpa”, pediu mil desculpa à papai. Ninguém entendeu. Passado uns dias, o véio Leonel veio, (...) ele era amigo de papai (...), aí ele chamou papai de lado, (...) pediu mil desculpas a papai: “Ah Joca, você me desculpa porque, isso foi...”. Acho que foi a mulher dele, não sei o que foi, acho que provavelmente mandaram (imagina Marinalva), (e Leonel continua fala) “e eles trocaram a casa, desculpa Joca, desculpa” (o pai responde:) “Não, não tem problema não, mas eu não ia deixar eles pegar e matar a mulher não, que ela ta ai, dentro da casa dela né, ela não tá dentro de casa?” (E Marinalva coloca sua opinião). Ele (o veio Leonel) foi lá porque quis”. (Maria Onze Horas) Era bonita, uma mulhersona bonita, toda elegante (...). E ela também pediu desculpa a mamãe: “Mas não Dona Maria, (responde a mãe de Marinalva) não tem problema não, é a vida da senhora e a senhora faz o que quer, a senhora faz o que quer”.<sup>138</sup>

Marinalva diz que esses homens com facão tinham confundido a casa dela com a casa de Maria Onze Horas, pois elas eram vizinhas, provavelmente eles foram mandados pela esposa de Leonel para espancar ou até matar a amásia do marido. Este relato além de trazer outros aspectos das relações, às vezes pouco amistosas entre as mulheres dos diversos espaços da região, revela os perigos a que estavam submetidas as prostitutas ou amásias que ali moravam. Marinalva conclui esta parte de sua narrativa dizendo:

Mas deixe, que os velhos que tinham antigamente tudo era assim. Meu pai foi um que tinha, meu pai teve (outra mulher). Minha mãe descobriu, (mas ela) não ligou. Mamãe ficou assim afastada dele, (...) ele (não) saiu de dentro de casa não, mas ele lá e ela (a mãe) cá. (...) os homens aqui tudo era assim, safado.<sup>139</sup>

A fala da amiga e vizinha de Aureliza, concretiza com sua história e as revelações familiares que a traição pelo homem era cultural na região. Como ela mesmo disse, a maioria das mulheres eram traídas mas não tomavam atitudes mais drásticas. A mãe dela sabia da traição, continuou na casa, mesmo não se relacionando mais com o marido. Ela afirmou: “*mãe descobriu, (mas) não ligou.*”

Com Aureliza não aconteceu da mesma maneira, “*minha mãe não aceitou de forma nenhuma este tipo de relacionamento que meu pai tinha fora do casamento*”, diz Raimundo. Marizete, a filha mais velha de Aureliza, tinha mais ou menos 8 anos na época e lembra bem desta transição no relacionamento do pai. Ela traz nítidas

---

<sup>138</sup> Idem.

<sup>139</sup> Idem.

lembranças das conversas da mãe com seu avô Fagundes. Estas conversas revelam as relações do casal, que mudaram em função da boemia de Edinho, denunciando os sentimentos de Aureliza neste momento.

E minha mãe não deixava a gente fazer nada, era uma super mãe, eu era pequena devia ter 12 anos, não uns 7 ou 8 anos, e a gente tinha uma vida muito boa (...). De repente meu pai começou a virar a cabeça, começo a arranjar mulheres na rua, tudo, e a minha mãe descobriu e começou a ficar desgostosa, desgostosa e ela tomou (...) uma decisão que (...) ela não ia viver mais com ele. (...) A primeira vez que ela tomou essa decisão, o meu avô foi lá conversou com ele, conversou com ela e tudo e falou pra ela que se ela tivesse de ir embora ela ia, mas ela não levava a gente, que ela ia deixar a gente, que ela não podia levar nenhum dos filhos, e ela com pena da gente, que a gente era pequeno e ela pegou e não foi, ficou.<sup>140</sup>

O primeiro vislumbre da possibilidade de abandonar o marido foi antes dela ter os últimos dois filhos, Renilton, conhecido como Duda, e Maria das Neves, o que indica que durante algum tempo Aureliza levou o casamento, mesmo insatisfeita com a conduta do marido, pelo amor que tinha pelos filhos. Todos os filhos ressaltam que antes do pai mudar sua postura, eles eram uma família feliz e unida. Aureliza, sempre atenciosa e preocupada com os filhos, era uma excelente dona de casa e mãe.

Edinho, assim como o Vadinho de Dona Flor, não é recriminado por trair Aureliza, mas por permitir que suas farras boêmias, do espaço público, invadissem, interferindo, o espaço privado e sagrado que é o lar. Muitos condenam a atitude de Edinho, conforme relata Raimundo, mesmo os irmãos dele, que estiveram várias vezes juntos na farra da “rua do cemitério”. Recriminavam o irmão pela postura inadequada, de permitir que as mulheres com quem ele se relacionava, nos espaços públicos, invadissem o espaço privado, não por ele trair, pois conforme já foi dito era comum os homens traírem suas mulheres.

Aureliza não escondia do pai a insatisfação dela no casamento, mas como o pai não abrigaria os filhos caso ela saísse de casa, ela adiou sua decisão, comprovando que nunca foi intenção dela abandonar os filhos, ela era muito apegada e dedicada a eles. Foi depois da morte de Zeca Fagundes que as “farras boêmias” de Edinho se tornaram

---

<sup>140</sup> Entrevista concedida a autora por Marizete Alves dos Santos, 56 anos, primeira filha de Aureliza e Francisco, em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

mais intensas e freqüentes. Ele, diferente da maioria, não se preocupava mais em ser discreto:

(...) na verdade era mais ou menos assim: todos eles (os homens) freqüentavam esta casa de mulheres, todos, todos, não tinha nenhum homem que não freqüentava, mas eles não deixava estas coisas chegar até a sua casa. Coisa que meu pai deixou acontecer, e as mulheres destes lugares começaram a se envolver na família. Então era mais ou menos assim, lá (em Ibicaraí) todo mundo tinha este tipo de mulheres, mas as mulheres que eles não conheciam, se passassem na rua, nos lugares, onde eles estivessem, se elas aparecessem (...), não conheciam eles. Então eles não deixavam chegarem até em casa, mas todos freqüentavam. (...) O erro do meu pai foi esse, deixar chegar. Não sei se ele acabou gostando do relacionamento que ele tinha com essa prostituta, e a prostituta começou a querer se aproveitar, começou a se aproximar, começou a procurar ele (...) coisas que os outros não admitia. Era ir (...) para esses lugares, sair com essas mulheres e depois essas mulheres procurar eles, não, não, mulher não podia procurar eles, de forma nenhuma e eu acho que o que ocorreu com essa mulher foi isso aí, ou ela começou a gostar dele e ele começou a gostar dela e ela começou a interferir na família, ela começou a mandar bilhete pra ele. (...) Foi quando chegou no ouvido da minha mãe (...). Então esse foi o grande erro do meu pai, e que todo mundo culpou ele e achou errado totalmente tudo que ele fez de ter chegado na situação que chegou.<sup>141</sup>

As divisões entre público e privado discutidas até então são escancaradas nesta fala de Raimundo. O problema não está em trair, mas na violação do privado, do “sagrado lar”. A mulher referida por Raimundo, com quem seu pai se relacionou e acabou tornando-se pivô deste conflito, chama-se Carmelita Alves de Souza e é conhecida pelo apelido de Ciganinha. O motivo do apelido ela mesma explica:

Ah... minha filha (animada)... Porque eu em criança, assim com uns 12 anos, eu namorei com um cigano, eu namorei com um cigano e vivia só nas barracas deles. Eu tinha um cabelo que batia aqui (mostra as costas) o cabelo..., e eu gostava muito de ouro, gostava muito de ouro, naquele tempo não tinha bijuteria, não era? Tinha ouro e eu gostava muito de ouro, aí pronto peguei esse apelido de Cigana, no mundo inteiro não sai esse nome. Se chegar aqui e perguntar pelo meu nome ninguém sabe, mas se chegar: “Cadê Cigana?” “Mora ali”, é (risos) foi porque eu namorei com um cigano, namorei com um cigano em criança, ele também criança, aí pronto não saía de lá da porta dele, aí me botaram o nome de cigana.<sup>142</sup>

Ciganinha tem hoje 77 anos, ainda mora em Ibicaraí e me concedeu uma entrevista na casa dela. Inicialmente ela me recebeu com muitos receios, como se temesse que eu tivesse ido até lá para tirar alguma satisfação com ela, pois ela já sabia que eu sou neta de Aureliza e que estava na cidade procurando por ela. Quando ela

---

<sup>141</sup> Entrevista concedida a autora no dia 22/03/2009 às 10hrs por Raimundo.

<sup>142</sup> Entrevista concedida por Carmelita Alves de Souza, 77 anos, em Ibicaraí dia 03/05/2010, às 19hrs, a autora.



percebeu que eu não tinha nenhuma intenção hostil, se soltou um pouco mais e chegou a me tratar com carinho.

Ciganinha não falou sobre o seu passado. Ela insistia em repetir que teve uma vida muito boa e que se casou. Era como se ela pulasse um período de sua vida, sempre dizendo: *“Oh menina, se eu conheci eu não me lembro, eu não me lembro, que eu era muito nova, eu não me lembro”*<sup>143</sup>, quando não queria falar sobre o assunto.

Porém, as entrelinhas das falas, as reações, as intenções e algumas falas dela confirmaram alguns fatos narrados em depoimentos com outros entrevistados, além de ter contribuído para a reconstituição de alguns momentos importantes para o desenrolar da pesquisa. A própria narrativa sobre o apelido atribuído a ela indica sua posição nesta sociedade, pois não era comum para “meninas de família” namorarem publicamente com um cigano, que é culturalmente livre dos preceitos morais da sociedade burguesa que assolava esta região.

Tive que interferir muitas vezes na entrevista, fazendo perguntas, direcionando os assuntos, pois Ciganinha estava muito defensiva e cheia de desconfianças, conforme pode ser observado no seguinte fragmento:

Luciana: Sabe o que me falaram? Falaram que tinha uma rua aqui que era tipo... que era a rua do cemitério, falaram que ele (Edinho) não saía de lá, que lá tinha uns bares...

Ciganinha: É lá onde comadre Marlene mora (se anima ao falar, como se lembrasse bem de lá).

Luciana: Isso, falaram que ele não saía de lá, a senhora lembra alguma coisa sobre isso?

Ciganinha: Oh tu acredita que eu já me esqueci, é muitos anos eu já esqueci... (risos) Ah... eu sei que, Ave Maria, ele era muito namorador, namorador, aí ave Maria, não agüentava... acho que foi por isso que eu... (demora para completar, como se estivesse procurando as palavras e eu completo dizendo “Não agüentou”) É desisti, a paixão foi forte, mas... fiquei por ali mesmo. Luciana: Eu acho que minha avó, também largou ele por causa disso. Ciganinha: Mas essa mulher que ele foi embora para Itamerim (Hoje a cidade referida chama-se Firmino Alves), não era sua avó não, né?

Luciana: Não, a minha avó foi Aureliza, ela era casada com ele e também não agüentou porque ele era muito mulherengo e...

Ciganinha (Me interrompendo): Mas neste tempo que eu amei ele, ele era solteiro.

Luciana: Era?

Ciganinha: Era, ele era solteiro, não era casado não, ele era solteirão. Depois... Depois que ele casou, mas eu já não estava mais aqui.<sup>144</sup>

---

<sup>143</sup> Idem.

<sup>144</sup> Idem.

Marlene foi uma das minhas entrevistadas também. Realizei esta entrevista por ela ser filha de uma dona de prostíbulo na “rua do cemitério” na mesma época em que Aureliza viveu na cidade. Foi Marlene quem tornou possível meu contato com Ciganinha, e afirmou que a amiga era prostituta, e não teve nenhuma vergonha de me contar sobre a vida da mãe, sobre o movimento naquelas ruas e me apresentar a casa onde as prostitutas ficavam. Marlene conheceu Edinho e também se lembra com sorrisos do jeito boêmio dele.

Ciganinha em nenhum momento disse o que fazia na sua adolescência, não me abrindo espaço para perguntar, ela se protegia sempre dizendo que não se lembrava. Mas algumas falas suas confirmaram esta informação, assim como as ressalvas e os cuidados que tinha ao responder as minhas perguntas. Ela disse que ela e Marlene eram “*muito, muito, muito amiga, eu com mais Marlene, nós fomos criadas juntas.*” É sabido que a mãe de Marlene era dona de um prostíbulo, o que dificulta a inserção das duas nos espaços de “moças de família”, que ocupavam os espaços privados, tendo em vista toda a segregação dos espaços femininos já discutidos.

Ciganinha também nos revela seu passado, quando, ao discorrer sobre a cidade antigamente, diz: “*no tempo de Palestrina que eu vivi aqui, é (era) uma vida muito boa. (...) A gente podia sair meia-noite, uma hora da manhã, não tinha assalto... não tinha... agora não, a gente não pode sair, né?*” Tendo em vista, conforme já foi discutido, que existia uma lei que não permitia às prostitutas circular antes das 22 horas e que as “meninas de família” eram proibidas pelos pais de sair após este horário, o comentário de Ciganinha nos revela que ela ocupava os lugares públicos, os mesmos que as prostitutas ocupavam e a possibilidade de Edinho tê-la conhecido num destes espaços se amplia.

Quando Ciganinha negou que sabia que Edinho era casado, ela pareceu bem nervosa, como se escondesse alguma coisa. Marizete, quando ficou sabendo que eu entrevistei Ciganinha, ficou muito abalada, pois, segundo ela, esta foi amante de seu pai e não respeitava a sua mãe. Ela provocava Aureliza na rua dizendo desaforos e chegou a insultar também Marizete, que até hoje culpa Ciganinha pela separação dos pais.

Aureliza enfrentava agora outro dilema, originário da mesma raiz de problemas que vinha sempre assombrando sua vida: a opressão masculina tomou outras formas, encarando-a por outras faces, pisoteando sua vaidade e ferindo seu orgulho.

## A decisão de Aureliza que a levou ao caminho de um recomeço

(...) Quando foi uma vez ela não agüentou mais e falou que vinha embora pra São Paulo e falou pra gente ficar lá que um dia se... ela viesse aqui pra São Paulo (confunde os espaços por causa da emoção, ela queria dizer Bahia), que ela vinha pegar a gente.<sup>145</sup>

A emoção de Marizete ao relatar esta passagem dolorida de sua vida concretizava-se em lágrimas e soluços confundidos com a narrativa. Aureliza não agüentou a humilhação de ser traída. Edinho estava diferente e não era mais o mesmo que ela conheceu quando eles se casaram. O que antes era considerado boemia, ou irresponsabilidade masculina, tornou-se para Aureliza uma violência, uma afronta contra sua vaidade, contra o compromisso que eles selaram na Igreja quando casaram. Edinho derrubou as paredes que separavam o privado, onde estava Aureliza, e o público onde estava Ciganinha. Foi por isso que Aureliza despiu o figurino de Dona Flor e decidiu pela separação.

São muitas as versões que justificam o motivo do estopim que levou Aureliza a tomar a difícil decisão de tentar a separação legal na justiça e depois, sem êxito com o Juiz, fugir para São Paulo, abandonando os seus seis filhos. Lídia, mulher de Nilson, que era sobrinho de Edinho, diz que Aureliza tomou a decisão de abandonar Edinho quando descobriu que ele pagava o aluguel de uma casa para Ciganinha morar. Marizete e Maria de Fátima dizem que Edinho começou a ser relapso em casa, não dava mais atenção para Aureliza e, às vezes, deixava faltar mantimento na residência.

Aureliza estava infeliz e se sentia humilhada. Todos na região sabiam das farras de Edinho, onde até hoje ele é lembrado por isso. A cidade onde eles moravam era muito pequena e ainda preserva muitas características dos tempos de outrora. Os moradores, em sua maioria, conheciam uns aos outros, por isso comentários eram constantes, (...) *foi quando chegou no ouvido da minha mãe (...)*, lembra Raimundo, referindo-se às traições do pai.

Aureliza tinha poucas amigas, e as irmãs com quem ela ainda mantinha contato tentaram ajudá-la quando ela tomou a decisão. Aureliza, semi-analfabeta, tinha pouca instrução. A cultura da região, que designava apenas aos maridos a possibilidade de

---

<sup>145</sup> Entrevista concedida a autora por Marizete Alves dos Santos, em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

tomar decisões ou cuidar de negócios de âmbito “público”, deixava as mulheres atadas quando tinham que realizar qualquer coisa que extrapolava os espaços domésticos. Mas a política do apadrinhamento, típico do sistema patriarcal, ainda muito comum no sul da Bahia e bastante relatado por Jorge Amado nas relações de seus personagens, muitas vezes era solidária neste caso. A mulher acabava sempre sendo amparada por um padrinho, compadre ou amigo da família.

(...) Aí ela tinha um compadre dela que (...) queria ir até Itabuna pra falar com o juiz, pra ver se o Juiz dava a autorização, dele sair de casa e ela ficar com a gente. (...) Meu pai na cidade era muito poderoso, a família do meu pai (...) mas assim mesmo ela tentou. Foi ela (e) falou pra gente: “Oh meus filhos, eu vou pra Itabuna ver o que é que o Juiz vai decidir, se vai falar com seu pai. Eu vou tentar, mas não sei se eu vou conseguir não, mas eu vou tentar ver se eu fico com vocês. Mas aí vocês ficam aí, se vocês (verem) ônibus passar e eu não descer, é que eu não vou vir mais aqui. Aí vocês ficam aí e um dia eu pego vocês, um dia eu vou voltar, venho aqui e busco vocês.” E ela foi pra Itabuna (...).<sup>146</sup>

“(...) *Ela saiu praticamente sem nada (...) com um vestido, uma sandália*”, lembra Raimundo emocionado, “(...) *foi uma data que marcou muito, eu lembro até hoje que ela saiu com um vestido preto.*”<sup>147</sup> O preto do luto que a preenchia naquele momento. E foi assim que os filhos de Aureliza viram sua mãe partir em busca de um recomeço.

Maria Cláudia Gonçalves Solano Pereira é “defensora pública do Estado de São Paulo, cargo ocupado por força de concurso público, com a finalidade de prestar assistência jurídica integral à população carente”. Ela me concedeu entrevista via e-mail. Quando interrogada sobre a situação da mulher juridicamente na década de 60, momento em que ocorrem os fatos aqui analisados, ela responde a partir de seus conhecimentos e experiência profissional:

Tive contato com diversos casos de mulheres vivenciando relacionamentos conjugais falidos. Em boa parte, são vítimas de violência e enfrentam inúmeras dificuldades quando pensam em se separar, o que envolve, principalmente, a questão da guarda de filhos, da pensão alimentícia e divisão de bens, quando houver.

Mesmo na atual realidade, no Estado mais desenvolvido da Federação, a mulher ainda enfrenta diversas barreiras, quando pensa em separação. A

---

<sup>146</sup> Idem.

<sup>147</sup> Entrevista concedida a autora por Raimundo Alves Santos, 49 anos, quarto filho de Aureliza e Francisco, em Jundiá, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.

questão do acesso à justiça é uma delas, questão essa que vem sendo enfrentada com a implementação e a ampliação das Defensorias nos Estados.

Há outros enfrentamentos, sobretudo de ordem social, familiar e econômica. A história de lutas e conquistas da mulher ainda não cessou. Como se falar em igualdade, em uma sociedade tão cheia de contrastes, consideradas as peculiaridades de cada região do país?<sup>148</sup>

Aureliza sentia no seu cotidiano as dificuldades que uma mulher teria se decidisse pela separação. Neste recorte estava bem delineado na cidade onde ela vivia a postura social acerca destas questões. As mulheres evitavam a separação também por saber das dificuldades que enfrentariam para sobreviver e sustentar os filhos sozinhas. Se a pressão sob a mulher casada já tinha conseqüências visíveis e sensíveis na sociedade, imagine-se então como seria se esta mulher estivesse separada. É relevante ter em vista a lei, esta compactuava com a ideologia sexista que não favorecia a mulher, principalmente porque ela variava conforme o contexto social onde ela era aplicada. Maria Cláudia aborda esta questão:

A lei manda que, na aplicação da lei, o julgador leve em conta os “fins sociais” e as “exigências do bem comum”. Tais conceitos dependem, é claro, da realidade em que o juiz está inserido, seja no sul, no sudeste ou no nordeste do país.

Há que se levar em conta, ainda, os costumes da sociedade local.<sup>149</sup>

O sul baiano onde estava inserida Aureliza até hoje se mantém conservador e opressivo contra a mulher. As várias literaturas produzidas na e sobre a região carregam esta característica. Jorge Amado, na análise feita até então, é o maior exemplo disso. Além dele constatar e fazer a denúncia desta realidade em seus romances, ele carrega intrínseca em sua narrativa a ideologia adquirida e construída neste mesmo espaço nas entrelinhas do texto, conforme já foi dito.

Em relação à condição jurídica da mulher, sua evolução foi bastante lenta no Brasil e teve marcos básicos, dentre os quais é importante citar o Estatuto da Mulher Casada, em 1962, que alterou o Código Civil de 1916; a Lei do Divórcio, em 1977; e a atual Constituição Federal, que prevê a plena igualdade de direitos entre homens e mulheres.

O Código Civil de 1916 sustentava princípios conservadores, mantendo o homem como chefe da sociedade conjugal, limitando a capacidade da mulher a determinados atos, situando-a em situação hierárquica inferior ao homem.

A família era estruturada num regime patriarcal onde mulher e filhos deviam inteira submissão ao pai. Os filhos eram educados por mulheres com idéias pré-concebidas, que por sua vez lhes eram impostas pela geração anterior e assim sucessivamente. Não era permitido à mulher exercer profissão, nem

---

<sup>148</sup> Entrevista concedida a autora por e-mail concedida por Maria Claudia Gonçalves Solano Pereira, defensora pública do Estado de São Paulo.

<sup>149</sup> Idem.

contrair obrigações. Ao homem era dado o pátrio poder e, conseqüentemente o direito de administração legal dos bens dos filhos.<sup>150</sup>

O período ao qual Maria Cláudia faz referência foi vivido por Aureliza. Data, portanto, do início da década de 1960, quando ela decidiu procurar a justiça para separar-se de seu marido. Considerando o processo de desenvolvimento da cidade de Ibicaraí, que apresenta um atraso em relação aos grandes centros, em decorrência da construção tardia e da emancipação recente, acontecida em 1955, a data do Estatuto da Mulher Casada citado pela defensora pública de 1962 e o contexto social sexista e conservador daquela região, pode-se avaliar as dificuldades enfrentadas por Aureliza quando esta procurou o Juiz.

Marizete, muito emocionada, continua seu relato sobre a decisão da mãe, falando e chorando ao mesmo tempo: *“quando chegou lá o juiz não deu autorização pra ela ficar com a gente, porque meu pai, todo mundo, já tinha comprado o juiz. Lá em Itabuna, naquela época, o que valia era o dinheiro, ai compraram o juiz e ela pegou e não veio mais.”*

Marizete, numa análise anacrônica e apaixonada dos fatos, não leva em consideração que naquele contexto histórico as mulheres não dispunham de leis jurídicas que as favorecessem, por isso relaciona a injustiça cometida contra a mãe com questões de dinheiro, mas Edinho não tinha como comprar o juiz, ele ficou sabendo da decisão de Aureliza posteriormente, só depois que ela abandonou a casa. Não soube, portanto, que ela tentou a separação legal. Maria Cláudia explica que:

Em 1962, com o Estatuto da Mulher Casada, surgiu o primeiro marco histórico da liberação da mulher no Brasil. Seu grande mérito foi o de abolir a incapacidade feminina, revogando diversas normas discriminadoras. Consagrou o princípio do livre exercício de profissão da mulher casada, permitindo que esta ingressasse livremente no mercado de trabalho, tornando-a economicamente produtiva. Este aumento do poder econômico feminino trouxe decisivas modificações no relacionamento pessoal entre os cônjuges, mas restaram, ainda, muitas desigualdades, como a permanência do homem como chefe da família.<sup>151</sup>

Levando em consideração que a cidade ainda não possuía nem cartório, pode se concluir com facilidade que a lei não favoreceu Aureliza, tendo como base a própria

---

<sup>150</sup> Idem.

<sup>151</sup> Idem.

constituição daquela época, quando ela foi até Itabuna no intuito de separar-se de Edinho.<sup>152</sup>

A luta feminista ainda é muito recente. Aureliza diferenciou-se das mulheres da sua época e região quando tomou a decisão de separar-se. Segundo Maria Cláudia:

Com a Constituição Brasileira de 1988, que definitivamente reconheceu a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, os movimentos feministas ganharam força e garantiram à mulher seu espaço na sociedade. Apesar disto, ainda existem resquícios de uma sociedade conservadora.<sup>153</sup>

Aureliza não tinha muitas saídas. A lei não estava ao seu lado e a situação ficava ainda mais complicada quando Edinho viesse a saber da tentativa de divórcio da esposa. Com o orgulho ferido, ele podia ficar perigoso e tornar a vida de Aureliza ainda mais insustentável, pois a educação dele tinha raízes no sistema patriarcal conservador que ainda influenciava a população e que Aureliza conhecia muito bem, na personificação de seu pai. “*(Edinho disse) que queria ir atrás dela (de Aureliza), que (...) ia vir aqui (em São Paulo) atrás dela, que queria matar ela e tudo (...)*”, revela Marizete, referindo-se à reação do pai quando descobriu que Aureliza o abandonou; por isso ela teve que fugir.

As crianças souberam da decisão do Juiz no final da tarde; eles aguardavam o último ônibus que viria de Itabuna junto com os últimos raios de sol:

A gente viu o ônibus passar, viu a tarde chegar, eu e a Fátima esperando, esperando, aí o ônibus não chegava e quando o ônibus passou, ela não voltou. Ela foi pra casa da comadre dela e de lá ela mandou recado pra mim, que eu tomasse conta dos meus irmão que (um) dia ela pegava a gente, que ela não podia mais ficar com a gente, que aí ela não ia voltar mais. E ela era uma mulher de opinião, falou que não voltava mais (...) aí ela foi, veio embora.<sup>154</sup>

O depoimento emocionado de Marizete é o relato mais próximo dos acontecimentos daqueles dias. As filhas mais velhas, Marizete, com 14 anos, e Fátima com 12 anos, eram as que tinham mais discernimento para compreender o que estava acontecendo. Aureliza era discreta. As poucas pessoas com quem ela trocava confidências e que conversou sobre aquela fase de sua vida já morreram.

---

<sup>152</sup> Os arquivos da cidade ainda estão sendo organizados. Muitos órgãos referentes à cidade de Ibicaraí ainda hoje estão sendo levados para a região, o que dificultou a busca de possíveis documentos que registrem a tentativa de divórcio por Aureliza.

<sup>153</sup> Entrevista concedida a autora por e-mail concedida por Maria Claudia Gonçalves Solano Pereira, defensora pública do Estado de São Paulo.

<sup>154</sup> Entrevista concedida a autora por Marizete Alves dos Santos, em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

Todos os filhos sentiram muito todo este processo de separação dos pais e foram diretamente afetados por tudo o que aconteceu. Marizete e Fátima, porém, por serem as mais velhas, assumiram responsabilidades a que não estavam preparadas para assumir, além de terem percebido tudo o que estava acontecendo, antes mesmo do pesadelo tornar-se real e sua família se desvanecer na frente de seus olhos.

Antes de partir para São Paulo Aureliza voltou para Ibicaraí e “*se escondeu durante um tempo para resolver o que ela faria da vida*”<sup>155</sup>, conta Maria de Fátima. Ela ficou alguns dias na casa da sua irmã Josefa, que ficava próxima da rodovia onde passava o ônibus para São Paulo. A casa da irmã foi estratégica, pois ela pôde sair de dentro da casa direto para o ônibus, discretamente.

---

<sup>155</sup> Entrevista concedida a autora por Maria de Fátima Santos Barbosa, em São Paulo, dia 21/02/2010 às 8hrs35min.



### **CAPÍTULO 3 – Aureliza parte em busca do recomeço**

#### **Chegada e lágrimas na selva de pedra, a “terra de fartura”, a mesma que acolheu Tieta, que assim como Aureliza já chegou planejando o regresso**

E ela saiu da casa onde ela morava, porque eu contei pra minha madrinha o que estava se passando e minha madrinha falou, que se ela quisesse vir aqui pra São Paulo que ela viesse. E aí meu pai conversou com esse casal (que já havia ajudado Aureliza) e deu dinheiro e o casal também ajudou ela. E ela veio aqui pra São Paulo.<sup>156</sup>

Claudemira já estava morando em São Paulo há alguns anos, desde que fugiu da casa do pai, Zeca Fagundes. Ela trabalhava em São Paulo como empregada doméstica. Tinha ido para o Sudeste junto com a madrinha, que a ajudou muito nesta nova fase. Foi por intermédio da irmã que Aureliza foi para São Paulo. Neste momento difícil de sua vida, de decisões e mudanças, ela contou principalmente com o auxílio das irmãs, dos amigos e compadres do pai, que já havia morrido.

O fragmento da narrativa acima é de Claudemira, a irmã mais nova de Aureliza. Durante a entrevista, que foi realizada na cidade de Ibicaraí, ela falava devagar, como se lembrasse com dificuldade dos fatos que contava; o gravador foi um elemento que interferiu na forma dela falar, porque como era sabido que a entrevista estava sendo gravada, ela falava bem pausadamente, como se quisesse ser bem compreendida pelo gravador:

E quando ela chegou aqui na rodoviária, nós tinha ido buscar ela, eu com o Manuel na rodoviária e o ônibus não chegou. Nós ficamos lá até de manhã e o ônibus não chegou, aí nós veio embora. Quando Aureliza chegou não tinha ninguém pra pegar ela e ela ficou sozinha na rodoviária, ficou sozinha na rodoviária (se esforça para lembrar os detalhes do acontecimento), quando chegou lá não tinha ninguém, aí o motorista conheceu ela e falou que ela era igual à mãe dele e se ela confiava nele, aí ele pegou ela, levou pra o quarto que ele morava e perguntou se ela tinha alguma coisa (número de telefone) pra ele ligar, se tivesse parente irmã e ela, tinha o telefone de Manuel. Aí ela deu o telefone de Manuel e ele deixou ela fechada no quarto e foi ligar pro Manuel. (...) E ele foi falou com Manuel e ele voltou e ficou esperando e o Manuel foi pegar ela e levou ela pra minha madrinha.<sup>157</sup>

A estrutura narrativa que ela constrói se faz ao mesmo tempo que ela lembra, por isso, às vezes, podem soar confusas algumas passagens. Ela traz elementos e confusões típicas da memória, quando está sendo acessada depois de muito tempo que aquele assunto não era lembrado, por isso ela confunde a temporalidade. No fragmento ela

---

<sup>156</sup> Entrevista concedida a autora por Claudemira Alves Pontes, 68 anos, irmã caçula de Aureliza, em Ibicaraí, dia 15/07/2009, às 23hrs45min.

<sup>157</sup> Idem.

disse que o pai Zeca Fagundes havia ajudado Aureliza a sair de Ibicaraí com destino para São Paulo; todos os outros entrevistados, porém, afirmam que a mãe só se separou depois que o pai morreu. Claudemira não estava mais em Ibicaraí, por isso é natural que alguns detalhes fiquem embaralhados em sua memória, principalmente porque, muito do ela sabe que aconteceu em Ibicaraí são relatos ouvidos e relatados por terceiros.

Manuel, citado por Claudemira, como o acompanhante dela para receber Aureliza na rodoviária de São Paulo, hoje tem 67 anos, ainda mora nessa cidade, vizinho da casa que Aureliza deixou de herança para seus filhos. Ele teve participação essencial na acolhida dela nesta nova fase de sua vida, nesta cidade que era tão diferente do que ela conhecia, pois mesmo Itabuna ou Ilhéus são cidades pequenas diante da grandiosidade de São Paulo. Ele fala como conheceu Aureliza em entrevista:

(...) eu conheci os pais dela, conheci o seu Fagundes, e lá eu conheci o Olímpio (...). As fazendas era tudo quase próximas, o meu pai era bem fazendeiro naquela época né, fazendeiro de cacau, e eles também. O pai dela (Zeca Fagundes) que também tinham uma fazenda de cacau. (...) Neste intervalo, eu vim para São Paulo e depois, aqui, começamos a se conhecer mais (ele e Aureliza).<sup>158</sup>

Manuel, assim como muitos migrantes nordestinos, veio para São Paulo acreditando que aqui era a “terra das possibilidades”. *“Aqui é uma terra boa pra se sobreviver né, pelo menos. Eu já tinha um irmão aqui, que era gerente da Cruzeiro né, e eu vim pra qui graças a Deus, vim pra qui em 57”*. Muitos nordestinos partiram para São Paulo em busca de condições melhores. No caso dos migrantes do sul da Bahia, eles vieram principalmente nas décadas de 1950 e 60 por causa da queda dos preços de cacau, principal produto produzido na região. Segundo Manuel, as pessoas de Ibicaraí escolhiam a cidade de São Paulo

porque lá a notícia corria bem, São Paulo era terra de ganhar dinheiro. E, era mesmo, nesta época era, muitas pessoas que vieram pra qui se deram bem. (...) Eu fui duns, prosperei, eu era fazendeiro lá, meu pai era fazendeiro riquíssimo, tinha umas 500 cabeças de gado, umas 300 arrobas de cacau, (...) mas depois foi desandando, desandando, meu pai com mau negócio, perdi meu pai, aí vim acompanhar o meu irmão que era gerente na Cruzeiro (...) o mais velho da família.

---

<sup>158</sup> Entrevista concedida a autora por Manuel Ferreira de Souza, 65 anos (70 anos nos documentos), amigo de Aureliza, em São Paulo, dia 05/03/2009 às 16hrs.

Ficou combinado que Manuel e Claudemira buscariam Aureliza na rodoviária. Josefa, irmã das duas, foi quem a auxiliou neste processo, abrigando a irmã na casa dela antes dela partir e intermediando o encontro com a caçula, que já estava em São Paulo. Mas um desencontro de horários, conforme o relato de Claudemira, fez com que a ibicaraense passasse sua primeira noite sozinha entre a imensa floresta de concreto.

Passado o primeiro susto, Aureliza começou a se estabelecer e a se acostumar com esta cidade que ela tinha escolhido para recomeçar. Em Ibicaraí ela sempre foi uma exemplar “dona de casa”, sabia costurar muito bem, chegou a fazer alguns trabalhos para “fora” de casa, mas para viver disso em São Paulo precisaria ter uma máquina de costura, que não era barato, conquistar sua clientela e ter um lugar estável para receber as clientes. A opção mais plausível neste momento para ela conquistar uma estabilidade nesta cidade era trabalhar como empregada doméstica.

Aurora e Laura, filhas de Amélia, a primeira e única patroa de Aureliza, rememoram numa entrevista coletiva como foi a chegada de Aureliza a São Paulo. Aurora, a mais velha, relata:

Ela chegou em 1964 mais ou menos, eu conheci a sua tia Cláudia e um dia eu estava conversando com ela e achei ela um pouco triste, aí eu falei : “Claudia que está acontecendo?” e ela falou: “É que minha irmã está vindo da Bahia, e eu preciso encontrar uma casa pra ela. Ela saiu da Bahia e deixou os filhos, o marido não deixa ela ver os filhos. Então ela vem pra São Paulo pra trabalhar, depois ela vem buscar os filhos dela”. Aí eu falei: “Olha a minha mãe está precisando de uma pessoa, eu vou falar com minha mãe se ela aceita.” Eu conversei com minha mãe e meu pai aí meu pai e minha mãe falaram: “Não tem problema”, aí eu falei: “Oh mamãe, ela nunca foi empregada, ela nunca foi... conviveu com as pessoas assim em São Paulo, ela não sabe nada, vocês precisam ter um pouquinho de paciência”. Mas o meu pai e minha mãe eram pessoas muito boas e eu achei que ia dar certo.<sup>159</sup>

Quando disserta sobre o trabalho feminino e sexualidade nos centros urbanos, Margareth Rago aponta para uma realidade onde *“falar das trabalhadoras urbanas no Brasil significava retratar um mundo de opressão e exploração demasiada, em que elas apareciam como figuras vitimizadas e sem nenhuma possibilidade de resistência.”*<sup>160</sup> Desde finais do século XIX as mulheres que se estabeleciam nas cidades enfrentavam

---

<sup>159</sup> Entrevista concedida a autora por Aurora Clérigo Rente, 75 anos, filha da patroa de Aureliza em São Paulo, em São Paulo, dia 07/10/2010, às 15hrs45min.

<sup>160</sup> RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 579.

pressões psicológicas, físicas e morais que dificultavam sua sobrevivência nestes espaços.

Ainda baseando-se nos dados expostos por Margareth Rago em que ela exprime que “os documentos oficiais e as estatísticas fornecidas por médicos e autoridades policiais revelam um grande número de negras e mulatas entre empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, doceiras, vendedoras de rua e prostitutas (...), conclui-se que Aureliza compartilha esta dura realidade da mulher de grandes centros urbanos e ela passa a ocupar nesta cidade os espaços públicos, pois estes empregos, reservados para as mulheres negras após a Abolição dos escravos, eram considerados “setores mais desqualificados”, nos quais se recebiam “salários baixíssimos e péssimo tratamento.”<sup>161</sup> Cenário perpetuado até os dias de hoje.

Aurora e Laura vem de uma família tradicional de São Paulo. O pai delas era dono de uma fábrica e tinha muitos empregados migrantes. Quando pergunto às duas sobre as empregadas domésticas em São Paulo, elas concluem:

Aurora: Houve uma época em São Paulo, que as pessoas que vinham trabalhar para empregados nossos, eram do interior de São Paulo (...) depois de 1950 e 60 (...) São Paulo começou a fazer muita indústria e acabou a época da lavoura, lavoura do café e essas coisas toda, e as meninas dessas cidades não vinham mais pra São Paulo pra trabalhar, elas ficaram nas próprias cidades nas indústrias, então qual era o material humano? O pessoal que vinha do Nordeste, da Bahia, Pernambuco. Foi aí que começou a descer as meninas e os trabalhadores. O meu pai tinha fábrica de vinagre, uma fábrica razoavelmente, com um nome de vinagre muito conhecido que era o “Vitalia” e meu pai mesmo nunca teve empregado nordestino, depois houve uma época que ele começou a ter (...).

Laura: Quem vinha não tinha escolaridade, então qual era o serviço que ia ter que fazer? Era empregada doméstica.

Aurora: E elas não tinham onde morar.

Laura: E a empregada doméstica naquela época morava com a família.<sup>162</sup>

Aurora e Laura se formaram professoras numa época em que lugar de mulher era “dentro de casa”, mesmo em São Paulo. As duas me disseram que todo trabalho feminino era mal visto pela sociedade. Por experimentarem ser mulher, de classe média alta, na cidade de São Paulo, e filhas de dono de fábrica, elas conseguiram contextualizar este momento de migração nordestina, de forma plausível e coerente com o momento histórico. Aureliza se encaixou no perfil de migrante que elas desenharam,

---

<sup>161</sup> Idem. p. 582.

<sup>162</sup> Entrevista coletiva concedida a autora por Aurora Clérigo Rente, 75 anos e Laura Rente Maffei, 70 anos, em São Paulo, dia 07/10/2010, às 15hrs45min.

assim como Claudemira, Beatriz, irmã das duas, entre muitas outras mulheres que fizeram suas histórias neste trajeto Bahia/São Paulo.

Segundo as filhas de Aurora, Aureliza mantinha com a mãe delas, dona Amélia, uma relação de amizade, o que favorecia este recomeço de Aureliza em São Paulo. Laura lembra saudosista:

Então sua avó quis comprar uma máquina de costura, minha mãe foi com ela lá na casas Bahia ali na Praça da Árvore. Compraram a máquina a prestação, depois ela quis comprar o terreno, comprou uns brincos de ouros (...). E ela morava num quarto da casa da minha mãe lá nos fundos, que era um quarto muito grande; geralmente as casas eram muito grande e o quarto era muito bom então dava pra fazer o quarto dela e um quarto de costura você entendeu? E tinha muita escada, porque era um sobrado. E ela pegava e falava: “Nossa quanta escada tem nesta casa”. (risos) e eu falava: “Dona Aureliza”, porque a gente não chamava ela de Aureliza, a gente chamava ela de Elizia, aí eu falava: “A dona Elizia, escada deixa as pernas bonitas”, que a Elizia, sua avô, tinha umas pernas bonitas, (Aurora diz: “Ela era alta assim como você”) ela falava então é por isso que eu vou subir e descer uma porção de vezes. (risos).<sup>163</sup>

Foi assim que, aos poucos, em São Paulo, Aureliza conseguiu ir conquistando seu espaço e suas coisas, reconstruindo ao poucos sua vida, com muito trabalho, esforço e saudades de seus filhos. A casa a que Laura se refere era realmente muito grande. Na pintura pode-se observar isso:



---

<sup>163</sup> Idem.

O quarto dos fundos do lado direito da figura<sup>164</sup> era o quarto onde Aureliza ficava. Neste primeiro momento ela morava na casa onde trabalhava, o que fez estreitar ainda mais o laço que tinha com sua patroa, Amélia.

A imagem construída por Jorge Amado, em torno da mulher nordestina em São Paulo, por sua vez, concretiza-se na personagem Tieta<sup>165</sup>. Quando “*nas dunas de Mangue Seco, Tieta, pastora de cabra, conheceu o gosto do homem, mistura de mar e suor, de areia e vento. Quando o mascate a arrombou (...)*”<sup>166</sup>, ela foi expulsa pelo pai de casa, e automaticamente foi obrigada a sair de sua cidade natal, onde gozava de uma liberdade poética, conivente com a beleza paradisíaca do Agreste. Ela foi para São Paulo, sozinha e sem perspectivas de vida, guardando no peito a mágoa da injusta rejeição.

As mudanças dos códigos de sexualidade feminina, nascentes das transformações urbanas, unido ao conservadorismo, típicos de pequenas cidades do interior nordestino, que convivem com vários tempos num mesmo espaço<sup>167</sup>, não deram à menina Tieta outra alternativa a não ser enfrentar a selva de pedra no Sudeste. Em São Paulo as coisas não foram fáceis para Tieta, que teve de superar toda a rejeição da família e dos vizinhos do lugar onde nasceu e sobreviver sozinha num lugar distante, que não possuía a leveza e ingenuidade daquela cidadezinha interiorana.

Mais uma vez Jorge Amado recorre ao corpo feminino para dar à mulher a libertação e situá-la nos espaços. Tieta, para sobreviver, teve que vender o próprio corpo, superou assim dificuldades para então regressar à cidade que a rejeitou. Neste romance, o autor baiano, mais maduro ideologicamente, produz uma narrativa totalmente alicerçada na estrutura da literatura de cordel. Com personagens mais complexos, carregados de características dessa sociedade burguesa e hipócrita que

---

<sup>164</sup> Quadro com a imagem da casa de Amélia, primeira patroa de Aureliza.

<sup>165</sup> Personagem que dá título ao romance de: AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste, pastora de cabras ou A volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensacionais e empolgantes episódios: emoção e suspense!* Rio de Janeiro: Record, 1987.

<sup>166</sup> Idem. p. 12.

<sup>167</sup> Ver uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto em LIMA, Joelma Varão. *A mulher na obra de Jorge Amado*. 1994. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1994, p. 58.

assola as cidades da Bahia, principal alvo de crítica do autor nesta fase, Jorge Amado cria situações cômicas, mas que tocam o lado mais íntimo do leitor. A natureza humana aparece desnuda nas atitudes e sentimentos dos personagens. Perpétua, irmã de Tieta, carrega a inveja, a luxúria, a avareza, enrustidas sobre os trajes negros da viuvez e sobre o discurso frenético da religião católica.

A alegria de Tieta não morre com o que lhe aconteceu no passado; sua simpatia e beleza conquistaram os políticos da cinza cidade paulistana, onde ela abriu um prostíbulo que sustentou muitas mulheres com o mesmo destino dela. Ninguém na pequena cidade de Mangue Seco sabia da verdadeira origem do dinheiro que a filha pródiga mandava mensalmente para a família, a mesma que foi expulsa de casa. E quando ela regressou à cidade, o mistério continuou. Todos desfrutaram com felicidade do dinheiro e das facilidades do progresso trazidos por Tieta para a pequena cidade, em forma de luz elétrica. Porém, quando foi descoberto seu verdadeiro ofício na cidade grande, Tieta novamente partiu de Agreste, desta vez deixando sua marca e, finalmente, vingada. Tieta conseguiu transformar a cidade em que nasceu, mas as divisões dos espaços da mulher permaneceram, e mesmo rica ela não ocupara mais, na visão de Amado, os lugares destinados às mulheres privadas, mas Tieta, tão segura de sua história e conquistas, não almejava mais este cargo.

Dona Amélia me falava, que tudo que essa mulher fez desde o dia em que chegou aqui em São Paulo, que ela chorava dia e noite de saudade dos filhos. Que sabe que é você estar numa cidade sozinha, ir pra casa de uma pessoas estranha, ser empregada? De noite, que quando você parava de trabalhar, que dona Amélia falava que chamava ela muitas vezes, que ela ficava no quarto dela sozinha, não tinha televisão, não tinha nada, só tinha radinho. O que você acha que ela ia ficar fazendo né? Chorando, dormindo e chorando com saudades dos filhos.<sup>168</sup>

Em São Paulo, Aureliza carregava a tristeza nos olhos, sentia muita saudades dos filhos e lutava para se estabilizar e conseguir alcançar o tão buscado recomeço. Maria das Graças, a narradora deste fragmento, teve muito contato com as primeiras e únicas patroas de Aureliza em São Paulo, e ainda hoje ela mora na casa de Laura, onde ainda trabalha, filha da citada Dona Amélia, que foi a patroa de Aureliza. A fala é emocionada, cheia de saudades e orgulho da mãe que, mesmo distante, nunca havia esquecido os filhos. Ela continua:

---

<sup>168</sup> Fragmento da entrevista concedida a autora por Maria das Graças, em São Paulo, dia 12/06/2009 às 22hrs42min.

Dona Amélia falou que ela queria arrumar os dentes, pra quando ela ir na Bahia ela ir bonita, você sabe pra quê? Dona Amélia falou que logo ela comprou um brinco de pérola, que eu acho que ficou comigo ou com a Fátima (...) tudo que ela comprava de enfeite, era pra quando ela fosse para Bahia, e tudo que ela fazia era pra pegar os filhos dela (...). Que foi por isso que ela trabalhava com alegria (...) e que tudo que ela fazia na casa da Dona Amélia, Dona Amélia falou, era em função de ser remunerada pra poder compra os tijolos as coisas lá pra construir o quarto e cozinha dela. Que não era que a gente ia casar, a gente ia morar tudo junto com ela (em São Paulo) você entendeu? Nada dos pintinhos sair fora da galinha, ela ia ficar com a gente.<sup>169</sup>

O dinheiro da herança do pai não era muito, mas, junto com o dinheiro que ela vinha guardando dos dias trabalhados na casa de Amélia, ela conseguiu comprar um terreno.

O Zuza comprou a parte dela (na fazenda do pai) e eu fui pegar este dinheiro no Ipiranga. Me lembro como hoje, (busquei o dinheiro) no Banco do Brasil. Como eu tinha a procuração dela, era só apresentar os documentos e tirar o dinheiro dela.

Manuel mais uma vez a ajudou. Aureliza era analfabeta, o que dificultava muito a realização das negociações e de toda a burocracia necessária para a compra de uma casa, Manuel era conhecido de seu pai, Fagundes, por isso ele diz com orgulho: *“Eu era o procurador dela, quem resolvia tudo dela era eu. (...) aí ela deu a casa dela pra minha mãe morar.”* Nesta primeira fase de Aureliza em São Paulo, ela dormia no serviço e, conforme conta Manuel, *“(...) minha mãe pagava aluguel e ela (Aureliza) falou: “você vai morar dentro da casa minha que eu comprei”; aí colocou a minha mãe para morar aí, e não cobrou um real para ela.”*

Toda a doçura e confiança preservada da cidade provinciana, de poucos moradores, onde todos se conhecem e mantêm um vínculo forte de amizade, postura herdada do sistema patriarcal, onde a família grande e extensa é resultado também de toda uma política de compadrio, permaneceram em Aureliza. No bairro onde ela morou, todos que a conheceram ainda guardam a lembrança da mulher *“alta, magra, morena, (...) simpática do jeito dela conversar (...) ela tinha os objetivos dela muito positivo”*, conforme descreve Manuel.

Com a compra da casa, os horizontes se abriram para Aureliza, agora ela sorria mais, podia finalmente visitar seus filhos na Bahia. Ela sabia, porém, que esta volta não era fácil. Edinho não podia saber que ela estaria lá. Ela não sabia qual seria a reação

---

<sup>169</sup> Idem.



dele se a encontrasse, mas sabia, pelos relatos das pessoas com quem manteve contato em Ibicaraí, que ele não havia reagido bem ao abandono. “*Meu pai, ele nunca falou pra mim, mas segundo o que eu sabia é que se minha mãe fosse na Bahia ele ia mandar matar ela, que eu acho que era só da boca pra fora, mas ele falou isso*”<sup>170</sup>, lembra Maria das Graças.

Assim como a espera por Tieta, na cidade de Mangue Seco, era cheia de ansiedade e expectativas pela população curiosa local, Aureliza também era esperada por seus filhos que nunca esqueceram sua última fala antes de partir: “*vocês ficam aí e um dia eu pego vocês, um dia eu vou voltar, venho aqui e busco vocês.*”<sup>171</sup>

### **Seis infâncias perdidas ou Como os seis filhos de Aureliza sobreviveram a sua decisão de Tieta**

Aí, ela não voltou mais. (...) E eu tinha 10 anos, a Mari, eu acho que tinha 12 anos, a gente era tudo pequena. (...) Cada ônibus que a gente sabia que ia passar (...) a gente corria e ia ficar na avenida eu e a Mari (chorando), pra gente saber... pra gente ficar sabendo o que que é que acontecia. E a gente ficou até seis horas, aí passou o ônibus, que eu lembro, passou o último ônibus e eu e a Mari voltou pra casa... aí a gente chegou dentro de casa e falou... “é, a nossa mãe não vai mais voltar” (Fátima está muito emocionada). Aí a gente se abraçou se agarrou. Meu pai chegava mais ou menos umas oito horas e ele estava sem saber de nada, meu pai não sabia de nada. Aí a gente se abraçou, aí eu e a Mari começamos a chorar. A gente sabia que ela não ia voltar mais né? Que ela já tinha falado, conversado com a gente (chora) já sabia a expectativa do que ela ia fazer e aí a gente começou com aquela choradeira, eu acho que a Graça e a... o Deco e o Duda, chorava, mas eles não sabia o que estava acontecendo porque minha mãe tinha conversado comigo e com a Mari e eles choravam porque viam a gente chorando, mas eles estavam sem entender de nada e aí eu e a Mari a gente olhava pra a Neves no berço e a gente chorava, chorava e se abraçava.<sup>172</sup>

Maria de Fátima faz esta narrativa muito emocionada, a dor que ela sentia ao recordar este momento, que ficou tatuado em sua memória, cheio de detalhes, cheio de medo, escorria pela sua face em forma de lágrimas, a cada palavra, a cada imagem que ela construía com a fala. As crianças mais novas, que Maria de Fátima acredita não

---

<sup>170</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Maria das Graças, em São Paulo, em São Paulo, dia 12/06/2009 às 22hrs42min.

<sup>171</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Marizete em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

<sup>172</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Maria de Fátima Santos Barbosa, em São Paulo, dia 21/02/2010 às 8hrs35min.

estarem compreendendo o que estava acontecendo, sentiam que aquele era um momento de despedida. Todos marcaram aquele episódio em suas memórias, todos relataram este episódio em suas entrevistas individuais. Menos Maria das Neves, o bebê de seis meses que chorava no berço, ao ouvir a sinfonia dolorosa dos irmãos. Fátima continua:

(...) Aí foi as vizinhas também (para casa onde eles estavam), que estavam sabendo da história (...). Quando elas viram que era seis horas e minha mãe não vinha, elas foram para a nossa casa, aí já estava eu e a Mari em pranto, (...) elas ficaram lá com a gente, a casa lotou de gente, ficou muita gente lá dentro de casa (...) e eu de olho na Neves né, com medo da turma pegar a Neves. (...) Quando meu pai chegou (...) da roça, era mais ou menos umas oito horas, aí ele (...) chegou meio chumbado né, porque ele já tinha passado por onde tinha que passar (refere-se a rua do cemitério), porque ele já não sabia o que ia acontecer. Aí quando ele chegou ali em casa, que viu aquele movimento lá e viu a gente chorando, aí ele pegou e pois todos os vizinhos pra fora, eu lembro. Aí ligou o rádio, ligou o rádio bem alto, aí ficou assim confortando a gente: “Não, não vai ser nada, ela já foi embora, agora deixa (...) não vai sair ninguém, cadê meus filhos”, porque ele também era muito ligado aos filhos “ (A Aureliza) não levou ninguém né? Tá todo mundo aqui né?” (...) “Não, não vai acontecer nada que eu vou por uma outra pessoa aqui dentro de casa e tal.”<sup>173</sup>

Quando Edinho chegou e viu sua casa cheia de gente, ele entrou correndo, precisava saber o que estava acontecendo. Encontrou as crianças chorando. Aureliza o havia abandonado. Ele sabia que ela não estava satisfeita no casamento, as brigas constantes entre os dois denunciavam isso. Maria das Graças diz em entrevista que várias vezes ela havia ameaçado de sair de casa, mas ele nunca pensou que ela teria coragem de fazê-lo. As brigas já aconteciam havia algum tempo e nunca tinha acontecido nada; Edinho foi surpreendido e, por isso, se sentiu traído e ferido em seu orgulho de homem, provedor da família.

As crianças, ainda pequenas, sofriam o que nunca tinham imaginado passar, também nunca tinha passado pela cabeça deles que aquela mãe atenciosa, que de tão cuidadosa chegava até ser rígida, deixá-los-ia sozinho. Percebe-se que desde os primeiros instantes da solidão compartilhada daqueles irmãos, eles iam enfrentar aquilo tudo juntos. No fragmento Maria de Fátima aponta para sua preocupação com a irmã caçula Maria das Neves, quando diz que olhava para o berço com medo de alguém pegar a criança.

---

<sup>173</sup> Idem.

Conforme a narrativa de Fátima, ainda sem entender direito o que havia acontecido, atordoado com toda a confusão, o pai ligou o rádio no intuito de animar os filhos e disse que ia ficar tudo bem. Não foi exatamente isso que aconteceu. Edinho era muito imaturo e não conseguiu abandonar sua vida boêmia e sua rotina para cuidar dos seus filhos, principalmente porque precisava trabalhar na roça. Fátima continua:

(...) Meu pai era muito pirrcento, aí quando ele caiu na realidade que minha mãe não ia voltar mais, aí ele ficou louco, porque aí ele começou a procurar uma senhora, que ele não queria mocinha (para cuidar das crianças) (...) ele tinha na cabeça já uma senhora, que era cearense, que morava apegado a nós, pra trabalhar lá em casa, que ele ia pagar. Mas agora, ninguém queria olhar seis crianças, que ninguém era louco de pegar uma responsabilidade desta, de uma dona de casa olhar seis crianças, mesmo ganhando, ninguém quis. E outra coisa, todo mundo era amiga da minha mãe, ninguém aceitou o que ele fazia, porque todo mundo sabia (das traições de Edinho). Então ninguém queria ir tomar conta de nós. Aí nós começou a viver sozinha, porque ele tinha que ir pra roça pra trabalhar e aí ele ia pra roça e na quarta-feira ele vinha em casa. Depois que minha mãe, que minha mãe veio embora, que ele ia as quartas-feiras lá na nossa casa (...).<sup>174</sup>

Ele voltava durante a semana para casa, mais cedo do que antes, nas quartas-feiras, mas mesmo assim aquelas crianças eram muito pequenas para ficarem tanto tempo sozinhas: “(...) *ele deixou a gente jogada, ele ficou muito desorientado e tudo*”, lamenta Marizete, quando lembra da reação do pai. Edinho tinha ultrapassado todos os limites, quando rompeu a fronteira do público e do privado, por isso a vizinhança apoiou ou não julgou negativamente a atitude de Aureliza. Ela não ficou mal vista pela vizinhança, como iria supor Jorge Amado, diante de todas as prerrogativas e tendo em vista o caráter estático da sociedade perante estas questões femininas, apresentada por ele nos romances.

Antes de partir definitivamente para São Paulo, Aureliza ficou por algum tempo escondida na casa de familiares. Precisava organizar uma série de coisas para a viagem.

(...) E eu fui até lá, aí eu conversei com a minha mãe, aí minha mãe explicou, que eu não queria mais voltar pra minha casa, eu falava pra minha mãe: “Eu vou junto com você”, aí minha mãe falou: “Não filha, não é assim, a mamãe não pode levar você, (...) você tem que ajudar a Mari a cuidar dos seus irmãos menores” (...) Aí eu senti mais na responsabilidade, porque minha mãe falou isso, ela entregou na minha mão.<sup>175</sup>

Fátima e Marizete, as mais velhas, ficaram responsáveis por cuidar dos irmãos mais novos e pelos trabalhos domésticos, assim como Aureliza ficou responsável pela

---

<sup>174</sup> Idem.

<sup>175</sup> Idem.

casa quando sua mãe faleceu. “Foi difícil de se adaptar né? porque a minha irmã Marizete passou a ser a pessoa que cuidava da gente”<sup>176</sup>, lembra Raimundo.

O caráter de fuga está no fato de Aureliza ter que ficar escondida na casa de seus parentes. Edinho tinha um temperamento forte, “(...) ninguém sabia qual era a dele (...) e ninguém confiava”<sup>177</sup>, diz Fátima, e suas reações, principalmente diante de um fato tão inusitado e que o afetou diretamente na vaidade masculina, tornavam-no imprevisível.

Ai meu pai ficou na cidade procurando minha mãe, porque eles não tiveram conversa de separação. Minha mãe, ela simplesmente decidiu que ia no juiz, e dependendo do que o juiz falasse, ela não ia mais voltar para casa. Então ela saiu de casa e não teve conversa com ele, ela simplesmente largou ele sem conversa (...) aí meu padrinho escondeu ela lá na casa dele (...).<sup>178</sup>

O relato de Fátima, que explica como Aureliza saiu efetivamente da cidade, é muito elucidativo no sentido de caracterizar a partida de Aureliza como fuga:

Aí quando tava perto da minha mãe vir para São Paulo, ela saiu da casa do meu padrinho e foi se esconder na casa da tia Zefa (...) porque ninguém sabia o que o meu pai queria com ela e conversar com ele ela não queria, ela não queria ver mais ele. Então trocaram ela de casa, da casa do meu padrinho ela foi pra casa da tia Zefa, porque (na casa da Josefa, irmã de Aureliza)? Porque ali naquela avenida (...) onde era a casa da tia Zefa (...) passava os ônibus (...). Minha tia morava na beira da estrada (...). Meu tio veio na rodoviária, comprou a passagem e pediu para o ônibus parar na frente da casa dele, pra minha mãe sair de dentro de casa e entrar dentro do ônibus para vir embora (...).<sup>179</sup>

Nevinha era muito nova, Marizete e Fátima não imaginavam que cuidar de uma criança era tão diferente de cuidar de bonecas. O bebê ficou doente e a vizinha que tinha o quintal grudado com o quintal da casa de Aureliza, a já citada Geni, se propôs a cuidar da criança até ela melhorar. Os irmãos ficaram desesperados e Fátima não saiu do lado da caçula nem um momento.

Repetiu-se com as filhas de Aureliza o mesmo destino das filhas de Fagundes, como num ciclo vicioso. Mais uma vez as filhas mais velhas tiveram que abdicar da

---

<sup>176</sup> Fragmento da entrevista de Raimundo em Jundiáí, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.

<sup>177</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Maria de Fátima Santos Barbosa, em São Paulo, dia 21/02/2010 às 8hrs35min.

<sup>178</sup> Idem.

<sup>179</sup> Idem.

infância e adolescência para cuidar dos trabalhos domésticos, sem mãe e com um pai, no caso destas crianças, ausente.

O trabalho na roça passou a ser uma válvula de escape para Edinho, que sem saber o que fazer, não mudou sua rotina, delegando aos filhos responsabilidades e tarefas que antes eles não conheciam.

O meu pai era muito pirracento e gostava de se aparece. Quando ele ficou sabendo que minha mãe veio embora pra São Paulo, aí olha que o meu pai fez, veja só o que meu pai fez. Eu agora, depois de grande vejo que nenhum dos dois tinha juízo, entendeu (...) o que ele fez (...) ele simplesmente deixou seis crianças dentro de casa, lá na ponta da rua tinha uma venda, entendeu? Ele autorizou o rapaz da venda vender tudo que a gente quisesse e precisasse (...) e a minha vó mandá as coisas da fazenda, que vinha toda semana, minha vó mandar pra gente, que era farinha, mandioca, era abóbora, era laranja (...) e ele se arrumou e foi embora pro Paraná e deixou a gente em casa sem dinheiro, sem nada. (...) A gente não sabia se virar em nada que era tudo a minha mãe que fazia.<sup>180</sup>

Mãe Jovem só teve dimensão do que estava acontecendo com os netos tardiamente. Não tinha mais idade e forças para cuidar de tantas crianças e segundo Fátima, ela e os irmão não queriam morar na fazenda com a avó de jeito nenhum, mas ela fez tudo quanto lhe era possível para ajudar os filhos de Aureliza. Marizete, com a mágoa em forma de lágrimas, lembra:

(...) A gente ficou muito sofrida, muito sozinha. (...) Minha avó paterna ficou sabendo, que aí ele proibiu, (Edinho proibiu que o dono do mercado vendesse mantimento para as crianças, porque, inexperientes, elas deixaram uma conta muito grande na venda) não queria que ninguém vendesse pra gente o que comer nem nada. (...) Depois (...) minha avó ficou sabendo que a gente tava passando necessidade, muita fome e tudo, aí minha vó pegou e liberou a venda pra gente comprar.<sup>181</sup>

Edinho não tinha dimensão do que era o trabalho doméstico, acostumado apenas com o trabalho na lavoura e com toda a irresponsabilidade, que já lhe era característica desde os tempos de boemia, ele não conseguiu equalizar o tamanho da responsabilidade que tinha nas mãos. Foram as crianças que sofreram com tudo isso.

Passados os dias, com muitas dificuldades e sofrimentos para as crianças que não compreendiam exatamente o que estava acontecendo. A “(...) gente naquela época (...) não sabia a importância de tudo isso (...) tudo bem ficamos chateados (...) mas na

---

<sup>180</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Maria das Graças, em São Paulo, em São Paulo, dia 12/06/2009 às 22hrs42min.

<sup>181</sup> Idem.

*época não tinha muita consciência, a gente levava tudo numa boa, entendeu?*<sup>182</sup> desabafa Raimundo, mas a maioria sentia a dor de ter sido abandonada e as conseqüências de tudo isso. Principalmente as filhas mais velhas, pois tiveram que carregar todas as responsabilidades de um mundo adulto e impiedoso. Mesmo assim, as crianças não guardaram pela mãe nenhum rancor por todo acontecido; sabiam notícias dela “*quando a irmã dela dava notícia*”, diz Marizete.

### **Os regressos de Aureliza ou como, na busca do recomeço, Aureliza encontra o fim na terra onde tudo começou ou o trágico fim da mulher que fora fruto da terra de Jorge Amado**

(...) Foi os primeiros presentes que ela mandou pra gente, você não sabe que coisa linda que foi, ela mandou um monte de maçã e mandou um relógio para a Marizete, que aí nesse dia foi feito o negócio, quando ele (Edinho) chegou (...).<sup>183</sup>

Maria das Graças lembra-se deste episódio com detalhes, descreve este momento como se estivesse assistindo um filme. Aureliza já estava há alguns anos em São Paulo e desde o primeiro dia em que esteve lá pensava na volta. Maria de Fátima também lembra das maçãs que a mãe trouxe da grande cidade. Maçã não era uma fruta comum na região. Muitos não conheciam a fruta pessoalmente, nunca tiveram contato com uma; por isso as crianças ficaram maravilhadas quando a mãe as levou de presente.

A maçã era como o fruto desconhecido e proibido, desconhecido por vir de um lugar distante, onde eles gostariam de estar, ao lado da mãe, e proibido porque o pai nunca poderia saber que eles tinham recebido este presente. Ele nunca aceitaria, pois ainda tinha raiva de Aureliza. As feridas no orgulho dele ainda estavam abertas. Ao saber que Aureliza estava bem e tinha sobrevivido à selva de pedras sem ele, a tendência era que se aumentasse o machucado já aberto.

(...) (Tia Zefa, irmã de Aureliza) foi lá quando ele estava na fazenda, e levou umas coisa pra Marizete e falou “você que sabem se vão usar isso ou não, mas a sua mãe mandou isso pra vocês”. A Marizete colocou tudo dentro do guarda roupa. Eu nunca vou me esquecer, as maçãs e tudo, cheirava aquelas maçãs, Lu (...). Quando ele chegou... eu não sei por que, se a Marizete estava usando o relógio, nossa, Lu, foi uma briga, uma briga, que parece que tinha até espírito mau lá. Fui eu, a Fátima, o Deco, o Duda, menos a Neves porque a Neves eu acho que nem andava ainda, tudo pra cima dele, porque ele queria tomar o

---

<sup>182</sup> Fragmento da entrevista de Raimundo em Jundiá, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.

<sup>183</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Maria das Graças, em São Paulo, em São Paulo, dia 12/06/2009 às 22hrs42min.

relógio da Marizete. E a Marizete foi pra cima dele, peitou ele, foi a única vez que meu pai bateu na Marizete, ele sempre ameaçou, ameaçou, ameaçou, quando tinha que bater ele chamava minha mãe pra bater, né? Nesse dia a Marizete falou “eu vou ficar com o relógio, foi a minha mãe que mandou, o senhor não vai tirar de mim, e eu quero ver o senhor tirar de mim”. Aí ele foi pra cima da Marizete, aí quando ele foi pra cima da Marizete pra bater, a Marizete deu nele, peitou ele, aí nós, todo mundo segurou ele por trás, foi uma luta (...).<sup>184</sup>

Depois de tudo que as crianças passaram juntas, depois de todas as dificuldades e desafios que eles enfrentaram um ao lado do outro e pelo outro, cresceu entre eles um sentimento de união, de proteção semelhante ao sentimento que as onças nutrem pelos seus filhotes. Para sobreviver eles precisavam olhar um pelo outro.

(...) Foi a única vez que eu vi que a gente tava unido, os irmãos tudo contra ele. Porque até o Duda, que era pequenininho pegou o sapato e batia nele: “tatatatata”, atrás dele e aí a Marizete conseguiu falar pra ele: “O senhor não tira”, ele não conseguiu tirar o relógio da Marizete (...). Depois ele foi chorar, eu acho que ele foi chorar, que aí nós fomos tudo lá pra ver, porque sabe, nós gostava dele né? Tinha nada a ver, eu só não entendia por que se minha mãe estava lá na cidade, porque ele não deixava ver a minha mãe?<sup>185</sup>

A primeira resposta de Edinho para que os filhos pudessem rever a mãe foi não, mas mesmo diante de toda a raiva do pai as crianças não haviam perdido a esperança de rever a mãe e até de ter a família deles de volta. “(...) *E aí eu fiquei pensando, na minha cabeça se passava, será que ela vai voltar, será que ela vai ficar com a gente (...)*”, conta Graça sem demonstrar nenhuma raiva, tanto contra o pai, como contra a mãe que os havia abandonado. Ela continua: “(...) *mais aí quando a tia Zefa foi lá perguntar se ele deixava (ela) ver (os filhos), ele falou que não deixava. (...) Que aí depois o coração dele amoleceu e ele falou que podia ir os maiores, que era a Marizete, a Fátima e eu.*<sup>186</sup>

Marizete tem uma versão diferente destes acontecimentos. Como ela é a mais velha, lembra com mais facilidade das negociações entre a mãe e o pai, pois em alguns momentos, foi ela quem fez a ponte. Segundo ela este primeiro encontro não foi tão amistoso, Edinho tentou dificultar o máximo possível o reencontro dos filhos com Aureliza.

(...) quando o pai ficou sabendo que ela ia na cidade, (ele) também tinha gênio forte, (...) (ele) levou a gente pra outra cidade. Na outra cidade a gente sofreu muito, eu já era grandinha, minha irmã, nós, sofremos muito, muito mesmo (...)

---

<sup>184</sup> Idem.

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> Idem.

ela (...) foi lá pra Bahia, e quando ela chegou (...) ela mando uma pessoa avisar pra mim que ela tava na cidade, que tava em Ibicarai. Aí ele (Edinho) pegou e falou que não deixava a gente ver ela, que se ela que largou a gente, ela não era pra ir ver a gente e a gente não tinha direito de pegar em nada que ela trouxe pra gente.<sup>187</sup>

Marizete não descreve com tantos detalhes a briga que eles tiveram por causa dos presentes levados por Aureliza, mas também lembra deste episódio. O processo da lembrança percorre caminhos diferentes nos labirintos da memória, em que se encontram muitos outros resquícios de lembrança compondo um cenário, tal qual os quadros de Salvador Dalí, onde estão os múltiplos tempos concretizados nas várias lembranças.

Maurice Halbwachs salienta muitas vezes em seu livro “A Memória Coletiva” que *“a lembrança é uma reconstituição do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada”*<sup>188</sup>. Por isso a especificidade de cada lembrar se faz tão presente aqui. Por mais que as duas irmãs estivessem presentes no mesmo momento, suas narrativas se diferenciam devido aos olhares distintos que elas debruçaram sob o fato e devido suas experimentações de vida, que divergiram para rumos diferentes.

Deste modo, mais preocupada com as conseqüências que a chegada da mãe poderia provocar, diferente de Graça que não tinha acesso às informações e responsabilidades que eram delegadas a Marizete, por Graça ser ainda muito nova, a primogênita relata a visita da mãe e a reação do pai:

(...) Foi uma Quinta-Feira Santa, que ela (Aureliza)... que eu mandei recado pra ela, que ele (Edinho) tava na roça, que ela pudesse ir em Floresta (Floresta Azul é uma cidade vizinha de Ibicarai) ver os menino, ver a gente, que eu ia mandar a Fátima levar (-los). Aí marcou o encontro. Aí a Fátima levou os meninos, ... foi Fátima e os meninos e eu não pude ir. Fiquei com medo dele chegar e procurar pela gente e a gente não tá. (...) Quando foi de tarde ele chegou, minha mãe já tinha ido embora pra cidade onde a gente morava e a Fátima tinha chegado em casa com os outros pequenos, que ela levou. (...) Ele, quando chegou, que ficou sabendo que ela levou presente pra gente, ele falou que a gente não usava nada do que ela levou, que ela tava vagabundando aqui em São Paulo e me bateu. Me bateu porque eu deixei os meus irmão ir ver ela,

---

<sup>187</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Marizete em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

<sup>188</sup> HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006, p. 91.



aí tudo bem. Aí ele disse que ia levar a gente pra um lugar mais longe, que aí ela não ia ver mais a gente.<sup>189</sup>

Esta narrativa de Marizete foi muito emocionada, ela chorou muito durante a entrevista, ao ponto de em alguns momentos a narrativa ser interrompida. Este envolvimento apaixonado dedicado por ela a estas lembranças inseriu na narrativa muitos cacos de linguagem, isto é, o excessivo uso de “aí” e “tudo bem”. Graça, em sua primeira narrativa, não revela um dado importante: Edinho tinha se mudado com as crianças para outra cidade, chamada Floresta Negra, uma cidadezinha que fica a alguns quilômetros de Ibicaraí. Marizete justifica essa mudança como uma forma de Edinho esconder os filhos de Aureliza, mas não existe nenhum outro argumento que confirme este dado. Temos acesso apenas às impressões e os relatos de terceiros e não dos protagonistas desta história, no caso Edinho e Aureliza; por isso algumas informações são nebulosas.

Aureliza voltou para Ibicaraí e continuou escondida na casa de parentes, e o seu medo não era em vão, segundo Marizete,

(...) ela (Aureliza) não foi mais na Bahia, porque ele (Edinho) queria matar ela, pois gente pra matar ela, pra acabar com ela. (...) Todo mundo ficou com medo, aí ela pegou, veio embora. Aí ela falou que por um bom tempo ela não ia lá, não ia mais lá... só ia voltar na Bahia no dia que ela ia buscar a gente (...).<sup>190</sup>

Edinho tinha sido ferido em sua honra, nunca aceitou o abandono da esposa. A imagem do homem viril e provedor foi atingida. Para ele era muito difícil admitir que Aureliza estava conseguindo sobreviver sem ele na cidade de São Paulo. A estrutura sexista da sociedade não afeta apenas as mulheres. Os homens, quando se vêem anulados em sua função de provedor, incapazes de manter suas famílias, com suas mulheres submetidas ao lar, são atingidos em sua honra, e esta, em alguns casos, é uma justificativa plausível perante a sociedade para que ele tome atitudes, às vezes violentas.

A venda da Fazenda Alegria<sup>191</sup> já estava em negociação desde algum tempo; eles tiveram que vendê-la quando Edinho estava morando em Floresta Azul com os filhos. Logo depois da venda, Edinho comprou uma pequena fazenda em Firmino Alves.

---

<sup>189</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Marizete em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

<sup>190</sup> Idem.

<sup>191</sup> Sobre a venda da Fazenda Alegria veja Capítulo 1.

Fátima afirma que quem ajudou o pai nesta empreitada foi a Avó Jovem. Esta cidade fica mais ou menos a quarenta minutos de Ibicaraí, numa viagem de ônibus, nos dias de hoje, que a estrada está melhor estruturada. Por isso por uma questão de facilidade e comodidade, era melhor que a família toda se mudasse para lá, a Fazenda de Edinho ficava nas redondezas desta cidade, o que distanciaria muito o pai da casa onde estavam os filhos. Tem que se levar em consideração também que Aureliza já tinha voltado uma vez; Edinho não poderia correr o risco de deixar os filhos tão longe dele.

“(…) *Ele pegou e levou a gente pra uma cidade mais longe, que é Firmino Alves*”, conta Marizete. “(…) *Foi lá na cidade de Firmino Alves (que) meu pai arrumou uma namorada, que é mãe dos meus dois irmão*”<sup>192</sup>, continua Marizete. Maria, conhecida por todos até hoje como Mariinha, foi a nova companheira de Edinho, com a mesma vida desregrada dele, pois também era muito boêmia e, segundo Lidia<sup>193</sup>, professora da única escola da região, Mariinha era famosa por beber muito e promover escândalos quando embriagada. Segundo ela, o casal brigava muito. Com a segunda companheira Edinho teve dois filhos, chamados Márcia e Mônica. Os filhos de Aureliza não mantêm contato com estes irmãos por parte de pai.

Mariinha não se dava bem com os filhos de Edinho. Fátima, segunda filha de Aureliza, era decidida e tinha uma opinião forte, nunca aceitou a presença desta nova mulher. Era ela quem tinha mais conflitos com a madrasta, pois a enfrentava constantemente, fosse para se proteger ou para proteger os irmãos.

Já fazia algum tempo que os cacauzeiros da região passavam por dificuldades econômicas e desde a Segunda Guerra Mundial (1939-45) o preço do cacau tinha caído significativamente. Jorge Amado retrata este momento histórico em seus romances “*Terras do Sem Fim*” e “*São Jorge dos Ilhéus*”, os quais percorrem o contexto histórico em que os poderosos coronéis faliram, despencando materialmente com o declínio da monocultura do cacau. O período de fartura do cacau transformou Ilhéus num lugar cheio de requintes e que seguia a moda européia. Para a nostalgia dos tempos áureos do cacau, alguns coronéis falidos chegaram a solucionar a falência com a própria morte.

---

<sup>192</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Marizete em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

<sup>193</sup> Lidia Almeida Vilas Boas me concedeu entrevista junto com o marido dela, Josias, na casa deles em Firmino Alves. Ela acompanhou de perto todo este processo das crianças em Firmino Alves, onde até hoje cuida da casa deixada de herança por Edinho aos filhos.

Edinho acompanhou todo este processo da queda do preço de cacau e sofreu as conseqüências.

Esses fatores facilitaram a Aureliza buscar seus filhos, pois para Edinho, com uma nova companheira, que não aceitava tão bem as crianças, e com as dificuldades financeiras, tornou-se inviável, para ele, manter o orgulho e permanecer com todos os filhos. Aureliza, por sua vez, estava conseguindo a estabilidade na grande São Paulo; já tinha comprado uma máquina de costura e um terreno onde estava construindo seu novo lar. Marizete conta:

Ele (Edinho) viu que lá em Firmino Alves não tinha condições dele ficar com nós todos dentro de casa. Aí ele falou pra mim, que falasse pra minha tia, que falasse pra minha mãe, pra ir buscar três... pra ir buscar a gente. Aí falou que ia mandar eu... não (se corrige), falou que ia mandar a Fátima, a Graça e o Deco, e eu ia ficar. Aí a Fátima falou: “Não, a Mari não ia ficar não, porque a Mari era besta e Mariinha vai fazer dela de gato e sapato. Eu fico, aí depois um dia eu vou”. (...) Aí eu falei: “Não Fátima, você vai ficar aí, mais ela vai te judiar”, porque eu sempre fui muito apegada com os meus irmãos (explica)... (Marizete se enrolou com as palavras pois estava muito emocionada). E a Fátima falou: “Não Mari, pode deixar, vai você, que aqui eu sei me defender, eu mais os meus irmão, mais o Duda e a Neves sei me defender, (...) eu não vou deixar você ficar aqui não por causa da Nevinha, senão a Nevinha também vai ser judiada, e ela vai aproveitar de você, te judiar porque você é muito boba”. Aí eu falei: “Pode ir”.<sup>194</sup>

Marizete continua sua narrativa:

Aí a minha mãe foi (buscá-los na Bahia), (...) mandaram recado pra ela (...) ir buscar a gente, por que ele (o pai) já estava começando a abrir mão da gente. (...) Ela foi me buscar. (Pausa, Marizete estava muito emocionada, chorando muito).<sup>195</sup>

Este foi um dos momentos mais difíceis da entrevista para Marizete. Separar-se dos irmãos foi para ela dilacerante. Foram muitas separações e muitas pressões que estas crianças sofreram. Fátima também narra este momento muito sentida; para proteger os irmãos ela abdicou de fugir daquela realidade, que já tinha trazido tanto sofrimento para ela. Ela tinha se apegado muito com a Nevinha, a caçula, e eles sempre tiveram medo dela ser entregue para alguém. Marizete revela: “(...) *O meu pai queria dar Nevinha e nós escondemos a Nevinha pra o meu pai não dar.*”<sup>196</sup>

---

<sup>194</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Marizete em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

<sup>195</sup> Idem.

<sup>196</sup> Idem.

Os vários desafios para cuidar das crianças com a reestruturação familiar e as dificuldades econômicas levaram Edinho a ceder, permitindo que Aureliza buscasse três filhos. Edinho queria que Fátima fosse embora com a mãe, pois foi ela quem teve mais problemas na adaptação com a nova companheira do pai, mas Fátima continuou firme e decidiu ficar, prometendo: *“eu vou consumir a vida dele (Edinho) até ele pegar, me liberar, deixar eu ir”*, conta Marizete.

(...) E foi o que a Fátima fez. A Fátima ficou lá, começou a fazer desaforo pra ele, pra mulher e tudo, aí ele tomou uma decisão: disse assim que ia ficar só com o Duda, e mandou recado pra mim, que era pra minha mãe pegar e manda buscar a Fátima. Aí vinha uma família de lá da Bahia pra cá, aí a Fátima veio (com eles).<sup>197</sup>

Duda já estava maior, ajudava muito Edinho na lavoura. Dos dois filhos que Edinho teve com Aureliza, Renilton, apelidado de Duda, era o que melhor se moldava aquele cotidiano rural. Raimundo, o outro filho homem e o mais velho do casal, confirma esta informação:

Olha eu não gostava muito (de trabalhar na roça), meu irmão Duda era que gostava mais, tanto que meu pai falava que eu não ia prestar pra nada né? Que eu não gostava muito de fazer isso aí (risos). Não era... na minha opinião eu não gostava de ficar na fazenda, entendeu, eu sentia uma tristeza muito grande, quando chegava a noite e você via aquela escuridão, não tinha lugar nenhum pra você... tudo que você via de escuro né? E eu não gostava desta situação. Mas já o Duda era um pouquinho mais atirado e gostava de fazer estas coisas né? E meu pai dava muita previdência pra ele exatamente por causa disso, por que eu não gostava disso e ele falava que eu era preguiçoso, (...) mas eu não gostava muito não, meu negócio era ficar na cidade mesmo.<sup>198</sup>

Na casa que Aureliza havia construído em São Paulo estava morando Idalice, mãe de Manuel. Aureliza dormia no serviço e voltava aos finais de semana. Quando soube que Aureliza finalmente voltaria com seus filhos, Idalice, a mãe de Manuel, se prontificou a deixar a casa, para a amiga realizar o sonho de viver com seus filhos. Aureliza estava recomeçando, seu sonho estava se tornando realidade.

(...) E chegou a data de vimos para São Paulo. Uma viagem é cansativa, mas acho que a gente nem sentia, porque a vontade era tão grande de tá junto com a nossa mãe, que a gente nem sentiu. Sentiu estranho, assim que a gente chegou aqui na Bahia, (se corrige) oh aqui em São Paulo, né? É uma coisa totalmente diferente, mas uma coisa estranha, porque as casas que a gente morava na Bahia eram casas grandes né? E eu achei até estranho, porque quando eu cheguei aqui em São Paulo era um quarto e cozinha. Assim que eu entrei, eu saí procurando os outros quartos da sala (risos), os outros quartos da casa né? E não encontrava, só tinha dois cômodos: a cozinha e o quarto (riso). Achei meio

---

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> Fragmento da entrevista de Raimundo em Jundiá, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.

estranho né, mas depois fomos se adaptando (...) mas sempre contente por estar próximo da nossa mãe né? E minha mãe, o convívio dela com a gente em São Paulo, foi uma coisa assim, ela tinha paixão, o sonho dela era ter os filhos dela, tudo junto dela né? (...) <sup>199</sup>

Com a partida de Fátima para São Paulo, Edinho “*deu a Nevinha (a caçula) pra ficar com minha tia, (...) a irmã da minha mãe, tia Zefa*”, relata Marizete. Ficou com Edinho apenas o Renilton, conhecido por todos como Duda. As coisas ficaram muito difíceis para este menino que ficou aos cuidados da madrasta; ela o submetia a muitos trabalhos e o tratava muito mal. Duda conta:

(...) A Fátima falava: “Olha Duda eu não vou deixar você, porque eu não quero que a Mariinha te maltrate”, que era a minha madrasta, aí foi indo, foi indo e minha mãe foi buscar a Fátima e a Fátima veio embora pra São Paulo e me deixou sozinho. Aí quando a Fátima veio eu chorei, chorei, (...) que era a única irmã que tinha, que era apegada comigo (...) a minha mãe veio buscar eu e a Fátima e o meu pai não me deu, disse que ele não deixava eu ir pra São Paulo de maneira nenhuma, que eu era o filho que ele mais gostava e que eu tinha que ficar com ele. Aí liberou a Fátima e a Fátima veio embora, aí eu chorei pra caramba, eu chorei, chorei (...). <sup>200</sup>

Duda era muito pequeno quando tudo isso aconteceu; por isso a história ficou confusa na cabeça dele. Aureliza não foi buscar a Fátima, ela voltou junto com uns conhecidos dela. A mãe tentou negociar Duda com Edinho, mas este não abriu mão do filho que mais o ajudava na fazenda.

E nessa época em Firmino Alves eu trabalhava muito. Eu que ajudava meu pai a colher cacau (explica como se colhe o cacau com detalhes, especificando como ele ajudava o pai) (...) Meu pai vendia banana, vendia laranja e a gente tinha uma mula que era cega (...) e essa mula já conhecia tudo essa mula, (...) meu pai me colocava em cima da mula e vinha os cassuá cheio de laranja, eu vinha entregar num restaurante. <sup>201</sup>

Duda conhece muito bem todos os afazeres da roça, conta com detalhe cada atividade sua, mostrando-se um grande conhecedor dos trabalhos rurais. O medo de Fátima de deixar seu irmão sozinho com a madrasta não era despropositado. Ele conta, trazendo em sua voz todo o sofrimento daquele tempo, com os olhos molhados querendo esconder a emoção:

(...) A minha madrasta me maltratava pra caramba, às vezes me deixava com fome, não dava comida pra mim, aí eu ficava sozinho lá e eu ia pra casa do vizinho (...). Eu tinha que acordar cedo, pra ir buscar leite lá na fazenda do pai

---

<sup>199</sup> Idem.

<sup>200</sup> Fragmento da entrevista de Renilton Alves Santos, 47 anos, quinto filho de Aureliza e Francisco, realizada na casa do entrevistado em São Paulo, dia às 10hrs22min.

<sup>201</sup> Idem.

dela (de Mariinha). Acordava cedo, umas cinco horas, cinco e meia da manhã e ia numa escuridão, eu ia de pé e voltava. (...) Às vezes, ela ia pra festa com meu pai e deixava eu sozinho em casa, mas aí foi indo. E eu sofri bastante naquela época.<sup>202</sup>

As crianças, sem a presença da mãe em geral, sofrem muito naquela região; é muito comum encontrar crianças morando com pais adotivos e que são os braços direitos das donas de casa, exercendo, ainda novas, os serviços domésticos. No caso de Duda, que ficou sozinho com o pai, ele ajudava muito nos serviços da roça. Nevinha também sofreu muito quando ficou sozinha na Bahia. Com a mãe e as irmãs em São Paulo, ela estava como que abandonada na casa de sua tia Zefa.

Josefa, irmã de Aureliza, era casada com José Batista, conhecido como Zuza, o mesmo que comprou a parte dela na fazenda de Zeca Fagundes, quando este morreu, e tinha cinco filhos com ele. Neves lembra muito bem o nome de todos eles: Waldemir, Eveneraldo, João Batista, José Cecílio e Eujácio. Assim como Tereza Batista de Jorge Amado, a menina mais nova de Aureliza sofreu os assédios dos homens da casa. Ela lembra desta passagem de sua vida com muito pesar, os olhos, ainda assustados, evitavam os da entrevistadora, olhavam para a parede como se pudessem ver através dela aquele momento que queria esquecer, mas que ficou manchado em sua memória.

(...) Decidiram que ia ficar com essa tia Zefa, eu voltei pra Ibicarai, numa casa grande, que ela tinha cinco filhos. Eu como sempre tinha que ser empregada dela, cuidar de uma casa imensa, que eu era pequena, devia ter meus seis, sete anos. (...) Aí veio depois, acho que meu tio resolveu morar... mudar para o Rio do Meio (é uma cidade pequena que fica próxima de Ibicarai), e aí no Rio do Meio a convivência com a minha tia Zefa, acho que estava começando a ficar grandinha e ela com cinco filhos homens, só eu de mulher. Deparava (me) muitas vezes, sempre com meu tio, sempre no meu quarto, deparava às vezes também com o meu primo dentro do meu quarto. Teve uma vez que minha tia, sempre quando ela viajava eu ia junto, que eu acho que ela já devia saber de alguma coisa né? E aí, (...) uma vez ela viajou e eu fiquei. Como eles tinha uma padaria e tudo, que era do lado da casa (...), era mais ou menos umas três, quatro e meia da manhã eu deparei com meu tio mexendo em mim e aquilo me incomodava muito, que eu tinha muito medo, porque eu era pequena, deveria ter meus dez, nove anos por aí, ele mexendo em mim, mas não chegou a fazer nada (...) aí chamavam ele, ele trabalhava na padaria, chamavam ele e ele sempre saía (...). E eu nunca contava pra minha tia que eu tinha receio de sozinha, eu não sei o que ia acontecer, também tinha o filhos mais velho que... quando eu tava dormindo à tarde, eu acordava sempre com ele me perturbando,

---

<sup>202</sup> Idem.

mas também não fazia nada, só mexia comigo. E tinha um outro também, um filho dele do meio, que sempre tentou mexer comigo (...).<sup>203</sup>

Esta violência contra a criança, principalmente a do sexo feminino, é denunciada por Jorge Amado que concretiza em Tereza Batista estas questões que de tão frequentes, se tornaram habituais em algumas regiões baianas, no caso específico das meninas, que desde crianças já carregam toda a conotação sexual que as dividiram em grupos na sociedade. Tereza está cansada de uma guerra que não foi ela que começou, uma guerra que, como a de Maria das Neves, lhe foi condicionada e imposta de modo violento.

Jorge Amado limita demais as mulheres a uma condição pré determinada antes mesmo delas nascerem. Esta idéia é gritante no romance “*Tereza Batista Cansada de Guerra*”, que merece aqui uma atenção especial, por amadurecer conceitos e idéias do autor paralelos aos fatos narrados. Tereza ficou órfã muito cedo e passou sua curta infância com uma tia, assim como Maria das Neves. A ajuda entre parentes, que inclui cuidar e “criar” crianças, que pelos diversos motivos ficam desamparadas, é recorrente na região, reforçando até os dias de hoje características da sociedade patriarcal de tempos coloniais.

Tereza foi uma criança livre, gostava de correr e subir em árvores. Com os meninos, seus colegas, aprendeu “que um bom guerreiro não chora”. Aos doze anos ela foi vendida para o Coronel Justiniano, famoso por violentar sexualmente meninas virgens e pobres, por uma quantia irrisória e um bracelete barato. O tio foi contra a venda, não por um motivo nobre, mas porque era ele quem queria tirar o “cabaço” da menina. O autor já havia nos revelado que o tio olhava a menina, ainda uma criança, com olhos de malícia, denunciando uma realidade violenta contra as mulheres, que ainda novas estão vulneráveis a violências sexuais.

Estas mulheres são condicionadas à “coisa sexual”, e a violência disso é tão grande e concreta que elas chegavam a ser vendidas, e este crime era justificado e legitimado como uma prática comum nesta região específica, assim como em outros espaços do Brasil.

---

<sup>203</sup> Fragmento da entrevista de Maria das Neves Alves Santos Teixeira, 45 anos, última filha de Aureliza e Francisco, realizada pela autora na casa de Maria de Fátima, sua irmã, em São Paulo, dia 09/08/2010 às 15hrs.

Não que Tereza houvesse lhe dado tamanha despesa, até ajudava nos afazeres de casa e do roçado. Mas quanto custou muito ou pouco, a comida, a roupa, o bê-a-bá e as contas, os cadernos para escola, quem lhe deu tudo isso foi tia Felipa, irmã de sua mãe Marieta, morta no desastre da marinete, vai para cinco anos. Agora, quando surgem os pretendentes, é justo, seja ela Felipa, a cobrar e a receber.<sup>204</sup>

Assim Jorge Amado denuncia a lógica construída em torno desta questão e a justifica, segundo as premissas utilizadas dentro daquela realidade, desenvolvendo melhor a idéia quando descreve como se reproduz e se transforma este crime numa prática comum na região:

Talvez um pouco verde de vez ainda, se amadurecesse mais um ou dois anos, estaria no ponto. Assim tão menina, não há como negar, é malvadeza entregá-la ao capitão, mais louca seria Felipa se resolvesse esperar ou se opor. Esperar para vê-la na cama ou nos matos com um moleque qualquer? Se opor para Justiniano levá-la à força, na violência e de graça? Afinal Tereza em breve dias completaria treze anos. Pouco mais tinha Felipa quando Porciano lhe fez a festa e na mesma semana caíram em cima os quatro irmãos dele e o pai e como se não bastasse, lambuzou-a o avô, o velho Etelvino, já com cheiro de defunto. Nem por isso morrera ou ficara aleijada. Não lhe faltou sequer casamento, com bênção de padre. Também vocação de corno igual à de Rosalvo não conhecia na redondeza. Tão chifrudo como cachaceiro.<sup>205</sup>

Felipa reproduziu o que aconteceu com ela no passado, transformando estas relações num círculo vicioso. Jorge Amado, neste caso específico, as contextualiza num espaço determinado, ilustrando questões de gênero encontradas em textos de autoras preocupadas com a questão, qual é o caso de Eri de Mesquita Samara em “O discurso e a construção de gênero na América Latina”<sup>206</sup>. Ao discorrer sobre gênero na América Latina, Samara ressalta a importância de contextualizar etnia e classe social, pois ao construir a identidade desta mulher, sujeito das pesquisas, não se abre espaço para o estereótipo, que por tanto tempo tornou nebulosos os estudos sobre gênero, permitindo preconceitos e equívocos em função da generalização.

“Tereza vinha de uma família muito pobre e no Nordeste é hábito as famílias pobres venderem suas filhas como amantes aos poderosos da região”, diz Joelma Varão

---

<sup>204</sup> AMADO, Jorge. *Tereza Batista Cansada de Guerra*. São Paulo: Martins, 1972, p. 69.

<sup>205</sup> Idem: p. 69 – 70

<sup>206</sup> SAMARA, Eri de Mesquita. O discurso e a construção de gênero na América Latina. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em debate, trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.



Lima na sua dissertação de mestrado intitulada “A mulher na obra de Jorge Amado”<sup>207</sup>. Portanto, evidencia-se desde o início a falta de saída de Tereza, condicionada a perda violenta da infância, a chance ou escolha de tornar-se uma “mulher de família”, sendo obrigada a aceitar sua condição.

Demarca-se novamente com esta discussão, proposta por Amado com este romance, assim como nos demais citados, dois espaços estáticos da mulher: a mulher pública que engloba pobres, prostitutas ou meninas desvirginadas precocemente, e as privadas, conhecidas como “mulheres de família”, filhas de homens mais abastados, preparadas desde cedo para compor o lar e servir aos seus maridos. O fator social e racial também é importante para essa classificação, pois, quanto mais pobre, mais vulnerável ou próximas elas estão do espaço público. É dos espaços públicos também que os negros constroem suas relações cotidianas.

Constata-se que dos dois modos, participando dos dois estereótipos, estas mulheres sempre se submetem aos homens. Assim, a previsão acerca de Tereza é certa: por compor um grupo de mulheres públicas, devido à sua condição de pobre, órfã e brevemente desvirginada antes do casamento, a prostituição será seu único caminho.

Esta condição de objeto sexual e de submissão da mulher ao homem, denunciada na obra de Amado, sustenta-se como parte da mentalidade brasileira nesta região, quando Jorge Amado, um dos responsáveis pela construção ideológica nordestina, priva suas personagens de densidade psicológica.

Por mais que Aureliza tivesse sofrido todas as opressões de uma sociedade sexista, ela reproduzia sempre esta lógica. Conforme o relato de Raimundo, ela se preocupava muito com os estudos dele, porém com as filhas ela não tinha a mesma preocupação. Antes mesmo das meninas chegarem, ela já tinha encontrado emprego para elas em casas de família. Ela não conseguiria mantê-las com o seu rendimento salarial, e por mais que elas fossem menores de idade, já conheciam muito bem o trabalho realizado no mundo doméstico. A reprodução da lógica machista se dá porque

---

<sup>207</sup> LIMA, Joelma Varão. *A mulher na obra de Jorge Amado*. 1994. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1994, p. 130.

esta mentalidade, que continua em constante construção, se acha inserida em nossa cultura, enraizada em nosso cotidiano.

Em São Paulo, as crianças, que já estavam se transformando em jovens, podiam vislumbrar maiores possibilidades antes limitadas na Bahia por pressões externas que as condicionavam devido à classe social, ao gênero e à raça. Em São Paulo a lógica também existia, mas as pressões estavam mais dissolvidas, menos evidentes, disfarçadas.

Por mais que eles não morassem na casa dos sonhos deles em São Paulo, a vida nesta urbe era bem melhor. Tinha apenas uma coisa que os incomodava muito, e não deixava que eles recomeçassem na nova cidade, longe das terras jorge-amadianas. Duda e Nevinha ainda estavam longe deles e já era sabido que eles não estavam sendo bem tratados lá.

Duda tava lá, aí eu mandei recado pra ele (para Edinho), que eu ia... buscar o Duda. Daí ele falou que eu não ia trazer, o Duda não. (...) Ele falou que ia brigar, porque a única coisa que tinha restado do casamento dele, era o Duda. E que o Duda não vinha não, (...) que Duda, que ajudava ele. Duda foi muito escravo dele, da mulher dele. O Duda comeu resto de (comida) e tudo pra não morrer de fome. Aí minha mãe ficou sabendo, aí nós fomos buscar ele.<sup>208</sup>

Sabendo como estavam sendo tratados os filhos, conforme relata Marizete, Aureliza resolveu voltar pessoalmente à Bahia para buscar os últimos dois filhos que faltavam, levou Marizete junto para as negociações com o ex-marido, com quem não queria contato direto. Marizete continua:

Mas, quando chegamos lá, eu deixei minha mãe numa cidade, de... ela ficou em Ibicará e eu fui pra Firmino Alves convencer ele (o pai), convencer ele, dele (...) deixar eu trazer o Duda. Aí eu fui, numa véspera de São João, buscar o Duda. “Me dá o Duda (diz ela para o pai), nós fomo tudo pra lá (para São Paulo) e só o Duda que está aqui. Deixa o Duda ir.” E aí ele falou assim, que não dava o Duda não, mesmo que fosse pra matar o Duda... pra dividir o Duda, mas que ele não dava o Duda pra minha mãe não. Aí, eu tentei convencer ele, mas quando eu saí na casa das vizinhas e tudo, chegou uma pessoa desesperada. Foi me buscar em Firmino Alves, falou: “O Zuza mandou recado pra você pegar e ir embora que sua mãe passou mal...”<sup>209</sup>

Duda, diferente de Raimundo, que não gostava do trabalho na roça, ajudava muito o pai nos trabalhos da lavoura. Ele era o único de que o pai não abria mão, pois

---

<sup>208</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Marizete em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

<sup>209</sup> Idem.

este, além de ajudá-lo, era o único filho homem que tinha ficado com ele, e, como disse Marizete, a única lembrança que lhe tinha restado do casamento com Aureliza.

Marizete sempre esteve muito preocupada com os irmãos, principalmente porque foi ela quem durante muito tempo cumpriu o papel de mãe deles, quando todos ficaram abandonados. O pai não conversava com a mãe de modo algum. Ele tinha sido muito ferido em sua honra por ela. A maioria dos entrevistados disseram que ele nunca havia esquecido sua ex-esposa. O fato é que Aureliza precisava de um interlocutor para mediar um acordo que permitisse a ela levar Duda para São Paulo.

Era véspera de São João, e todos na cidade estavam se movimentando para as diversas festas que ocorriam na região naquela época. Zefa, irmã de Aureliza, também organizava uma festa em sua casa. Era Josefa quem estava cuidando de Nevinha e foi na casa dela que Aureliza se hospedou nesta terceira visita a Bahia, depois da fuga.

Neves ainda era pequena, tinha 6 ou 7 anos quando sucederam-se os fatos, mas ela ainda guarda na memória, aquele movimento que não compreendia direito, mas que sentia ter sido decisivo em sua vida. Estas lembranças de infância são as únicas que podem reconstituir o que aconteceu com Aureliza naquela casa, todos os outros testemunhos já faleceram:

(...) Era uma noite de véspera de São João, tinha sempre festas, festas, festas e eu lembro que a gente sempre ia dormir mais cedo, primeiro que os adultos. E eu lembro que eu tava deitada num quarto, tava eu e minha mãe pelo fato dela ter ido lá né? Visitar a gente. E minha mãe no quarto, e eu lembro que ela começou a passar mal, começou a passar mal e eu lembro que eu acordei e me falaram que eu tinha que dormir e tal. E eu ouvi aquele rebu dentro do quarto, era um rebu dentro do quarto e era um entra e sai, um entra e sai, um entra e sai. E aí o pessoal, acho que já sabia o que tinha acontecido e individualizou os adultos e as crianças, eu fiquei no quarto junto com meus primos e o pessoal ficou no outro quarto. E eu sempre tive vontade de chorar, de chorar, de chorar, e ninguém me falava nada, ninguém me falava nada. Quando foi mais ou menos uma hora da tarde, uma e meia eu consegui saí do quarto que não me deixavam sair e eu me deparei com uma perua branca. E ai como tinha, a casa era grande, tinha entrada de um lado e do outro, eu consegui passar pelo meio de uma das pessoas e fui até essa perua branca, quando eu cheguei nesta perua branca eu vi umas tábua e nessa tábua eu vi uma pessoa coberta com lençol né? Aí ninguém me falava nada, ninguém me falava, aí de repente quando eu tentei pegar, subir, que eu era pequena, na perua para tirar o lençol me descobriram e falaram: “Ela conseguiu, ela tá aqui, ela viu, ela tá vendo o que tá acontecendo”. E ai, quando me falaram que minha mãe tinha morrido aí eu consegui chorar, enquanto não me deram a notícia eu não conseguia chorar, aí eu consegui chorar. Aí depois levaram ela lá pra casa, fizeram aquela coisa toda pra fazer o velório e tudo, tiraram a foto de mim (...) que eu acho uma

coisa impressionante, nunca deveriam fazer isso porque eu acho que é uma coisa que marca muito, me marcou muito.<sup>210</sup>

A narrativa de Neves é fragmentada, como se ela de alguma forma revivesse aquele momento, como quando sentimos uma forte emoção ao assistir a um filme movimentado. A repetição dos momentos que tentavam esconder o acontecimento dela traduz o seu desespero e sentimento de impotência. A mãe, tão ausente, sempre, quando se fez presente na vida de Neves, a abandonou, novamente, sem que antes ela pudesse sentir todo o carinho que Aureliza guardava por ela.

A fotografia a que Neves faz referência é a fotografia do enterro de Aureliza, uma prática comum na Bahia, mas para a menina caçula esta foto é a única recordação que ela tem da mãe:



Fotografia cedida por Maria de Fátima Santos Barbosa, do enterro de sua mãe Aureliza, em Ibicaraí.

Quando Marizete chegou à casa da tia, encontrou a mãe “*no caixão*”. Ela disse essas últimas palavras com um choro muito doído, entre soluços: “(...) *estavam*

---

<sup>210</sup> Fragmento da entrevista de Maria das Neves, em São Paulo, dia 09/08/2010 às 15hrs.

*esperando a gente chegar para pode sepultar ela (...) cabô... cabô a luta pelo Duda, por tudo.*”<sup>211</sup>

Aureliza teve aneurisma cerebral e morreu. Sua luta, porém, não acabou, seus filhos continuaram a busca pelo recomeço. E recomeçaram todos juntos em São Paulo. Marizete conclui:

Eu mais minhas irmãs começamos a fazer a vida, eu, a Fátima, a Graça. Por isso que nós é tanto assim, apegadas uma com a outra. (...) A mulher dele (de Edinho) andou aprontando com (...) ele, aí ele mandou recado que era pra mim buscar o Duda e a Nevinha já era grande. (...) A Fátima falou: “Mari, eu vou arranjar um dinheiro e você vai buscar o Duda mais (...) a Neves”. Ai eu fui buscar eles. Aí nós continuamos a vida. Fomos vivendo, trabalhando, nós nunca brigamos, fomos sempre vivendo um unido com o outro (...).<sup>212</sup>

Aureliza está enterrada no cemitério de Ibicaraí que, ironicamente, localiza-se na antiga “rua das raparigas”, lugar por onde Edinho passava e vivia sua vida boêmia e extraconjugal. Duda e Neves, posteriormente, como já foi dito, foram morar com seus irmãos em São Paulo, onde hoje todos estão unidos e rememoram, assim como na tradição oral africana, suas histórias em reuniões e festas que não negam a tradição herdada do “*povo da Fazenda da Alegria*”.

---

<sup>211</sup> Fragmento de entrevista concedido a autora por Marizete em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.

<sup>212</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas vozes continuam ainda hoje vivas oferecendo pulsação e movimento para a história de Aureliza. História, que ainda hoje penetra o cotidiano de seis irmãos, acalenta as reuniões de família e mantém viva uma tradição que manteve por séculos as histórias de sociedades africanas.

A presente dissertação não pretendeu julgar ninguém, nem nenhuma atitude, utilizou-se porém dos fatos, narrativas e subjetividades contida em todos os seres humanos e nas relações que eles estabelecem com o mundo que os rodeia. Quando se mexe no passado, como foi feito nesta pesquisa, um turbilhão de sentimentos vem à tona. Não foi diferente no caso da memória de Aureliza. Por isso julgamentos, idéias, mágoas, admirações e saudades transitam pelas entrelinhas deste trabalho e podem ser concretizados, resumidamente, por algumas palavras que se fazem presentes aqui, mas se modificam com as ações do tempo:

(...) Eu acho que minha mãe teve a atitude certa, ela não deveria agüentar isso aí, certo? Eu acho que se fosse outra mulher ia fazer vista grossa, coisa que ela não fez e ela não admitia. (...) <sup>213</sup>

“Oh meu Deus do céu, Oh meu Pai do céu, porque que é que aconteceu isso, como é que dona Aureliza sai, meu Deus.” <sup>214</sup>

Eu se fosse eu, no lugar dela, ele não tava me trocando por outra e dizia: ‘meu filho, a porta da rua é serventia da casa, então você vai sair.’ Agora meus filhos debaixo da minha asa não sai não. Sabe por que eu não faria isso, porque deu ponto a ele. <sup>215</sup>

(...) Que medo, menina, parece que uma mulher vai ter medo de homem assim, eu acho que era porque ela, acho que foi a maneira que ela foi criada, acho ela temia assim dele, mas eu não saía não, Luciana, eu não, eu não deixava os meus filhos não, eu não. <sup>216</sup>

A história da minha mãe, agora eu sabendo o que que é o casamento, o que que é ter filho, o que que é ser mãe, eu jamais faria o que ela fez, mas, pelo outro lado, eu acho que eram dois adolescentes que não sabiam o que era a vida, não

---

<sup>213</sup> Fragmento da entrevista de Raimundo em Jundiá, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.

<sup>214</sup> Marinalva reproduz a fala da mãe quando ela soube da atitude de Aureliza de sair de casa numa entrevista concedida a autora, em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

<sup>215</sup> Idem.

<sup>216</sup> Depoimento de Marinalva Silva de Carvalho, 75 anos, vizinha de Aureliza em Ibicaraí, entrevista realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.

tinham experiência nenhuma e eu não dou razão nem pra meu pai nem pra minha mãe (...) eu acho que os dois erro. (...) Jamais eu abandonaria os filhos do jeito que ela fez, mas é aquele negócio, se ela tomou aquela atitude, ela tinha os motivos dela (...) mas eu não condeno nem um e nem outro.<sup>217</sup>

Eu acho que a sua avó teve muito mais visão de família, de melhorar a situação do que o marido, sabe? Por que tudo era muito difícil e ela... tanto que falar assim: “Nossa uma mulher vai largar os filhos na Bahia e vir embora”. Olha o sacrifício desta mulher sentimentalmente (intervenção de Aurora: É ela sofreu muito aqui.) pra conseguir (Aurora completa: dar a volta, ela deu a volta)... Mas como ela conseguiu superar? Trabalhando, juntando dinheiro, se arrumando, pra voltar e mostrar, pra pegar os filhos e vir embora.<sup>218</sup>

Sua avó saiu de uma cultura que devia ser muito pior do que a nossa (refere-se ao machismo, Aurora completa: E a nossa era horrível!) pra enfrentar tudo isso e sozinha. E ela tinha um objetivo né? (...) Pra você ver a visão que tinha a sua avó dentro da época e dentro da cultura que ela viveu. Eu acho que na minha maneira de ver sua avó foi uma mulher corajosa, eu não sei se eu faria isso (Aurora: Eu também não). Ir embora pra uma outra cidade sem saber o que ela ia conseguir lá. Sinceramente, eu não sei se eu ia conseguir ter essa força que ela teve.<sup>219</sup>

Aureliza foi vilã ou heroína? Irresponsável ou visionária? Certa ou errada? Todas essas questões até hoje circulam pelas ruas de Ibicaraí e pela cabeça das pessoas, que diretamente ou indiretamente participaram desta fase de vida de uma mulher que desafiou seu destino. Um destino que pelo percurso convencional da época e do lugar em que ela viveu já estava traçado como uma condição inerente à mulher e podia e pode ser verificado na vida de diversas mulheres que se sujeitavam, e ainda hoje o fazem, a uma opressão masculina. Esta não se propagava apenas nas relações cotidianas, mas na subjetividade de uma ideologia construída aos poucos, inserida nas variadas classes sociais, nos vários grupos, tempos e espaços.

Os espaços tão bem definidos na literatura de Jorge Amado desenharam dois lugares de atuação das mulheres, segregando-as em tipos estereotipados; o modelo familiar definido a partir deste desenho tem influência imprescindível para a compreensão dessas relações. A nova historiografia verifica que não existe um modelo de família nuclear, ela é imposta como um modelo dominante ou pretensamente dominante, mas

---

<sup>217</sup> Fragmento da entrevista de Maria das Neves, em São Paulo, dia 09/08/2010 às 15hrs.

<sup>218</sup> Depoimento de Aurora Clérigo Rente, 75 anos, e Laura Rente Maffei, 70 anos, ambas filha da patroa de Aureliza em São Paulo, entrevista realizada na casa de Laura, irmã dela, em São Paulo, dia 07/10/2010, às 15hrs45min.

<sup>219</sup> Idem.

varia conforme as necessidades culturais, sociais, financeiras e pessoais de cada sujeito social.

Verificou-se, por sua vez, que Aureliza participou de muitos modelos familiares, onde todos estavam influenciados, direta ou indiretamente, pelo famoso modelo de família patriarcal, que durante muito tempo foi considerado o modelo dominante da sociedade brasileira. Este modelo de família foi descrito por muitos historiadores ou sociólogos, dos quais o destaque maior é de Gilberto Freyre, que consagrou o termo em “Casa Grande e Senzala”. Muitos literatos também trabalharam aspectos da família patriarcal, que por muito tempo compôs o cenário dos romances e novelas brasileiras em que Jorge Amado se apresenta como principal expoente.

O desenho dos estereótipos, freqüentes e formadores da ideologia brasileira sexista, presente no processo de criação da identidade brasileira, assola os diversos grupos sociais componentes da sociedade brasileira, tão variada em sua diversidade cultural, mas que traça uma linha homogênea quando se trata dos aspectos ideológicos. Jorge Amado, componente deste grupo de intelectuais nordestinos e preocupados com a construção identitária da região, atribuiu à mulher, uma imagem pintada com as cores de suas impressões pessoais acerca de todos os temas que a circundam, dos quais se incluem e são escancarados no percorrer da obra os fetiches masculinos e as cores da denúncia de uma sociedade observada por ele, e que busca documentar em sua obra.

Esta dualidade na obra de Jorge Amado dá margem a uma confusão de interpretação do que ela realmente representa para a imagem da mulher brasileira. A mentalidade, pautada nesta mesma família patriarcal que o próprio autor denuncia, atrelada ao sentimento revolucionário nutrido por ele e que critica esta opressão e submissão das mulheres aos prazeres masculinos, contribuem para uma polêmica que se torna dialética: Jorge Amado é machista? Sexista ele é, pois transforma o cotidiano social cenário de sua obra numa batalha de sexos, onde a maior arma feminina está em sua sensualidade e sexualidade. As mulheres, sem densidade psicológica individual, são o retrato daquilo que Jorge Amado entende como a mulher, fruto de uma sociedade patriarcal e injusta, dividida em tipos estagnados e condicionados a destinos pressupostos pela sua posição social.

Aureliza saiu deste senso comum, também definido por este universo jorge-amadiano, onde as personagens femininas estão sempre subordinadas aos fetiches



masculinos e à opressão sexual freqüentemente denunciada pelo autor. Amado utiliza-se de toda sua licença poética de escritor criativo, sem limites entre o real e o ficcional, que extrapola os espaços baianos, sempre recorrendo à mitologia africana. Os estereótipos indicam questões sociais de ordem teórica e prática, mas não compreendem os sujeitos sociais que preenchem os espaços pesquisados reais e livres dos preconceitos originados com a estagnação dos sujeitos, nem explicam ou analisam uma sociedade, pois reduzem as práticas sociais e pessoais a uma série de causas e conseqüências sem complexidade, por serem pré-estabelecidas numa análise estagnada no tempo, em tipos sociais e espaços inventados na construção ideológica de grupos sociais dominantes.

A pesquisa de campo na cidade de Ibicaráí, em Ilhéus, e em São Paulo, onde eu fui em busca do meu começo, influenciador direto do meu cotidiano e da minha história pessoal e familiar, mas que não fez parte das minhas experiências vividas, pois Aureliza atuou num recorte temporal que não compreende ao meu, mas me permitiu ser uma observadora imparcial dos acontecimentos, um “Flauner”<sup>220</sup> das cidades onde Aureliza atuou.

Esta dissertação não pretendeu ser bibliográfica, mas se utilizou da história de vida de um sujeito histórico, atuante no seu cotidiano específico, para uma análise social de âmbito ampliado, abarcando uma identidade ideológica que compreende agentes sociais diversos, mas respeitados em suas individualidades, posicionados no cenário social. Cingiu-se, portanto, às questões relacionadas as temáticas gênero, oralidade e literatura, já que as fontes utilizadas no decorrer da análise exigem digressões para sua melhor compreensão.

Toda a investigação histórica, detalhada e explanada, para uma alteração da metodologia utilizada e possível, quando se dá o encontro das fontes que esquadriham o mais íntimo do ser humano: a literatura e a tradição oral, foi trabalhada, a partir da minha preocupação em registrar os momentos e sensações da pesquisa de campo, na região de Ibicaráí e suas cidades vizinhas, que se estendeu para Ilhéus e São Paulo, diluindo toda esta percepção no decorrer da dissertação. Por Aureliza ser minha avó, estive na cidade por onde ela passou e tive facilidade em contatar depoentes importantes dos quais eu colhi informações e fontes, estabelecendo o distanciamento exigido para

---

<sup>220</sup> Personagem estudado por Walter Benjamin, que se destaca por ser um observador de Paris na modernidade, inserido no espaço observado por ele com olhares de estrangeiro.

uma investigação histórica com todo o teor científico pertencente a esta área do conhecimento, mas enriquecendo a pesquisa com todas as facilidade que a minha posição proporcionou.

O fato de Aureliza ter sido minha avó, diferente do que a proximidade de parentesco pode supor, predeterminando uma intimidade ou proximidade com os fatos de forma a influenciar negativamente na utilização da metodologia, me proporcionou um envolvimento com a história e com as pessoas a respeito do sujeito social, sem interferir na cientificidade da análise histórica, pois as subjetividades geradas das fontes tiveram uma avaliação tão concreta quando os materiais que por muito tempo foram considerados como documentos oficiais, tais quais as fontes de arquivo.

Esta proximidade com o tema, as fontes e os depoentes, ora me aproximou dos entrevistados, ora me direcionou pelos caminhos das pedras, facilitando o acesso a lugares por onde Aureliza transitou, me possibilitando o acesso a informações íntimas, ou sensíveis, que eram dificultadas a pessoas estranhas a tudo o que envolve a situação, por não estabelecerem com os entrevistados uma relação de proximidade.

Muitos estudiosos africanos já compreenderam a necessidade de registrar sua cultura, que se faz há milênios de anos pela oralidade de seu povo, imbuídos pela ancestralidade e alimentados pelas suas experiências transformadas em história, quando concretizadas em narrativas. As mudanças comportamentais das diversas sociedades nos variados espaços no mundo exigem esta nova forma de lidar com a história. As transformações constantes da sociedade mudam as formas de relação e os novos pensadores da história justificam positivamente novas fontes que surgem da necessidade de se voltar os olhos para as subjetividades humanas que transformam e expõem a sociedade.

O trabalho oral estabelece uma íntima relação entre o espaço temporal do presente e o do passado, pois quando se permite o lembrar, sempre o faz no tempo do agora. A lembrança é como um filme numa tela de cinema, onde a tela simboliza o passado e a poltrona de onde assistimos o filme representa o presente, de onde remexemos em nossa memória fatos e acontecimentos de nosso passado sensível, experimentado por nós num cotidiano preenchido por acontecimentos históricos e sociais tão preciosos a um historiador. Ou seja, o historiador é um homem do seu tempo.

Trabalhar com memórias e reviver lembranças tão doídas fez desta pesquisa um trabalho árduo, que mereceu uma dedicação meticulosa, pois desde as entrelinhas das narrativas, da metodologia à prática, rios de histórias, de fatos, de experiências e de sensações passaram, regando as margens da história ao transformarem-se em fontes valiosas que revelam o cotidiano, o específico, e assim desnudando o universal da alma humana.

Um historiador não volta ao passado, mas pode vislumbrá-lo de seu presente, interpretando de sua realidade os fatos e fontes a que tem acesso. A pesquisa de campo foi a ponte entre o presente e o passado desta pesquisa, que não se fez apenas nos espaços baianos, mas que se estendeu a outros espaços, concretos e subjetivos que foram contemplados no decorrer desta narrativa histórica, buscando na produção humana resquícios de acontecimentos concretos e reais nos diversos mundos que o ser humano é capaz de inventar. Envolve-se, assim, Jorge Amado, autor criador de um espaço real cheio de verdades a serem desvendadas por leitores gulosos por documentos ou fontes que pintam a paisagem humana.

Este espaço regional baiano gerador de tantos estudos e preocupações, na busca, principalmente, de uma identidade representante de sua nação, estagna e limita no tempo e espaço deste estado tão múltiplo e diverso de matéria humana; a desconstrução desta idéia foi uma preocupação eminente deste trabalho. Seria anacrônico e superficial pensar a região sulina da Bahia, sem enfrentar as diversas teorias e estudos formados em seu torno. Pensar num espaço geográfico como este pressupõe pensar também todas as subjetividades, principalmente ideológicas, que nascem em decorrência da tentativa de criar uma identidade para ele.

Jorge Amado, como parte de um grupo social determinado no espaço de tempo trabalhado nesta dissertação, foi ator e fonte destes escritos, assim como os entrevistados. Estes, além de contribuírem para a reconstituição da história, possibilitaram e ofereceram dados para a análise dos elementos determinantes do acontecimento. Jorge Amado foi um observador de sua época e estava totalmente envolvido com o cotidiano, perdendo, por vezes, o distanciamento que a cientificidade impetra.

A mulher, num âmbito geral e específico desta região, também foi e é vítima desta tentativa de criação da imagem que a represente no espaço e tempo, sem atentar-se, por

vezes, para as especificidades que todos os sujeitos históricos carregam. Há algum tempo os estudos sobre o feminino já apontam para a necessidade de se pensar a mulher como sujeito ativo de sua própria história, atentando-se sempre para a não-anulação dos fatores impostos pela mentalidade, que transformam grupos de mulheres em exceção, quando vislumbramos possibilidades que extraviam as descritas pela intelectualidade, em forma de romances, filmes, estudos sociológicos ou diversos, poemas e literatura em geral, assim como pinturas e toda a manifestação artística que se propõem a este assunto. A historiografia sobre gênero ainda vem se ajustando na busca de caminhos para o estudo das questões em seu torno, que em sua maioria ainda se dão como tabus para a sociedade.

A literatura, principalmente a regionalista, que dentre suas pretensões busca a identidade de um espaço geográfico, ou ainda na tentativa de mostrá-lo conforme sua visão parcial, retrata a sociedade ou as partes dela, estagnadas, paralisadas como numa fotografia, dando margem a estereótipos que, no caso de Jorge Amado, principalmente por causa de sua atuação em outras linguagens, como o cinema e a televisão, passa a habitar o imaginário da população brasileira.

As investigações desta pesquisa apontaram para questões muito discutidas pela historiografia recente, de que o modelo de sociedade descrito e defendido também nas obras de Gilberto Freyre não compreende apenas os estudos de uma sociedade, mas da expressão social, que ao mesmo tempo que estuda esta mentalidade se inclui nela e se desnuda na voz do autor.

O desfecho da história de Aureliza não se encerra com sua morte. A mulher que foi considerada por todos, mesmo diante das discrepâncias de opinião, como uma mulher forte e corajosa, não terminou sua busca do recomeço onde tudo começou, na cidade de Ibicarai.

Eu acho que por ela ter feito isso aí, ela deu exemplo para muitas pessoas, não para a gente (os filhos), mas ela deu exemplo para outras mulheres com a atitude que ela tomou, né? E eu acho que no balanço geral, ela fez o que devia de ser feito mesmo, eu acho que ela deveria fazer isso, não deveria admitir. E... pra você ter uma idéia, de como essa atitude dela marcou tanto né? Ela deu exemplo pras filhas, né? Como que uma mulher tem (que) tratar, assim como também ela mostrou pros filhos né? Por exemplo, eu tenho um exemplo, que eu nunca vou fazer o que o meu pai fez (...). Eu nunca vou fazer o que o meu pai fez, e as meninas tem aquilo lá, se precisar fazer igual à mãe delas fez, elas fazem. Então ficou de exemplo isso aí, eu acho que ela tinha que fazer isso aí, apesar de ter recomeçado tudo, atrapalhou assim uma seqüência de vida que a

gente vinha levando, mas tudo bem. Caímos lá, levantamos, começamos do zero e praticamente toda uma outra vida (...).<sup>221</sup>

Mesmo com todo o sofrimento gerado por Aureliza para seus filhos, diante da decisão, ela não foi julgada negativamente por eles. Sua história foi um exemplo, conforme desabafa Raimundo, seu filho homem mais velho, no fragmento antes transcrito. Depois de morta, com a família desestruturada, os filhos deram continuidade ao recomeço da mãe na cidade de São Paulo. Aqui, cada um, a sua maneira, agarrou as oportunidades que a cidade grande, tão idealizada por eles em tempos de infância, lhes ofereceu. Com dificuldades construíram o sonho da mãe.

Francisco, o famoso Edinho, nunca mais encontrou a paz do relacionamento matrimonial. Com dificuldades financeiras, decorrentes da falência das fazendas que possuía no sul da Bahia, veio para São Paulo, incentivado pela sua nova companheira, Mariinha. Os filhos o receberam na casa que a mãe tinha deixado de herança, mesmo diante do orgulho ferido do pai e da recusa inicial dele. Mariinha o abandonou. Esta, diferente de Aureliza, não se incomodava com a boemia do companheiro, pelo contrário, eles divertiam-se juntos, mas, doente, Edinho não tinha mais o sorriso do povo da Fazenda da Alegria. Os filhos do primeiro casamento estiveram do lado do pai até seu último suspiro.

O casal, desencontrado, teve suas vidas cruzadas novamente. Aureliza, que fugiu tanto da realidade que a humilhava e se concretizava nas farras do marido, morreu em Ibicaraí e foi enterrada no cemitério localizado exatamente na mesma rua onde Edinho se divertia com outras mulheres. Edinho, por sua vez, morreu na casa que Aureliza construiu em São Paulo, quando buscava reconstruir o passado do qual fugiu, na casa construída com as lágrimas oriundas de suas alegrias boêmias, que custaram o recomeço de Aureliza.

---

<sup>221</sup> Fragmento da entrevista de Raimundo em Jundiá, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.

## **BIBLIOGRAFIA (LIVROS/ ARTIGOS/TESES/ ROMANCES/)**

### **Gênero**

BADINTER, Elizabeth. *Um e o outro*. Trad. Carlota Gomes, Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1986.

PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

RAGO, Margarete. Descobrimo historicamente o gênero. In. Cadernos Pagu. *Trajetórias do gênero, masculinidades...* Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP. 1998.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. *Tecendo por traz dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROBLES, Martha. *Mujeres del Siglo XX*. México: Fundo de cultura econômicas (letras mexicanas), 2002.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Enfoques Feministas e a história: Desafios e perspectivas*. In: *Gênero em debate: Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife, 1991.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em Debate, trajetórias e Perspectivas na historiografia Contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.

SAMARA, Eni Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

### **Literatura**

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: literatura e política*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

BRITO, José Domingos de (Org.). *Por que Escrevo? Mistérios da criação literária*. vol.1, São Paulo: Escrituras, 1999.

*CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA*. n. 3, mar. 1997.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

GATTAI, Zélia. *Um Baiano Romântico e Sensual: três relatos de amor/Zélia Gattai Amado, Paloma Jorge Amado, João Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Literatura e Sociedade/ Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo. n. 1, 1996. São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 1996.

LIMA, Joelma Varão. *A mulher na obra de Jorge Amado*. 1994. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1994.

*Literatura e Vida*. Entrevista concedida por George Lukacs a Intvan Simon e Erwin Gyeryan, publicada pela revista húngara Kortars (maio de 1968).

MARTINS, José de Barros (Org). *Jorge Amado 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1992.

*Revista Cadernos de Literatura Brasileira*, Instituto Moreira Salles, São Paulo: 26 nov. 1997.

SOUZA, Antonio Pereira. *Tensões do Tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado*. Ilhéus: Editus, 2001.

TAVARES, Paulo. *O baiano Jorge Amado e sua obra*. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

TAVARES, Paulo. *Criaturas de Jorge Amado*. São Paulo: Martins, 1969.

### **Histórias/ Memória/ Tradição Oral/ Oralidades/ Biografias**

BENJAMIM, Walter. “O narrador”. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, Vol. I, 1994.

\_\_\_\_\_. “A arte na era da reprodutibilidade técnica”. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, Vol. I, 1994.

\_\_\_\_\_. “Infância em Berlin, por volta de 1900”. In: *Obras Escolhidas – Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BESSA-LUÍS, Agustina. *Floribela Espanca*. 3. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes, 2009.

DIAGNE, P. “Historia e Lingüística”. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *Historia General de África*. Vol. I, Madrid: UNESCO, 1982.

DIAGNE, P. “Historia e Lingüística”. KI-ZERBO, J. (Org.). *Historia General de África*. Vol. I, Madrid: UNESCO, 1982.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GUINSBURG, Carlo. *Os vermes e o queijo: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

HALBWCHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPATÉ BA, A. “La tradicion vivente”. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *Historia General de Africa*. Vol. I, Madrid: UNESCO, 1982.

LE GOFF, Jacques. “Memória.” In: *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1992.

MANDELA, Nelson. *Longo caminho para a liberdade: uma autobiografia*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MANCERA, Sonia Corcuerade. *Vocês y silencios de La historia: siglos XIX y XX*. México: FCE, 1997.

PRIORE, Mary Del. *O príncipe maldito: traição e loucura na família imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.

SONTAG, Susan. “Evangélicos Fotográficos”. In: *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VANSINA, J. “La tradición oral y su metodología”. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *Historia General de Africa*. Vol. I, Madrid: UNESCO, 1982.

### **Brasil/ Regionalista / Bahia / Baianidades**

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos, a continuação de Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HOLANDO, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMPOS, João da Silva. *Crônicas da Capitania de São Jorge de Ilhéus*. Ilhéus, Bahia: Editus, 2006.

CUNHA, Rosângela Nunes Sena e SANTOS, Sayonara Cristina de Oliveira Leão dos, *De palestra a Ibicaraí: Uma análise histórica destes espaços em construção – de 1916 a 1955*. 64 folhas (Monografia). Monografia apresentada para a obtenção de graduação em Licenciatura em História na Faculdade Estadual de Santa Cruz em Ilhéus, Bahia, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau, (org) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.) *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MOTA, Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

### **Romances**

AMADO, Jorge. *Terras do Sem Fim*. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

\_\_\_\_\_. *Dona Flor e seus Dois Maridos*. Rio de Janeiro: Record, 1995

\_\_\_\_\_. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, 1970.

\_\_\_\_\_. *Mar Morto...* São Paulo: Martins, 1970.

\_\_\_\_\_. *Tocaia Grande: a face obscura*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

\_\_\_\_\_. *Tereza Batista, Cansada de Guerra*. São Paulo: Martins, 1972.

\_\_\_\_\_. *Suor e Cacau*. São Paulo: Martins, 1970.

\_\_\_\_\_. *Jubiaba*. São Paulo: Martins, 1970.

\_\_\_\_\_. *Tieta do Agreste, pastora de cabras ou A volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensacionais e empolgantes episódios: emoção e suspense!* Rio de Janeiro: Record, 1987.

\_\_\_\_\_. *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo, Martins, 1970.

\_\_\_\_\_. *O Menino Grapiúna*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os Pastores da Noite*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. *O gato malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*. Rio de Janeiro: Record, 1996.



LUFT, Lia. *Mar de Dentro*. São Paulo: Arx, 2002.  
\_\_\_\_\_. *Histórias do Tempo* São Paulo: Mandarin, 2000.  
QUEIROZ, Rachel. *Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.  
RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 2000.  
\_\_\_\_\_. *Angústia*. Rio, São Paulo: Record, 1987.  
BALZAC, Honoré de. *A mulher de trinta anos*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.  
MELO NETO. João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.  
ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.  
VASCONCELOS, Agripa. *A vida em flor de dona Beija*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1985.

### **Filmografia**

Tenda dos Milagres – Mini-série da TV Globo.  
Gabriela, cravo e canela – Direção Bruno Barreto.  
Tieta do Agreste- Direção de Cacá Diegues - Globo Filmes.  
O Povo Brasileiro da obra de Darcy Ribeiro – Direção e Idealização de Isa Grinspum Ferraz.  
Dona Helena – Documentário – Direção de Dainara Toffoli.  
Lygia por Lygia (Programa da Cultura- SESTV)  
Efeito Borboleta – Direção de Eric Bress e J. Mackye Gruber

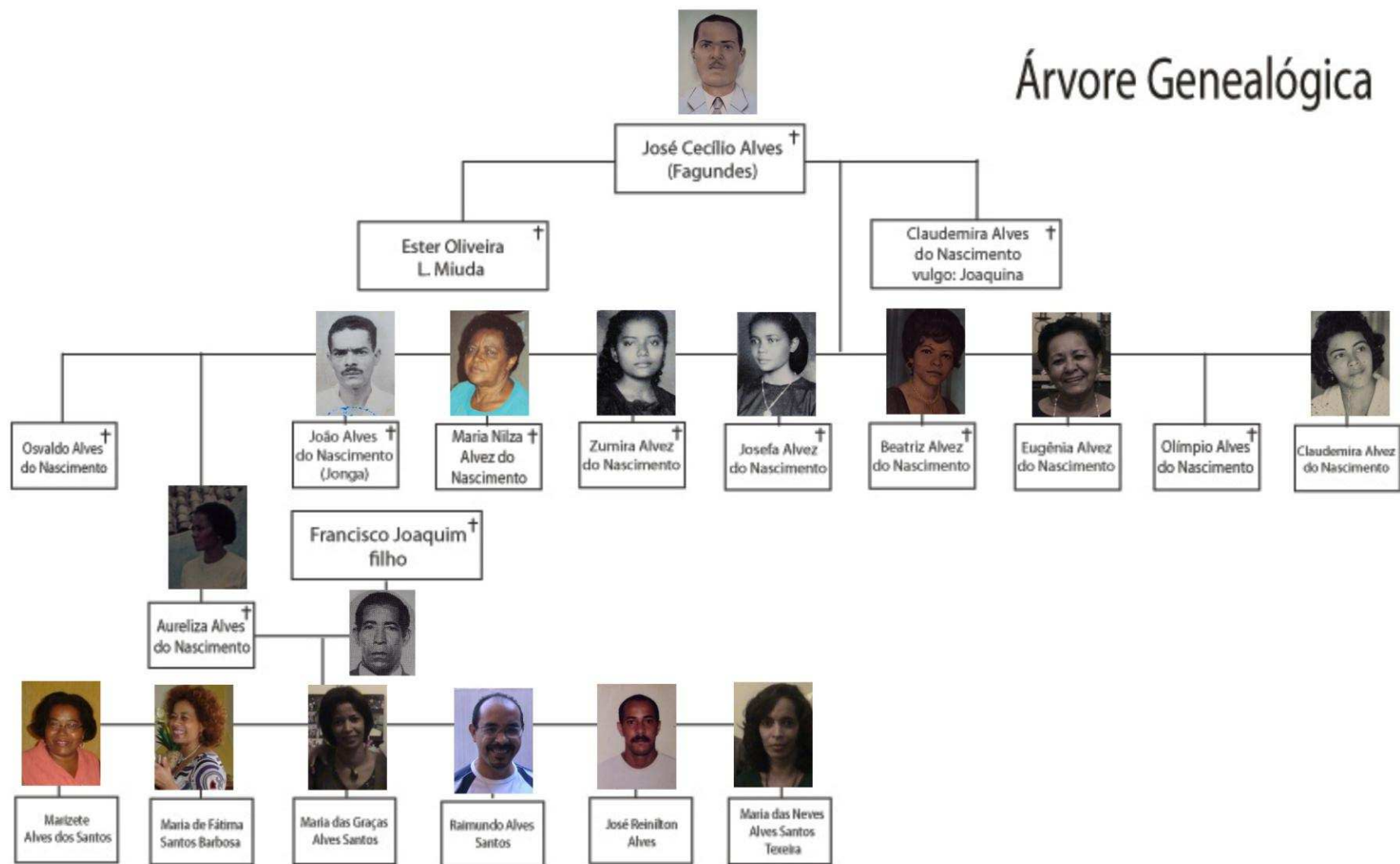
## ANEXOS

### FONTES ORAIS

1. **Marizete Alves dos Santos**, 56 anos, primeira filha de Aureliza e Francisco. Entrevista realizada na casa da entrevistada em São Paulo, dia 03/04/2009 às 15hrs15min.
2. **Maria de Fátima Santos Barbosa**, 54 anos, segunda filha de Aureliza e Francisco. Entrevista realizada na casa da entrevistada em São Paulo, dia 21/02/2010 às 8hrs35min.
3. **Maria das Graças Alves**, 52 anos, terceira filha de Aureliza e Francisco. Entrevista realizada na casa da entrevistada em São Paulo, dia 12/06/2009 às 22hrs42min.
4. **Raimundo Alves Santos**, 49 anos, quarto filho de Aureliza e Francisco. Entrevista realizada na casa do entrevistado em Jundiaí, dia 22/03/2009 às 10hrs22min.
5. **Renilton Alves Santos**, 47 anos, quinto filho de Aureliza e Francisco. Entrevista realizada na casa do entrevistado em São Paulo, dia às 10hrs22min.
6. **Maria das Neves Alves Santos Teixeira**, 45 anos, última filha de Aureliza e Francisco. Entrevista realizada na casa de Renilton, seu irmão, local onde ela residiu temporariamente em São Paulo, dia 19/04/2010 às 12hrs39min e outra realizada na casa de Maria de Fátima, sua irmã, em São Paulo, dia 09/08/2010 às 15hrs.
7. **Claudemira Alves Pontes**, 68 anos, irmã caçula de Aureliza. Entrevista realizada num hotel em Ibicaraí, dia 15/07/2009, às 23hrs45min.
- Eugênia Alves do Nascimento**, 70 anos e Claudemira Alves Pontes, 68 anos, irmãs de Aureliza. Entrevista realizada na casa de Eugenia em Ibicaraí, dia 15/07/2009, às 22hrs15min.
8. **Eugênia Alves do Nascimento**, irmã de Aureliza. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 25/04/2010, às 19hrs20min.
9. **Edmundo Cardoso dos Santos**, 68 anos, esposo de Eugenia, irmã de Aureliza. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Ibicaraí, dia 26/04/2010, às 20hrs.
10. **Luziana Souza de Oliveira**, 26 anos, filha de criação de Eugenia e Edmundo. Entrevista realizada na casa da entrevistada, dia 28/04/2010, às 20hrs20min.
11. **Jose Reis Santos**, 62 anos, sobrinho de Edinho (filho de José). Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 25/04/2010, às 13hrs40min.
12. **Lídia Leão dos Santos**, 60 anos, esposa de Nilson, sobrinho de Edinho. Entrevista realizada na casa da entrevistada em Ibicaraí, dia 25/04/2010, às 13hrs40min.
13. **Isaura Pereira de Jesus**, sobrinha de Edinho (filha de Ana) e foi noiva de Oswaldo, irmão de Aureliza. Entrevista realizada na casa da entrevistada, dia 25/04/2010, às 15hrs.
14. **Josefa Maria Freire**, 94 anos, vizinha da fazenda da sogra de Aureliza, entrevista realizada na casa da entrevistada na fazenda Boa Esperança, em Ibicaraí, dia 01/05/2010, às 10hrs.
15. **Idalice Faria dos Santos**, 63 anos, neta adotiva de Jovelina (Vó Jovem, mãe de Edinho). Entrevista documentário na fazenda que foi de Jovelina, dia 02/05/2010.
16. **Antônio Faria dos Santos**, 55 anos, neto adotivo de Jovelina (Vó Jovem, mãe de Edinho). Entrevista documentário na fazenda que foi de Jovelina, dia 02/05/2010.
17. **Ivanete Faria dos Santos Oliveira**, 55 anos, neta adotiva de Jovelina (Vó Jovem, mãe de Edinho). Entrevista realizada na casa da entrevistada, na fazenda Boa Esperança, dia 02/05/2010, às 22hrs.

18. **Josias Ferreira Vilas Boas**, vizinho de Edinho em Firmino Alves. Entrevista realizada na casa do entrevistado em Firmino Alves , dia 29/04/2010 às 10hrs30min.
19. **Lidia Almeida Vilas Boas**, vizinha de Edinho e professora dos filhos do casal em Firmino Alves. Entrevista realizada na casa da entrevistada em Firmino Alves, dia 29/04/2010 às 10hrs30min.
- Manuel Ferreira de Souza**, 65 anos (70 anos nos documentos), amigo de Aureliza. Entrevista realizada na casa do entrevistado em São Paulo, dia 05/03/2009 às 16hrs.
- Elza Ferreira de Souza**, 67 anos, esposa de Manuel. Entrevista realizada na casa da entrevistada em São Paulo, dia 05/03/2009 às 16hrs.
20. **Marinalva Silva de Carvalho**, 75 anos, vizinha de Aureliza, em Ibicaraí, entrevista realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 16/07/2009, às 11hrs e dia 24/04/2010, às 10hrs30.
21. **Aurora Clérigo Rente**, 75 anos, filha da patroa de Aureliza em São Paulo. Entrevista realizada na casa de Laura, irmã dela, em São Paulo, dia 07/10/2010, às 15hrs45min.
22. **Laura Rente Maffei**, 70 anos, filha da patroa de Aureliza em São Paulo. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em São Paulo, dia 07/10/2010, às 15hrs45min.
23. **Edinai Pinheiro Faria**, 60 anos, vizinha da fazenda da sogra de Aureliza. Entrevista realizada na casa de Irenildes, irmã dela, em Ibicaraí, dia 26/04/2010, às 17hrs27min.
24. **Irenildes Pinheiro de Faria**, 61 anos, vizinha da fazenda da sogra de Aureliza. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 26/04/2010, às 17hrs27min.
25. **Carmelita Alves de Souza**, 77 anos, amante de Edinho em Ibicaraí. Entrevista realizada na casa na entrevistada, em Ibicaraí, dia 03/05/2010, às 19hrs.
26. **Marlene Ferreira dos Santos**, 62 anos, moradora da cidade de Ibicaraí, sua mãe era dona de um prostíbulo na rua do cemitério. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Ibicaraí, dia 28/04/2010, às 11hrs.
27. **Licia Maria Vieira Carvalho**, 63 anos, moradora da cidade de Ibicaraí. Entrevista realizada na loja de livros da entrevistada, em Ibicaraí, dia 29/04/2010, às 18hrs.
28. **Maria Cláudia Gonçalves Solano Pereira**, defensora pública do Estado de São Paulo. Entrevista concedida a autora por e-mail.





# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)